

AMAMBAI: PATRIMÔNIO DA UNIÃO DE UM POVO

**Memórias, Personagens e Histórias
da Fronteira Sul-Mato-Grossense**



ALBERTINO FACHIN DIAS



ALBERTINO FACHIN DIAS

AMAMBAI: PATRIMÔNIO DA UNIÃO DE UM POVO
Memórias, Personagens e Histórias da Fronteira
Sul-Mato-Grossense

1ª Edição

Editora IPES

2026

EDITORA IPES

CNPJ: 35.301.671/0001-77

Equipe Editorial:

Albertino Fachin Dias - Presidente do Instituto IPES

Fabricio Antonio Deffacci - Diretor Editorial

Carlos Otávio Zamberlan - Editor Chefe

Helena Pereira - Revisora Editorial

Contato:

WhatsApp: (67) 99179-2965

E-mails: editoraipes@gmail.com

Endereço: Rua General Câmara, 527, Sala 02,
Amambai/MS

Site: <https://editoraipes.com.br/>

Instagram:

<https://www.instagram.com/editoraipesoficial/>

Projeto Gráfico:

Editora IPES

© COPYRIGHT DOS AUTORES

Todos os direitos reservados. Qualquer parte desta obra pode ser reproduzida, transmitida ou arquivada desde que respeitados os direitos autorais.

Diagramação
Sofia Novais Deffacci
Tuanes Dutra Dias

Arte da Capa
Mirela Vitória Novais Deffacci

Ficha Catalográfica

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Dias, Albertino Fachin

Amambai [livro eletrônico] : patrimônio da união de um povo : memórias, personagens e histórias da fronteira Sul-Mato-Grossense / Albertino Fachin Dias. 1. ed. -- Amambai, MS : Editora Ipes, 2026.
PDF

Vários colaboradores.
ISBN 978-65-84067-26-4

1. Amambai (MS) - História 2. Brasil - Fronteiras
3. Memórias 4. Patrimônio cultural - Amambai (MS)
I. Título.

26-360107.0

CDD-981.71

Índices para catálogo sistemático:

1. Amambai : Mato Grosso do Sul : História 981.71

Maria Alice Ferreira - Bibliotecária - CRB-8/7964

CONSELHO EDITORIAL

Alexandre Assis Tomporoski - Dr. História (UFSC)
Ailton de Souza - Dr. Ciência Política (UNICAMP)
Carlos Buesa Buson - Dr. Comunicação e Educação (UNED/EEES)
Carlos Eduardo França - Dr. Sociologia (UNESP/Marília)
Carlos Otávio Zamberlan - Dr. Economia do Desenvolvimento (UFRGS)
Cinval Filho dos Reis - Dr. Educação (UFU)
Cláudia Maria Sonaglio - Dra. Economia Aplicada (UFV)
Dores Cristina Grechi - Dra. Economia do Desenvolvimento (UFRGS)
Eliana Lamberti - Dra. Economia do Desenvolvimento (UFRGS)
Eliotério Fachin Dias - Dr. Direito (USP)
Elson Luiz de Araujo - Dr. Educação (UNICAMP)
Fabricio Antonio Deffacci - Dr. Ciências Sociais (UNESP)
Fabricio José Missio - Dr. Economia (UFMG)
Francis Régis Barbosa - Dr. Desenvolvimento Regional (UNIOESTE)
Giovane Silveira da Silveira - Dr. Geografia (UFMS)
Herbert Gomes Martins - Dr. Ciências e Engenharia de Produção (UFRJ)
Jandir Ferrera de Lima - Dr. Desenvolvimento Regional (Québec/UQAC)
Jonattan Rodriguez Castelli - Dr. Economia (UFRGS)
José Antônio de Souza - Dr. Letras (UEL)
Leandro Marciano Marra - Dr. Ciência do Solo (UFLA)
Luciléia Aparecida Colombo - Dra. Ciência Política (UFSCar)
Marcelo Fetz de Almeida - Dr. Sociologia (UNICAMP)
Marinete Aparecida Zacharias Rodrigues - Dra. História Social (USP)
Moisés Centenaro - Dr. Administração (UNISINOS)
Omar Jorge Sabbag - Dr. Geografia (UNESP)
Oz Solon Chovghi Iazdi - Dr. Ciências Econômicas (UNICAMP)
Paulo Fernando Jurado da Silva - Dr. Geografia (UNESP)
Pery Francisco Assis Shikida - Dr. Economia Aplicada (ESALQ/USP)
Rafael Fernando Hack - Dr. Filosofia (UFSCar)
Rosele Marques Vieira - Dra. Economia do Desenvolvimento (UFRGS)
Rosenery Loureiro Lourenço - Dra. Ciências Contábeis (UFRJ)
Victor Azambuja Gama - Dr. Economia Aplicada (ESALQ/USP)

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
PARTE I – MEMÓRIAS, INFÂNCIA E COTIDIANO.....	14
RAIOS E TROVÕES	14
AS PIPAS NOS VENTOS DE AGOSTO!	15
SEM TEMPO?	16
GERAÇÃO ANALFABETO DIGITAL	19
"BENÇÃ PAI! BENÇÃ MÃE"	21
LEMBRANÇAS E MEMÓRIAS DO PASSADO	22
BRINCADEIRAS DE CRIANÇA	23
BUENAS!	25
CARTAS DE AMOR!	26
AMAMBAI NOS TEMPOS DOS NOSSOS AVÓS.	28
DESFILES CÍVICOS	31
COMÉRCIO DE SECOS & MOLHADOS E ARMARINHOS ..	33
CARREIRADAS	35
FOTOS DE FAMÍLIA	37
PARTE II – TERRITÓRIO, ERVA-MATE E FORMAÇÃO REGIONAL.....	40
O RIO JOGUI	40
DEVANEIOS PELO AMAMBAHY	40
CÓRREGO AREIÃO	42

A PONTE DO AMAMBAÍ QUEIMADA - 1925	43
1919 - VILA UNIÃO - 1985 - PEDRO ICASSATI DUARTE	47
KARAY ERVATEIRO	49
DO ESPAÇO ERVATEIRO DO PASSADO AO ESPAÇO URBANO ATUAL	50
COOPERATIVA DE PRODUTORES DE ERVA "UNIÃO" ..	51
TRANSPORTES ANTIGOS DO PATRIMONIO UNIÃO ...	56
AMAMBAI NASCEU ABRAÇADA A SEUS RIOS, MAS SUA POPULAÇÃO VIRARAM AS COSTAS!!!	58
ALÇAPRIMA	59
CARAVANAS DE IMIGRANTES SULISTAS	62
MARCA DE GADO	65
SEGURANÇA NACIONAL NA FRONTEIRA	66

PARTE III - PERSONAGENS, PIONEIROS E MEMÓRIA SOCIAL	77
CORONEL VALENCIO DE BRUM	77
PEDRO MANVAILER	81
SIDNEY VARGAS BATISTA	82
PADRE GENESIO TREVISAN.	85
JOÃO PANTALEÃO DOURISBOURE "PANTITA"	90
JERONIMO DE OLIVEIRA BELMONTE	91
ODIR VIDAL	92
WALMIR DA ROSA PEIXOTO	94
JOSÉ RAHAL NETO	96
MISSIONÁRIA ANNA MAE LOUISE WOLLERMAN	97

MARIA OROZINA DE OLIVEIRA MARTINS	99
JOAO DE ALMEIDA	102
WILSONIR GOMES VASCONCELOS	103
BENJAMIN MARTINS E JOANA BATISTA AZEVEDO MARTINS	104
NESTOR SILVESTRE TAGLIARI	108
HILTON PEREIRA VARGAS	112
SERVILIANO DOURISBOURE	114
HERON DA ROSA BRUM	115
SILVIO BERRI	118
ESTHER GOMES ERGAS	127
MARLENE VILARINHO ALBUQUERQUE	131
JOÃO RODRIGUES	133
ZENÓBIO NEVES DOS SANTOS	134
BENIGNO DE VASCONCELOS	139
HUMBERTO PUIGGARI COUTINHO	141
JOAO IGNACIO	144
ANTONIO MARTINS DUTRA	146
LICIO BORRALHO	148
PADRE BONFILHO MÂNPIO	151
PADRE AMADO GASTÃO DECLEENE	152
HELIO AMARAL - AUTOBIOGRAFIA	154
ANTONIO FUJIWARA - DEPOIMENTOS DE JANE E IVANILDE FUJIWARA	166
TEODORO LOPEZ DINIZ	170
PERSONAGENS DE AMAMBAI	171

PARTE IV – SAUDADE, AFETO E HOMENAGENS.....	178
MEU AMIGO MEIRE!	178
TERTULIANA FREITAS DE SOUZA - TUTA	178
DANIEL ESCOBAR	180
WILSONIR GOMES VASCONCELOS	181
TRISTEZAS DA SAUDADE	182
ÁGUAS PARADAS NÃO MOVEM MOINHOS... ..	182
SAUDADES!!! PROFESSORA VIVIANE	183
AMIZADES	184
AMIZADES II	186
PARTE V – POESIA, ORALIDADE E CULTURA POPULAR.....	187
AS JARDINEIRAS E OS SONHOS	187
A ARTE DE AMAR NO NASCIMENTO	188
ANOTAÇÕES DA VÓ CORNÉLIA	190
DESFILES	191
DÁ-SE A LUZ	192
APELIDOS	194
APELIDOS II	196
CONCLUSÃO	198
SOBRE O AUTOR.....	202

INTRODUÇÃO

Escrever sobre Amambai é escrever sobre memórias que insistem em permanecer vivas no coração de um povo. É voltar os olhos para um passado construído por indígenas, ervateiros, carreteiros, pioneiros, professores, religiosos, comerciantes, agricultores e tantas outras pessoas simples que ajudaram a formar a identidade desta região de fronteira. Esta obra nasce justamente desse desejo: registrar fragmentos da história, das lembranças, dos costumes e das experiências vividas por homens e mulheres que fizeram parte da construção social, cultural e humana do antigo Patrimônio União, hoje município de Amambai/MS.

Ao longo dos últimos anos, por meio do blog “Amambai - Patrimônio da União de um Povo”, procurei reunir fotografias antigas, relatos orais, textos memorialísticos, poesias, documentos históricos e homenagens a personagens que ajudaram a construir a trajetória regional. Muitas dessas histórias estavam dispersas em gavetas, álbuns de família, lembranças dos mais velhos ou mesmo guardadas apenas na memória daqueles que viveram os tempos antigos da cidade. Outras corriam o risco de desaparecer

com o tempo, levadas pelo esquecimento natural das gerações.

A proposta desta obra não é produzir uma história oficial de Amambai, mas registrar sentimentos, experiências e percepções sobre uma cidade construída pela diversidade cultural da fronteira sul-mato-grossense. Aqui convivem elementos da cultura brasileira, paraguaia e indígena, formando uma identidade singular, marcada pela oralidade, pelos costumes regionais, pela convivência comunitária e pela forte relação com a terra, os rios e os ervais.

As páginas deste livro carregam o cheiro da terra molhada após as tempestades de verão, o barulho das carretas de bois cortando estradas de chão, o som das fanfarras nos desfiles cívicos, as brincadeiras de infância nos quintais e ruas sem asfalto, o sabor do mate compartilhado entre amigos e compadres, além da saudade de um tempo em que as relações humanas pareciam mais próximas e solidárias.

Amambai nasceu abraçada por rios, córregos e matas. Cresceu impulsionada pela exploração da erva-mate, pela chegada de migrantes de diferentes regiões e pelo trabalho árduo dos pioneiros. O antigo Patrimônio União foi ponto de encontro de culturas, sonhos e esperanças. Cada estrada aberta, cada ponte construída, cada

escola fundada e cada família estabelecida ajudou a moldar a cidade que hoje conhecemos.

Esta obra também procura valorizar a memória social como patrimônio cultural. Muitas vezes, pequenos acontecimentos cotidianos possuem enorme importância histórica. Uma fotografia antiga, uma brincadeira de criança, uma carta de amor, um apelido popular, uma carreirada de domingo ou mesmo um simples armazém de secos e molhados revelam modos de vida que ajudam a compreender quem fomos e quem somos enquanto comunidade.

A organização do livro foi estruturada em cinco partes principais.

Na primeira parte, intitulada *Memórias, Infância e Cotidiano*, encontram-se textos voltados às lembranças da infância, às brincadeiras antigas, aos costumes familiares, às relações comunitárias e aos modos de vida presentes no cotidiano das famílias amambaienses. São textos carregados de saudade, simplicidade e afetividade.

A segunda parte, *Território, Erva-Mate e Formação Regional*, apresenta reflexões e registros sobre o processo de ocupação territorial, a importância econômica e cultural da erva-mate, os antigos meios de transporte, os rios da região e as transformações ocorridas no espaço urbano e rural de Amambai ao longo do tempo.

Na terceira parte, *Personagens, Pioneiros e Memória Social*, são homenageados homens e mulheres que contribuíram para a formação histórica, política, religiosa, econômica e cultural do município. São trajetórias de vida que ajudam a compreender a construção coletiva da cidade e da região.

A quarta parte, *Saudade, Afeto e Homenagens*, reúne textos marcados pela emoção, pelas lembranças de amigos e familiares, pelas despedidas e pelos sentimentos que permanecem vivos mesmo após a passagem do tempo. São páginas que falam da amizade, do carinho e da importância das relações humanas.

Por fim, a quinta parte, *Poesia, Oralidade e Cultura Popular*, procura registrar expressões culturais da oralidade fronteiriça, linguagens populares, poemas, apelidos e manifestações culturais que fazem parte da identidade regional. É uma seção dedicada à riqueza linguística e cultural do povo amambaiense.

Mais do que um livro, esta obra representa um esforço coletivo de preservação da memória regional. Muitos contribuíram com fotografias, relatos, documentos e lembranças para que este trabalho pudesse existir. A todos os amigos, familiares, pesquisadores e moradores que ajudaram direta ou indiretamente, deixo minha profunda gratidão.

Espero que estas páginas possam despertar lembranças nos mais velhos, curiosidade nos mais jovens e, sobretudo, o sentimento de pertencimento a esta terra marcada pela diversidade cultural, pela luta de seus pioneiros e pela riqueza de suas memórias.

Porque um povo que preserva sua memória preserva também sua identidade, sua cultura e sua própria história.

PARTE I – MEMÓRIAS, INFÂNCIA E COTIDIANO

RAIOS E TROVÕES

- Corre com lençol para cobrir os espelhos!

Assim eram as ordens quando o tempo virava para chuva, pois raios e relâmpagos eram corriqueiros.

Ficar perto de janelas de ferro, não mexer com facas, garfos e colheres.

Queimar ramos benzidos no Domingo de Ramos.

Tudo com a finalidade de abrandar o medo.

O dia virava noite, logo os chinelos estavam nos pés, com medo do raio correr pelo chão.

Durante a tempestade era momento certa para reunir a família, todos no silêncio ou em oração. Assim as atividades caseiras eram interrompidas, algumas mães “se arriscavam” em fazer os deliciosos bolinhos de chuva, as histórias eram contadas com a finalidade de acalmar as crianças algumas que estavam embaixo da mesa ou embaixo das camas, só de tocaia esperando acabar a chuva ou os raios.

Mas quanto tempo duravam os temporais antigamente? Os minutos pareciam eternidade,

cada raio iluminava toda casa. O barulho estrondeante.

O barulho das grossas gotas d'água que tocavam o chão, os relâmpagos que surgiam, por entre, as nuvens, e penetram nos nossos olhos e o som do trovão abalava o corpo inteiro.

Mas o gostoso mesmo era o cheiro de chuva na terra seca, o correr pelas enxurradas ruas abaixo.

AS PIPAS NOS VENTOS DE AGOSTO!

No mês de agosto, tempo de seca, as sementes hibernam na terra aguardando as águas da chuva para nascerem. O vento de agosto leva as folhas e flores dos ipês sem rumo.

E esse vento é que nos permitia nas correrias de criança, dançar com a força da rabiola de uma pipa, correr com o cata vento e soprar até faltar ar nos pulmões para soltar bolinhas de sabão.

Não me recordo dessas ideias e brincadeiras de criança, as bolas nos campos de pelada, os piões com os cordões encardidos, as bolitas de gude.

Mas ainda sonho em poder brincar de empinar pipa, mas por falta de tempo e outros vários motivos o sonho termina.

Imagino que ao soltar a pipa no vento, leva a alma até as nuvens, correndo pelo campo aberto com o rolo de linha na mão, soprando no rosto o frescor.

A pipa foi feita para voar, mas se o vento é frio e fraco não tem graça. O vento é estabanado, pois para de repente e a pipa escorre suavemente de volta ao chão.

Cada pipa tem sua particularidade, feita de jornal ou papel colorido, as varetas são de bambu e a rabiola de plástico que rodopia no ar.

Penso que soltar pipas é mais que isto!

Vamos voltar a infância?

Vamos levantar voo com a mesma leveza da pipa, soltar tudo que nos prende no chão, deixando sem temores tudo que fica para trás.

Pois não existe pipa sem vento. Não existe realidade sem sonhos.

E que graça teria o vento sem a pipa? E que graça teria a vida sem riscos?

SEM TEMPO?

Qual a desculpa para que não tenhamos tempo para nossos momentos de lazer, nossos momentos de oração:

Trânsito, Vida moderna, necessidade de trabalho? Ocupados em redes sociais, compartilhando com amigos virtuais.

Mas nosso passado não era assim.

Nossos momentos do café da manhã, com bolinhos fritos da mãe, café no bule ou um chá de cidreira. O pão caseiro com a manteiga derretendo no miolo.

Os mais velhos em seus cigarros de palha de milho escondidos na orelha.

Nossas mães já se preparando o almoço ou na lavagem de roupa com uma tabua de lavar a beira do córrego ou mesmo do poço com saril.

Quando não era o frango caipira na panela era a carne de porco mergulhada em latas de banha. A mandioca do quintal, além do chuchu e as aboboras, todos temperados com cheiro verde e cebolinha.

Não havia as sobremesas da cozinha e sim frutas do quintal: Laranjas, mangas, abacates, saboreadas sob as sombras.

Após o almoço a preocupação em lavar a louça com sabão preparado com cinza. Com buchas tiradas das beiras das balaústras. Também usadas para tomar banho.

E do fogão surgia o combustível para o ferro de passar.

Do forno a lenha (tataquá) para assar as chipas, sopas paraguaias todas com queijo do leite das vacas do compadre. Tudo com capricho e carinho.

Nas conversas e fofocas, algumas senhoras travavam o guarani para que os filhos não compreendessem o assunto.

Muitas delas ouvindo a radionovela nos grandes rádios a pilha. Ou os senhores se inteirando das notícias e políticas do Brasil e do mundo.

Entre goles de chimarrão entre os compadres, cuias servidas pelos jovens que percorriam trajetos da cozinha a sala, muitas vezes indignados, aguardando o agradecimento do visitante.

A vida era tranquila nesses tempos. Havia espaço e tempo para tudo e todos e ninguém chegava atrasado. Mas isso foi no passado, mais ou menos 50 anos.

Mas então por que toda essa pressa. Temos controle remoto do ar-condicionado a TV de 50 polegadas.

Não se fez de tudo para o homem ter mais tempo? Controles remotos, ar-condicionado, e até no celular controlam-se as portas, janelas e cortinas, o fast food através do delivery.

Sem tempo para curtir os filhos, marido e esposa, ouvir histórias dos mais velhos.

E aí vale a pena correr para tudo e ainda assim chegar fora de hora?

GERAÇÃO ANALFABETO DIGITAL

Essa geração que nasce em plena vigência da era eletrônica, com avanços, disponibilidade de serviços, além da fantasia dos brinquedos que tanto encantam a meninada.

A tendência dos smartphones está inclusive na zona rural, onde adolescentes mesmo sem ter um aparelho, tem acesso nas mídias sociais e em jogos, utilizando aparelho dos pais.

Mas percebemos que a maioria das famílias tem encontrado sérias dificuldades para ter o controle no uso exagerado desse objeto tão fascinante.

Pais não estão sabendo a distinguir e definir o uso correto e adequado do aparelho celular, especialmente para os seus filhos.

Agora como professor participo de conversas entre alunos sobre aplicativos de celulares, que não ousa dizer o nome, pois posso estar enganado. Mas vejo sim, alunos sem entusiasmo nenhum em participar de aulas, atividades. Deixam a desejar nas atividades escolares diárias seja na escola ou mesmo na residência.

Percebo alunos com aprendizado defasado, que podem e vão comprometer todo um futuro, seja na vida pessoal, seja na vida profissional. É a geração analfabeto digital.

Ou seja, alunos que não sabem nem mesmo ler, mas tem uma habilidade enorme para acessar qualquer aparelho móvel.

Totalmente diferente da geração do estilingue. Onde nos meados do século passado, todo menino do interior possuía um canivete, um estilingue, uma sacola para a munição de bolitas de barros, um pão e um monte de cordão no bolso.

Onde após as aulas se reuniam para a principal aventura com a turma: a caçada de passarinhos.

E assim foi o tempo, mas ficaram as lembranças que nossos filhos e netos não terão oportunidade de conhecer.

Tempo maravilhosos, com uma família unida! Onde tinha nossas brincadeiras, mas também as obrigações.

Sem condições de comprar brinquedos novos, mas com todas as ideias e criatividade as meninas confeccionavam bonecas de pano de espigas de milhos e os meninos as armadilhas, as armas de caça (estilingue, bodoque, arco e flecha).

Para manter o fogão da cozinha aceso, éramos convocados a buscar lenhas nos matos, mas achávamos tempo para montar as arapucas para tantos os animais que tinha nas matas!

Nos barrancos dos córregos pescávamos lambaris de peneiras, pulávamos dos barrancos para as águas!

Assim éramos bichos livres, mas sabíamos ler, além de respeitar os olhares repreensivos dos pais e avós, onde jamais nos atrevíamos a ficar ouvindo conversa de adultos,

E HOJE SOMOS O QUE SOMOS!

E A FUTURA GERAÇÃO???

"BENÇÃ PAI! BENÇÃ MÃE"

Quando criança era costume a tomar a bênção dos pais, assim como dos avós, dos tios, dos padrinhos e até das pessoas idosas, costume obrigatório, quase sagrado, em todas as famílias.

Nenhuma criança se levantava de manhã ou ia ou chegava da escola “bença pai”, “bença mãe”.

Ao unirmos às mãos, mostramos que estamos em paz e com nosso espírito em momento de fé.

O sentimento mais forte que sentíamos após pedir bênção era quando ouvíamos o “Deus te abençoe” ou como aqui na fronteira:

“Dios te bendiga mi hijo”.

Essa frase adentrava em nossos ouvidos e chegava ao coração não como um simples pedido a Deus para nos abençoar. Mas de uma comunhão dos nossos pais com Deus.

Nesta nova geração os filhos acham que que “tomar bênção” é uma coisa ultrapassada, antiga, fora de moda. E muitos param de “tomar bênção” de seus pais por pura rebelião.

Se assim você foi criado e percebe que “pedir, tomar a bênção” honra seus pais, volte a” tomar bênção”. Pois ao responder “Deus te abençoe” os pais reconhecem a imponência de abençoar aos seus, mas repassa a Deus o poder da bênção.

LEMBRANÇAS E MEMÓRIAS DO PASSADO

Como é gostoso florescer as lembranças que temos de nossa infância! São lembranças que trazem marcas com cheiro, sabor, carregada de uma saudade gostosa que nos faz vagar no passado.

As recordações que marcam no peito e na alma e com o vento, vêm à tona a cravar uma saudade doída!

Cada momento está guardado e um baú de nossa memória. Baú que quando abre traz momentos que em nossas vidas eram vistas com olhos de criança!

Olhos que se brilham e possuem encantamentos com as coisas simples!

Assim as lembranças são feitas de vida! De descoberta e de transformações!

Nenhuma preocupação. São doces lembranças do passado, de minha infância... São registros nos ajudam a crescer e amadurecer!!!

Da minha primeira professora "Geni" na Escola Municipal Tenente Aviador Antônio João em Caarapó MS.

BRINCADEIRAS DE CRIANÇA

Atirei o pau no gato, ciranda cirandinha, pirulito que bate bate, Passa anel, serra serrador, se esta rua fosse minha, pai Francisco entre outras tantas cantigas. A cantiga acima nos reporta ao passado não muito longe, onde o objetivo era passar ao colega da direita um objeto que ao parar a música, deveria estar com as mãos vazias. Assim era divertido, na inocência e sem malícia.

Outras como o passar anel, onde as crianças com as não juntas e outra com o anel, vai passando suas mãos e entre um escolhido deixava o anel ou outro objeto, sem que os amiguinhos percebessem, e surgia a pergunta: com quem está o anel?

Assim as crianças que hoje são pais e avós desenvolviam as brincadeiras, improvisar com materiais disponíveis, pois com os avanços da tecnologia dos atuais brinquedos, não exigindo curiosidade e nem criatividade de novos brinquedos.

O uso de panos, espigas de milho, madeira, pedrinhas, palitos e até legumes como batatinha e palitos para criar animais, além de brincadeiras como amarelinha, bolinha de gude, cantigas de roda, passa anel, roda pião, empinar pipa, dentre várias outras e, assim, se divertiram por décadas e décadas.

Amarelinha uma brincadeira com forma de exercitar o corpo. Que riscando o chão, com quadrados ou outra forma desenhada a mãos livres numerados de 01 a 10 e no ultimo fazendo uma meia lua denominada CEU, pulando com um pé sé dentro do quadrado.

Também assim a brincadeira de pular corda, onde várias formas de pular com maestria, sem errar o pulo e não acertar na corda.

Com a maestria de um artesão, assim era a criança que produzia seu próprio pião com madeiras das arvores de goiabeira que eram espalhados nos campos de cerrado. E a mesma maestria e um pedaço de barbante surgiam acrobacias espaciais ondem os piões rodopiavam nas mãos e na maioria no chão de terra batida.

Cacos de vidros, peças trincadas, coloridas, verdes assim eram a matéria prima da brincadeira com a bolinha de gude ou bolita, com várias formas de jogar, sendo que uma delas iam andando e jogando a bolita para acertar a dos colegas, andavam vários quilômetros por ruas e estradas.

Pneus de bicicleta ou mangueiras para confeccionar bambolê, das latas de leite ninho, areia e arame surgiam carrinhos que riscavam a areia das ruas da cidade. Pedacos de gravetos, riscos e desenhos no chão eram fazendas nas ideias inocentes das crianças.

São brincadeiras simples, que a rua ou o quintal era o palco onde as crianças usavam para desenvolver suas brincadeiras. E até de esconde-esconde em cima de arvores!

Assim a saudade volta ao passado nos pensamentos das crianças que hoje que veem seus filhos e netos deixando de se interagir por equipamentos eletrônicos, deixando-nos isolados e absortos em nossos pensamentos e saudosismo da época feliz.

BUENAS!

Ultimamente preciso de um achego, pois ando abichornado, devido a esse andaço pelo mundo!

Estou aperreado, arisco e avexado. Pois com todo esse banzé, fica difícil então acho q vou me arredar para uma biboca.

Pois há muita cambada, taluda, que fica bandeando por bailantas. Deve levar umas coças, pois sai costeando pelas coxilhas, pessoas desbocadas, engabelando o vivente estrabulega.

Assim vai ficar estropiado, com fastio, jururu, langabo, muxiba, cheio de perebas. Tanto que vai ficar ressabiado, devendo sentar o facho para não ficar solito.

Porém como sou macanudo, venho matutando em sorver um mate e comer um puchero.

Pois vivente isso não é xumbrega, entonces vou ficar zunindo nos seus zuvido, meu chiru!

CARTAS DE AMOR!

As cartas amorosas imortalizam vivências e sentimentos de um casal. Funcionavam não apenas como um meio de comunicação, mas uma forma de fazer presente quem as escreveu.

As cartas ainda que antigas permanecem como um “documento autêntico”, sendo uma forma espontânea de expressar sentimentos, experiências e emoções. Nas cartas de amor, aquele que escreve, apresenta suas intenções e carregadas de significados ocultos que deveriam ser decifrados por aquele que lê.

Nos relacionamentos entre casais, entre as décadas de 30 a 50, o flerte ou o namoro (jogo de gentilezas, olhadelas, gestos, sorrisos) para os homens não causava prejuízo algum, porém a mesma situação era diferente para as moças. Essas deveriam se preservar para não “manchar a reputação”.

A iniciativa da conquista era atribuída ao homem.

O namoro era considerado uma fase anterior e preparatória para a formalização do noivado e o casamento.

A namorada deveria apresentar-se prendada, recatada, atenciosa, qualidades de garantia de uma futura esposa.

Desde muito cedo a mulher devia reprimir seus sentimentos.

Do namoro ao casamento não deveria durar muito tempo, pois um namoro ou noivado muito longo não era favorável à reputação de uma moça.

O noivado era um compromisso formal com o casamento, onde o casal “poderia” tentar avançar nas intimidades, mas que cabia à jovem guardar sua virgindade até o casamento.

AMAMBAI NOS TEMPOS DOS NOSSOS AVÓS.

Por Dra. Marinete Aparecida Zacharias Rodrigues

Matas com arvores imensas, campos de cerrado, este era o ambiente habitado por indígenas por muito tempo e depois ocupado por pioneiros que chegaram através de estradas antigas, atravessando rios e córregos, enfrentando animais ferozes. Chegavam em comitivas de carretas de bois com várias famílias.

A vila União foi crescendo aos poucos, com casas distantes uma das outras, casas estas construídas de madeira, cobertas de capim sapé ou de tabuinhas de cedro ou ipê. Onde se ouviam o cantar dos pássaros no amanhecer.

A vila não tinha ruas planejadas, transitavam somente cavalos, carroças e carretas de bois.

Transportando os produtos das roças, seja o arroz, milho e até erva mate. Nas chácaras e fazendas produziam do açúcar e café, até o fumo que vendiam para outras cidades. Os primeiros moradores para construírem suas casas, seus móveis e até as carretas de boi usavam ferramentas para derrubar as arvores das matas, e outras diferentes para cortar as tábuas e vigas, eram o traçador e o serrotão.

Para usarem as ferramentas precisavam de duas pessoas, uma de cada lado.

Para trazer as toras dos matos, usavam uma carreta de boi que era usada só para esse fim, eram a alçaprima.

Quando a casa era coberta de tabuinha, cortavam as arvores em pequenas toras de até 0,50 cm e depois com uma cunha de ferro era lascadas as tabuinhas.

Os moveis eram rústicos, porém bonitos. Mesas, cadeiras, camas e guarda louça eram os moveis básicos das casas. Usavam ferramentas como a plaina, a enchó, a pua e até uma ferramenta com nome de menino: Guilherme.

Para os moveis usavam o cedro, para tirar madeira para construir as casas usavam peroba rosa ou canafístula.

A carreta de boi tinha peças de madeira com nomes engraçados, como: Canga (peças colocadas sobre o pescoço de dois bois), Canzil (peças que aos pares atravessam a canga para fixá-la ao pescoço de cada boi) e muchacho, que eram fabricadas de madeiras duras como o Ipê, para o assoalho e as laterais usavam o cedro e uma madeira chamado de cedro.

Assim era o beneficiamento da madeira, até quando a primeira serraria foi instalada em Amambai, conhecida por serraria do Japonês, pois

o proprietário era o senhor Antônio Fujiwara. Madeira para serrar tinha a vontade, pois haviam grandes matas próximas ao novo município que foi chamado de Amambai.

Assim foram instalando várias outras, grandes, pequenas, mas que aos poucos foi acabando com os matos, e assim foram buscando em Paranhos ou Coronel Sapucaia. Muitas foram as serrarias, a do Duque, do Bruno Egídio, a Madama, dos Bonamigo, Vicentim.

Para o consumo dos moradores de Amambai, vários pequenos comerciantes abriram mercados, que na época eram chamados de armazém ou bulichos, onde se vendia de tudo um pouco, do açúcar exposto em saco de 50 quilos, a farinha de mandioca e até ferramentas como martelo e serrotes. Havia na cidade Casa Machadinho, Casa A Sul Mattogrosso, Casa Pinto Costa, Casa Amambai, a do Atilio Bataclin e até a Casa Paratodos. E instalada em 1959 e funcionando ainda tem a Casa Eleviva do senhor Neri Vieira.

Casa Pimentel, Casa machado, Bulicho seco era essa o nome de alguns armazéns que eram instalados nas chácaras e fazendas, pela dificuldade de estradas e transporte, sendo distantes a média de cinco quilômetros de cada um.

DESFILES CÍVICOS

Os primeiros alunos que ocuparam os bancos escolares em Amambai, eram em sua maioria, filhos de lavradores.

Uma parte significativa dos alunos morava na zona rural da localidade, nas chácaras próximas ao núcleo urbano.

As imagens dos desfiles cívicos, que tiveram início em Amambai em 1955 mostravam uma participação significativa de toda a comunidade.

Porém antes disto, conforme relato do Senhor Almiro, O Professor João Nogueira nos anos de 1920, desfilava com seus alunos pela Avenida Pedro Manvailer, declamando poesias.

Na década de 1940 o Professor Alfredo Serejo também realizava desfiles cívicos com seus pequenos alunos.

O dia do desfile era o momento sublime para os alunos, em particular para aqueles que iriam ser destaque nas ruas e avenida da cidade.

Nos primeiros desfiles, sobressaiam, os alunos que iriam carregar os mastros com as bandeiras, os alunos que iriam participar do pelotão da fanfarra e as meninas que iriam ser balizas.

As balizas eram geralmente meninas que acompanhavam a banda ou a fanfarra da escola

fazendo coreografias de ginástica artística e ou ginástica rítmica seguindo o compasso da música.

Participar das comemorações cívicas da escola, ser membro da banda ou da fanfarra, ser componente de carros alegóricos e ou ser balizas era para os alunos ficar em uma posição de destaque, o que trazia para o participante prestígio e reconhecimento

Muitas eram as recomendações para o 7 de setembro.

As fileiras na Avenida Pedro Manvailier, espaço principal onde acontecia o desfile da cidade, deveriam estar no mais perfeito alinhamento.

Os professores acompanhavam os alunos pelas ruas para que eles andassem em linha reta. A ordem precisava ser mantida.

A fanfarra com seus bumbos estabelecia a ordem na avenida.

Os alunos com o bumbo sobre o peito, preso ao pescoço por uma bandoleira, batiam no instrumento com uma baqueta de cabeça almofadada, chamada maceta, e depois a rodava no ar, abrindo espaço, para que alinhada, a fanfarra pudesse passar.

A fanfarra conduzia a ordem no desfile, organizava os pelotões e dava-lhes ritmo para a marcha

Os desfiles atuais principalmente quando patrocinados pelo poder público tem como tendência fazer propagandas da produção e da natureza do município.

Em outros casos, algumas escolas, utilizam o momento para que de maneira alegórica possam fazer suas críticas sociais.

COMÉRCIO DE SECOS & MOLHADOS E ARMARINHOS

Da enxada duas caras, ao rolo de fumo, do açúcar em saca, pesado e empacotado na hora em sacos de papel Kraft.

Assim eram os armazéns de Amambai no século passado.

Era através deles que a população se abastecia (gênero alimentício e o que mais necessitava).

Conhecidos como secos e molhados, bulicho, bodegas, os armazéns tinham de tudo.

Da banha de porco na lata, o salame pendurado, cachaça em tonel e as garrafas para servir na hora e até os cortes de tecidos.

Quem não se lembra dos kichutes e as congas (isso era mais moderno).

Entretanto duas coisas não poderiam faltar: a balança no balcão (a maioria da marca Filizola)

e as conchas nas sacas de açúcar, farinha e outros cereais. Eram vendidos a granel.

Até o fumo era em rolo.

Inclusive as frutas colhidas nos quintais do proprietário da venda.

Não podemos nos esquecer da "caderneta" do fiado.

Caderno cheio de orelhas nas folhas onde era anotado as compras e o valor No final do mês ou no período das colheitas a conta era paga e tudo começava novamente. Bastava ser conhecido para poder comprar assim (fiado).

Sem consulta nem documento (a anotação da caderneta bastava).

O proprietário para ganhar e manter a freguesia se mantinha o tempo todo no atendimento aos fregueses.

Diferentemente dos novos mercados, o A mercadoria era disponibilizada para ao freguês que quando chegava ficava em frente ao balcão e era atendido conforme a sua necessidade seguido da pergunta:

- Pronto, o que mais precisa?

Posso afirmar que convivi por longo tempo assistindo também meus pais trabalhando no armazém em outros locais: (Loanda e Caarapó).

Até mesmo munição para armas de fogo, comércio permitido nesse tempo.

CARREIRADAS

Aos domingos à tarde por muito tempo, a corrida de cavalos foi a grande atração das famílias de Amambai.

A competição para muitos era um acontecimento a parte, na corrida eram tratadas as apostas.

Entre homens na fatiota havia os guris ou piás que se perdiam pela poeira levantada pelos cascos dos cavalos, ainda sempre havia alguma meia guampa depois de alguns goles de cana apostava até o que não possuía. Ao comando, cavalos e jóqueis quem estavam embretados começavam a corrida e onde até o final era uma gritaria só.

Havia um dizer que muitas vezes raças ou pelagens de cavalos influenciavam no resultado para melhor ou pior desempenho, mas qual a melhor? Havia um linguajar diferente para definir os animais: zaino, tordilho, tobiano, douradilho, bragado, rosilho e pangaré, o orelhano, o petiço, e outros.

Entre os patrões e peões havia suas preferências e diferenças, mas era na hora da cancha reta, em que o profissional do lombo do

cavalo mostrava seu valor e poderia ser mais respeitado, sendo que tanto cavalo como o jóquei teriam que trabalhar juntos para vencer e receber juntos o prestígio da plateia.

Ser um bom jóquei era uma qualidade tão imprescindível como a escolha do cavalo que iria montar, saber levá-lo pelas rédeas era quase um dom além de respeitar o adversário ao lado também, pois precisava ser e estar preparado além de reconhecer as qualidades dos outros e, pois, ao abrir as canchas devia impor seu ritmo até o final. Bom jóquei aquele que pesava pouco, pois com as apostas pelo peso do jóquei, ele para encher a guaiaca de chumbo para completar o peso, e havia os donos valentões que diziam: “ponha o que tu quiseres”.

Juízes que determinavam a hora utilizavam um lenço para sinalizar, e outros juízes estavam à espera para definirem o campeão, havia diferenças de vitória por: pescoço, tronco, meio corpo, virilha, isso após alguns definirem qual a luz que dariam ao adversário.

Quando da marcação da aposta, era redigido um contrato com todos os itens que definiam as regras, seja do peso do jóquei até a multa por desistência.

Ao lado da cancha se formavam verdadeiro comercio, da venda de salgadinhos, chipas e até cachaça.

Tendo por finalidade dar publicidade, os donos dos animais ficavam provocando uns aos outros.

O treino dos cavalos em dias ou até meses que antecediam as carreiras era diários, e quando ele percebia que o animal estava quase pronto tirava o tempo. Sendo considerado o bom com o tempo abaixo de 15 segundos.

Após a corrida havia os valentes que questionavam os resultados e muitos foram as trocas de tiros.

As apostas das carreiras haviam as tratadas pelos contratos sejam escritas ou verbais, sendo o dinheiro colocado nas mãos de uma pessoa de confiança dos jogadores. Sendo considerada parada morta, que não poderia ser desfeita.

E havia o jogo da pedra, onde os apostadores poderiam definir qual o valor e o cavalo jogar.

Havia ainda os cavalos considerados azarões que davam ao seu apostador um considerável prêmio da aposta.

Enfim era um encontro de homens dispostos a apostar e assistir aos shows.

FOTOS DE FAMILIA

As fotografias da caixinha de lembranças, composta em sua grande maioria de retratos,

portam representações de uma época, de um determinado modelo de família, de pessoas investidas em seus papéis sociais, provas “incontestes” do progresso econômico e da ascensão social de membros da família: mensagens do passado para o presente.

Assim, uma única fotografia no circuito social de circulação - o âmbito familiar - passa a ser investida de variados significados e leituras, sendo bastante diversificados os relatos pessoais sobre uma mesma imagem.

As fotos podem desbloquear pistas o passado. Podemos aprender mais sobre as pessoas que aparecem nas fotos.

Dessa forma, a fotografia pode ser compreendida como uma mensagem que chegou ao presente e cabe a nós decifrá-la, desvendando a trama que a compõem, buscando alcançar não o visível, mas o que está por trás da imagem.

Porém, hoje, esses artefatos que auxiliam e permitem a construção da memória por grupos de uma forma palpável, colecionável concretamente, podem estar com seus dias contados ou, apenas, terão que conviver lado a lado com uma nova experiência de constituição de memória, onde o predomínio é do virtual e sobre o qual reina implacável a tecla delete - aí o recordado, o guardado, cai no poço do esquecimento.

Como diz aquele ditado: “Povo sem memória é povo sem história”!

Há muitas raridades guardadas e outras se perdendo por aí.

Muitas pessoas não dão importância para as fotos que tem.

Fotos de família captam a essência de uma pessoa ou um lugar, e são uma janela para o nosso passado.

As fotos podem desbloquear pistas do passado. Podemos aprender mais sobre as pessoas que aparecem nas fotos.

É hora de desenterrar aquela velha caixa de sapatos com fotos e levá-las on-line, para que você possa compartilhá-las com a sua família, aprender mais sobre elas.

Procure em seu sótão e em velhas caixas de sapatos para encontrar fotos antigas, bem como por meio de álbuns de família.

PARTE II – TERRITÓRIO, ERVA-MATE E FORMAÇÃO REGIONAL

O RIO JOGUI

Domingo à tarde eu quero paz e alegria
Vou pra barranca tomar banho no Jogui
De Sapucaia verte em nossas cercanias
Suas correntes fazem foz no Iguatemi
Cortando matas costeando Amambai
O rio passa caudaloso refrescante
Nas cachoeiras belas duchas naturais
Caminho curto pra chegar é um instante
De águas puras suas margens se agraciam
Arroio lindo bebedouro de selvagem
Cheio de vida muitos peixes nele habitam
Azul nascente guardo bem aquela imagem
As águas que me banham vão pra bem longe daqui
As águas que me banham são do rio Jogui

DEVANEIOS PELO AMAMBAHY

Sair de Amambai
Com destino ao Guassuty
São dois caminhos
Ao chegar na forquilha

Ou cruza o Canguery
Ou entra pelo curralito
Chegando ao Bariguy
Alcança o Sanga Moroty

Já indo para Nhu Verá
Atravessa o Taquapery
E os campos do Mangay
Entra para o Cerro Peron

Antes do Joguy
Há o Tapuy corá
Do Arroio Corá até o Jaguary
São léguas de caminhada

Nos campos de ervais
Houve disputa pelas terras
Desde o Maciel Cuê
Até no Curussuambá

Aos indígenas pertencem o jaguary
E as terras do Sete Cerro
Outras a beira do sertão
Inclusive no Limoeiro

No transporte para o Porto felicidade
Saboreava os guavirais
Também pelos areais do Chorro
Ou os campos do bolicho seco

Tanto no Piquissiri
E no Ibicuy
Eram terras dos coronéis

Disputas entre Lopes e Caxias
Ocorreram no Iphejun
E nas terras do Tatarem
Terminando no Cerro Corá

Dos areais do Iguatemi
Que abasteciam o Sacaron
E a usina do Pondhuy
Pelas águas da Laguna Itá

CÓRREGO AREIÃO

Os matos ladeando a margem
Da água parada no pocinho
Queria ser vizinho
Da borboleta na areia molhada

O progresso trouxe retrocesso
Do tomar banho quando menino
Era uma grande alegria
Dos meninos sem eira e nem beira

Grandes plantas de samambaia
Regada por água da beira
Que lavava sangue com areia
Do fermento hoje a cicatriz

A marca da pisada
Deixada na infância
Fica hoje na lembrança
Das flores a fragrância

Dessa saudade
Quando pequenino
Apenas um menino
Trago com felicidade.

A PONTE DO AMAMBAÍ QUEIMADA - 1925

Para todos os produtos de importação e exportação do imenso território compreendido entre a margem direita do rio Amambaí e as divisas com a República do Paraguai, nos vales do Iguatemi e Ijuí, onde estão situados os distritos de União, Nhuvera e Sacaron, unicamente existe uma estrada de escoamento: A de Ponta Porã, que atravessa o mencionado Amambaí. O trânsito nessa estrada, onde tantas outras terminam, é intenso. Quem por aí passar não deixará de notar o enorme movimento de carretas, caminhões, autos, cavaleiros e tropas num constante vai e vem; é a artéria principal daqueles sertões, artéria que, além do mais, serve para o trânsito internacional das vilas paraguaias de Pedro Juan Caballero e Capitán Bado, apoiadas nos extremos da grande via de penetração às pastagens e aos ervais que

vão terminar no rio Paraná, que recebe em seu seio as águas dos já citados Amambai, Iguatemi, Ijuí e mais do Dourados e Guiraí, todos navegáveis em largos trechos. É um admirável sistema hidrográfico que, por si só, faz a riqueza inigualável do município de Ponta Porã com todas essas vias de comunicações, que o colocam em uma invejável situação geográfica.

Na realidade é Ponta Porã o município de maior futuro. Quem ali está encontra a facilidade quase inconcebível de transportar-se aos centros populosos tomando direção a acaso. Do centro do grande território sulino partem estradas para Conceição e Panadero sobre o rio Paraguai com facilidade de transporte para Assunção. Preterindo outro rumo, pode escolher entre a que melhor que lhe agrade uma viagem por um dos rios: Dourados, Amambai, Iguatemi, Guiraí, que sairá no Paraná. Conforme a escolha irá ter em Guaira e contemplará o formidável espetáculo das cataratas do Iguaçu e depois rumará para Buenos Aires ou entrará no território paranaense. Se descer o Guiraí, irá mais diretamente, depois de descer o Ivinhema, a Porto Epitácio e daí, pela Sorocabana, a São Paulo. Se, porém, desejar conhecer Mato Grosso, tornará para o norte e com oito horas de viagem em automóvel chegará a Campo Grande, a melhor e mais confortável cidade sobre o Noroeste. Por esta via férrea, irá a Porto Esperança ou, em

direção oposta, a Três Lagoas, caso prefira ir a Santana e passar-se para o território de Minas Gerais, em vez de embarcar-se no rio Paraguai e subi-lo até Corumbá, ponto de partida para Cáceres, Poconé, Cuiabá.

Voltemos a Ponta Porã, a fim de lembrar que de sua sede pode-se viajar de automóvel em qualquer estrada e para os pontos fluviais já referidos.

A principal estrada, porém, é a que, como ficou dito, liga Ponta aos distritos de União, Nhuvera e Sacaron, atravessando o rio Amambai, onde sempre existiu uma ponte que dava vazão ao grande movimentado trânsito. Essa ponte tomou o nome do rio cujas margens eram por ela ligadas.

Em 1924 a coluna Prestes, vinda de São Paulo, foi parar em Porto Mendes, no Paraná. Premida aí pelo exército do general Rondon, tomou de assalto o vapor Belle nele transportou-se para o outro lado do rio, desembarcando em Porto Adela, território paraguaio, indo, depois de atravessá-lo, surgir em Sacaron, distrito de Ponta Porã, para onde marchou, fazendo recuar as forças legais que se achavam em União. Neste distrito se encontrava um regimento provisório, o único que recuou em ordem, ante as forças quatro vezes maiores do comando de Miguel Costa. Ao chegar à ponte do Amambai, o coronel Mario Gonçalves, que comandava o regimento provisório,

depois de atravessá-la, estacou à espera do inimigo. Recebendo, porém, ordem continuar a retirada, incendiou a ponte.

Quando passou o perigo da coluna Prestes, ficou o trânsito interrompido na mais importante estrada de Ponta Porã. Choveram pedidos de reconstrução ao governo de então. Vieram as promessas. O povo foi se arranjando como pôde para passar suas boiadas, suas carretas de mercadorias e de promessas foram vivendo. Nada foi possível conseguir-se dos governos que se sucederam em Cuiabá.

Veio a revolução de outubro de 1930 e, com a vitória, os interventores. Pedidos, súplicas, lamentos agitavam os fios telegráficos para Cuiabá, sem nenhum resultado. A ponte não se reconstruía. Foi então que choferes, carreteiros, boiadeiros e todos que tinham necessidade de atravessar a Amambaí continuamente, arriscando vida e haveres em uma balsa tosca e insegura a cinco mil réis por veículo e a dois mil réis por pessoa ou cabeça de gado, entraram a desejar uma revolução que lhes desse a desejada ponte.

Estalou em São Paulo a revolução constitucionalista. Então, sem medir consequência, os choferes, os carreteiros, os boiadeiros, puseram-se às ordens dos chefes revolucionários em Mato Grosso. E durante de

transporte e a luta nunca aos constitucionalistas faltaram meios de transporte nem o churrasco bem gordo...

Foi por isso também que em todos os habitantes da vasta zona ervateira apagou-se a esperança da reconstrução da ponte sobre o tio Amambai, salvo no peito de um ou outro carreteiro que, ao desatrelar os bois à margem do rio, murmura baixinho para não despertar as antipatias do balseiro, único interessado que as cousas fiquem como estão

- Não faz má... O Getúlio inda faz a gauchada levantá esta ponte.

Em tudo isso, o que dá pena é contemplar-se tamanho entravamento no progresso local por causa de uma ninharia de Vinte contos de réis.

1919 - VILA UNIÃO - 1985 - PEDRO ICASSATI DUARTE

Meu querido Patrimônio da União...
De quando te conheci, pequeno povoado,
Lá longe!... na fronteira arrinconado.
Meio escondido, entre mato e banhado,
Onde nasceste, como fruto de um pecado,
Guardo lembranças, neste coração cansado.

Foi à sombra desse teu chão bendito,
Quando ainda piazito, aí eu cheguei.

Onde na minha infância, alegre brinquei,
Inocente, sem recalques, e falsos anseios.
Onde minha juventude foi um recreio...
Até que p'ra longe de ti me afastei.

Mas o tempo velho, que já vai longe...
Só os recuerdos de ti, deixou comigo.
Contigo ficaram meus primeiros amigos,
Minha mãe, meus irmãos, minha morada,
As alegrias... a primeira namorada...
- De saudade, esquecer-te - não consigo.

Revendo velhas relíquias - na memória...
Lembro das tuas ruas tortas... Eram feias,
Compridas... Sem nome... cheias de areia...
Lembro do poção, onde aprendi a nadar...
Da turma, que se juntava, para brincar,
Nas noites de lubisome, e lua era cheia.

Hoje, solitário e triste, sempre te evoco:
Com amor e carinho, nas histórias passadas,
Mas, minha memória, que já mui cansada
É como ave sem rumo, no vôo perdida...
Vai buscando refúgio, qual caça perdida...
Na tapera dos anos, que já foram moradas.

Agora trocaste de nome, és cidade Amambai...
- Talvez, homenagem ao povo irmão, Paraguay -
Melhor seria, Cel Valencio, ou Ramiro Machado.
- Cultuar suas memórias, melhor teria ficado -

Eles muito fizeram no município, e Mato Grosso.

- É civismo e amor pátrio, cultuar o que é
nosso.

... União teu nome antigo, guardo como
reliquia,

Em respeito aos amigos, que ali nasceram...

- Cidadãos honrados, que contigo cresceram -

Cujos nomes, nos registros, não mudaram...

E a lembrança, que meu velho coração guardou,

Jamais no tempo, nem de leve, de ti se apagou.

KARAY ERVATEIRO

De dia Machete na mão

A noite mate no fogão!

Na semana era o labor na ranchada

No domingo cachaça para esquecer a amada.

O sonho de ficar rico

No trabalho com o Caá

Surgiram Paraguaio

Crianças, moços e velhos.

Com a força e resistência

Nos ombros o peso do raído

Para o sapeco da erva

O calor do carijo

Pelo sonho do ouro verde

Cruzou fronteira sem limite

De mulheres e filhos acompanhado

Do suor o sangue transformado
O serviço era bruto
Armados de fação e o quisê
De junho a outubro
Vestido de xiripá no cancheio

Grito de satisfação
Ecoava pelo erval
Era o entusiasmo do peão
Quando o monteador encontrava uma arboleta

DO ESPAÇO ERVATEIRO DO PASSADO AO ESPAÇO URBANO ATUAL

Observar hoje as estruturas da cidade de Amambai e imaginar o passado, exatos 130 anos, é ver um espaço de matas, seja coberta por uma vegetação baixa ou alta, é ver as águas límpidas correndo por 04 nascentes de água, ouvir o cantar dos pássaros, é escolher o melhor caminho a ser percorrido por carretas de boi ou a cavalo.

Amambai em 1890, com a chegada dos primeiros “mineros” e urus. Fincando madeira para construir suas casas temporárias em seu caati que ficaria permanente. Levantando o peso da erva nas costas até o barbaquá.

É o ver o chão de terra batido para festejar os dias santos com bailes, muitas vezes dançando somente duplas de homens por falta de companheira no Herval.

É o banho no riacho, curtindo a água fria da nascente. É exalar o oxigênio puro, filtrado das milhares de árvores.

É a colheita de plantas para preparar um unguento, seja para as feridas do dia a dia, até para a mordedura de uma cascavel.

Sentir a presença dos primeiros habitantes indígenas, em suas casas cobertas por sapé ou mesmo folhas de pindó.

Sentir saudade dos familiares deixados em outras terras.

Ah! Amambay do passado, hoje com suas mudanças estruturais, suas casas simples e suntuosas, suas ruas e estradas que levam ao longo do Brasil e ao Mundo.

Assim começa novas pesquisas das mudanças do espaço urbano do espaço da margem direita do Pondhuy, a mudança do então distrito do Patrimônio união, até o município de Amambai.

COOPERATIVA DE PRODUTORES DE ERVA "UNIÃO"

Com o arrendamento do Sul do Mato Grosso para a Thomaz Laranjeira e posteriormente para a Companhia Mate Laranjeira. A opressão dos fiscais junto aos produtores independentes de erva-mate. Inclusive o indeferimento dos requerimentos e com expulsão das terras

devolutas, inclusive com assassinato, como foi o caso do austríaco Crissostomo Ort.

Assim os produtores de erva mate residentes no então município de Ponta Porã se reúnem e fundam em 24 de novembro de 1938, o Sindicato dos Ervateiros de Ponta Porã.

Sendo empossado como Presidente o senhor Orcírio Freire e como secretário Lício Borralho, Tesoureiro Emilio Dias Brandão, sendo empossados no Conselho fiscal provenientes da Vila União (hoje Amambai) os senhores João Astolfo do Amaral, Teodoro Jurgieluwicz e Antero Pereira. Constando no livro de registro dos sócios, a relação nominal dos 19 sócios iniciais.

Entretanto não foi possível o registro do Sindicato junto ao Ministério do Trabalho, pois já havia sido criado anteriormente um sindicato de tal função no Paraná com área de abrangência também o Mato Grosso.

Com a implantação do Estado Novo através do Governo Getúlio Vargas e com o pedido de exportadores a fim de não ter problemas com a oscilação de preço e na produção da erva, foi criado o Instituto Nacional do Mate - INM em 13 de abril de 1938.

Sendo o INM um órgão federal, foram criadas em vários Estados principalmente na região sudeste e fora do País a fim de apresentar os produtos.

Com a implantação do INM, a padronização da erva foi denominada por tipo MB1 a erva que seria destinada à exportação; e a do tipo MB2, a erva que era comercializada no mercado estadual.

O produtor de erva só era legalmente considerado produtor ervateiro após registro no INM. Havia ainda os que produziam erva de maneira ocasional, chamados de mateicultores.

Pois o produtor de erva mate era amparado somente por uma lei estadual de 1915 que assegurava aos migrantes (até então simples posseiros) o direito de adquirirem legalmente suas terras e explorarem os ervais nelas situados. Erva até então comercializada somente com a Companhia Mate Laranjeira. Sendo o maior posto de entrega o Porto Felicidade localizada as margens do Rio Amambai, logo após as corredeiras do Rio. Distante aproximadamente 90 quilômetros do Patrimônio União.

A imprensa atacou veementemente a utilidade do INM através do Departamento Regional do Mate, órgão do INM, em Ponta Porã.

O então prefeito municipal de Ponta Porã, Pedro Manvailer, na apresentação de seu relatório anual enviado ao Interventor Federal no Estado, o Sr. Júlio Strubing Müller, justificava a inercia do departamento:

“O Município atravessa, presentemente, uma fase angustiosa de sua vida econômica com a crise

de exportação da herva-mate. Em todos os setores de atividade desta zona nota-se a paralisação dos negócios e, conseqüentemente a deficiência de arrecadação das repartições fiscais da União, Estado e Município. Uma medida de emergência se impunha, com a liberação do câmbio para a herva-mate, a exemplo do que se fez com outros produtos de exportação, em ocasiões idênticas.”

Com o descontentamento dos produtores de erva, e com a política de Getúlio Vargas, deu início na década de 1940, a fundação de cooperativas de produtores de erva mate. Sendo as cooperativas criadas exclusivamente por produtores independentes, sendo a formação da diretoria, composta pelos próprios produtores.

A formação de cooperativas foi incentivada através do Decreto nº 22.239, em 19 de dezembro de 1932 e o decreto nº 581, autorizando a criação das cooperativas do mate.

Em 20 de julho de 1942 é criada a Cooperativa dos Produtores do Mate de Ponta Porã, em 20 de julho de 1942.

Sendo logo formadas as Cooperativas de Amambai (União), Dourados e Iguatemi.

Os objetivos de cada cooperativa exigidas pelo Ministério eram:

Ø obter empréstimos e financiamentos;

Ø financiar a entressafra aos seus associados, adiantamento por conta do mate recebido;

Ø vender e entregar o mate cancheado em condições de embarque;

Ø Dar assistência aos associados, etc.

Para que o produtor pudesse filiar-se à Cooperativa, ele deveria pagar a quantia de vinte mil réis (20\$000).

No controle da entrega de seu produto na cooperativa o associado recebia uma caderneta, na forma de título nominativo, assinada pelo associado e pelo presidente da Cooperativa.

Esta caderneta tinha em seu interior o estatuto integral da cooperativa, e páginas para controle de produto depositado, e sua renda.

A Argentina que desde 1948 havia imposto restrições à importação do mate brasileiro, devido ao desenvolvimento de seus próprios ervais. E em relatório de abril de 1966, a Federação Amambai, afirma que a dispensa dos empregados dos ervais pela proibição de importação por parte da Argentina, já começou e homens vagueiam sem rumo pelas estradas e vilas.

O então prefeito de Amambai Walmir da Rosa Peixoto em carta dirigida a Presidente da Federação, lamenta a atitude tomada pelo INM com a redução da tabela do preço da erva mate e a

rigorosa classificação da erva mate exportada a Argentina e ao mesmo tempo que a erva desclassificada é vendida ao Paraguai que repassa à Argentina, denotando assim uma política de desestabilização comercial da erva mate.

TRANSPORTES ANTIGOS DO PATRIMONIO UNIÃO

Quando os novos moradores do então SMT, sejam paraguaios, sulistas, goianos ou mineiros, chegaram para posse definitiva da terra, tiveram que enfrentar sérias dificuldades, principalmente na infraestrutura precária.

Já a chegada a região era realizada por picadas abertas em plena selva, construindo pontes para a condução das carretas de bois e animais cavaleares. Segundo o memorialista Ney Magalhaes:

Os bois foram desatrelados e desbrochados das cangas. Havia se passado mais de dois anos de caminhadas e tropeadas por terras estrangeiras bastante calmas, porém muitas vezes também hostis pela presença de feras ou bando de quateiros que não se aproximavam apenas pela presença de muitos homens armados ostensivamente como eram os componentes da caravana.

Mesmo nas antigas estradas carroçáveis, abertas pela CML para o transporte de erva mate,

sem revestimento de espécie alguma, eram interrompidas as viagens quando chovia para pois se transformavam em atoleiros intransponíveis.

Sendo que o transporte da erva mate da CML era transportado até o Porto Felicidade para carregamento de chatas que conduziam a Guaíra no PR.

As viagens de carretas de bois compostas por no mínimo de 02 juntas, conduzindo aproximadamente 1.000 kg de erva mate, eram uma verdadeira epopeia, pois demoravam dependendo da distância, até meses.

Amambaiense nato Carlos Jurgieleviczw declara em carta:

Era gostoso ver chegar o comboio de carretas carregadas com erva mate, enfeitadas com penas brancas das garças, e, outros matizes coloridos de vários pássaros, elas paravam para descarregar junto ao depósito existente ao lado da futura cooperativa.

Os primeiros veículos automotores foram adquiridos pelos senhores Xisto Ovando e Rafael Doria, onde que para se locomoverem em determinadas distâncias, deveriam transportar também as caixas de gasolina. Veículos estes que eram oferecidos para aquisição em empresas comerciais de Ponta Porã.

A primeira motocicleta que foi apresentada a população do então Patrimônio União foi do professor João Pantaleão (Pantita), sendo uma motocicleta BSA com válvula na cabeça foi o modelo “L” com 348cc lançada em 1924.

AMAMBAI NASCEU ABRAÇADA A SEUS RIOS, MAS SUA POPULAÇÃO VIRARAM AS COSTAS!!!

Amambai se iniciou pelas paragens de carretas de bois em torno da lagoa de água que hoje abrange hoje as vilas Estrela e Guape.

Cresceu em tornos dos córregos PANDUY, AREIAO e MOROTY, e entre os RIOS AMAMBAI, IGUATEMI E JOGUY.

É muita água! Que tem um papel de grande importância na vida dos amambaienses.

Quando um rio atravessa uma cidade imediatamente ele se incorpora a paisagem urbana e, por consequência, ao imaginário coletivo e as lembranças do passado.

Mas, quando não recebem adequado tratamento adequado tornam-se elementos esquecidos e maltratados no cenário da cidade;

Havendo casos em que o rio desaparece da paisagem da cidade, quando seu leito é recoberto sobre área construída para funcionar com o uso mais frequente de via pavimentada.

Mas onde estão hoje as LAGOAS?

Como estão os CORREGOS E RIOS que sofrem com a poluição, o assoreamento, o desvio de seus cursos e com a destruição das matas ciliares; e a beleza da paisagem fica obstruída pelo mau cheiro, mudança de coloração, incapacidade de uso original de seus recursos?

O rio PANDUY muito utilizado no passado para a GERAÇÃO DE ENERGIA ELÉTRICA e área de LAZER para a garotada que hoje se tornaram AVÓS?

Como estão as encostas do CORREGO AREIAO?

LIXO JOGADO por PESSOAS RELAXADAS que deixam suas marcas através de plásticos, pneus, isopores e outros itens que são despejados diariamente ou levados pela ação do vento.

Além de GARRAFAS de CERVEJA que são “DESPEJADAS” em VIAS PUBLICAS nos finais de semana.

CADÊ o rio que a cidade perdeu?

ALÇAPRIMA

Essas engenhocas consistiam basicamente num veículo composto de um eixo de madeira em cujas extremidades eram fixadas duas rodas de tamanho descomunal, cuja altura podia superar os dois metros.

Era ali, embaixo desse eixo, que eram amarradas as toras.

Conforme o tamanho da tora, cada alçaprima podia deslocar no máximo três toras

Foi pela necessidade de penetrar a mata bruta que ela apareceu. Desengonçada, feiona, de baque duro.

Durante anos foi assim: derrubava-se a arvore, procedia o desbaste, aproveitando-se ao máximo, o comprimento da madeira tombada.

Com o machado, cortava-se a arvore na parte da galhada e, no ponto de bom aproveitamento. Ai, estava a tora: lisa, reta e no diâmetro para uma boa serragem. Isto é, com o aproveitamento de diferentes peças, principalmente taboas.

Depois vinha a seguinte operação: por intermédio de uma ou duas juntas de bois, utilizando-se do processo de “arrastamento” - a tora era levada até a estrada maestra, onde era colocada na “ALÇAPRIMA”.

A alçaprima, corruptela de alçaprema, é de uso exclusivo no sul de Mato Grosso. Como informou o engenheiro Carlos Martins Costa, não é mais do que uma adaptação da carreta ao transporte de toras de madeira.

O rodado tem diâmetro muito maior que o da carreta; as rodas são radiadas; o eixo é de ferro; a sua mesa quase se reduz ao cabeçalho.

Geralmente, acrescenta o mesmo informante, compõe-se de três, quatro ou cinco peças ou vigas triangularmente dispostas, funcionando o cabeçalho como uma espécie de alavanca cujo ponto de apoio está no eixo.

Segundo o Dr. Aral Moreira, a altura da alçaprima é de dois a dois metros e cinquenta centímetros; cada roda tem 16 raios; o eixo é de ferro duplo; o cabeçalho tem 5 metros de comprimento.

Tendo, as suas rodas, diâmetro maior que as das carretas, livravam-se com certa facilidade, quando cruzavam em lugares úmidos, ou os tocos do picadão tosco.

Quando uma alçaprima caía num buraco, logo o machete (FACÃO) e o machado entravam em cena para o preparo das peças fundamentais e indispensáveis, ao trabalho de calce.

Quando saía do buraco, pelo arranco firme dos bois, o “alçaprimeiro” dando vasão a sua incontida euforia, solta o grito pornográfico para o ar.

O grande mártir era o boi, um boi de carreta durava em média quinze anos, o boi que puxava a alçaprima não ultrapassava os quatro anos, pois era atacado de doença nas paletas e no pescoço, devido aos constantes golpes que sofriam com os baques violentos da alça.

Porém, também eram utilizados muares em transportes de madeiras mais leves.

As primeiras alçaprimas que aparecerem no sul do Mato Grosso eram de aroeira, em virtude de a madeira ser de maior resistência.

Juan Arcina Triguarty, talvez tenha sido o primeiro “alçaprimeiro” que exerceu essa profissão em território mato-grossense. Alcançou a celebridade, por sua reconhecida perícia, no transporte de toras em picadas tortuosas, abertas no coração da mata virgem.

CARAVANAS DE IMIGRANTES SULISTAS

PIONEIROS GAÚCHOS

Ao mesmo tempo que a região de Mato Grosso, após a guerra do Paraguai, começava a ser repovoada, o Estado do Rio Grande do Sul era teatro de lutas políticas sangrentas a partir de 1891, perdurando até 1895, quando se extinguiu a Revolução Federalista.

Os vencidos, principalmente, haviam se refugiado nas repúblicas vizinhas – Uruguai, Argentina e Paraguai – de onde muitos, temerosos de represálias ou cansados das lutas em que se empenharam, decidiram emigrar para Mato Grosso.

Foi assim que muitos rio-grandenses que fizeram história no Rio Grande deixaram o seu

nome inscrito na historiografia de Mato Grosso do Sul.

O povoamento dos ricos campos do sul mato-grossense tivera seu início com a chegada das forças do maragato Juca Tigre, em 1894.

De João de Barros Cassal, advogado, coronel Bento Xavier, Antônio Inácio Trindade, capitão honorário do Exército brasileiro, que promoveu intercâmbio entre Mato Grosso e o Rio Grande; Joaquim César, Constantino de Almeida, Felipe de Brum, Davi Medeiros, Policarpo d'Ávila, Pedro Gomes de Oliveira, José Leite Penteado, Antônio Falcão, os Loureiros, Antunes e, além de muitos outros, Augusto Ilgenfritz.

Formara-se, desde então, uma ininterrupta corrente migratória procedente do Rio Grande do Sul.

A farta quantidade de gado, mate e outros recursos ali existentes faziam a felicidade da tropa revolucionária que voltava a sentir-se

Sozinhos, ou acompanhados de familiares, muitos foram os rio-grandenses que cruzaram, durante meses de caminhada, partes dos territórios da Argentina e Paraguai, a cavalo ou em carros-de-bois, até mesmo a pé, antes de chegarem a Mato Grosso. Historiadores rio-grandenses calculam em dez mil o número de gaúchos vindos no final do século 19 e início do

século 20 para a região então assinalada como Nova Querência.

O escritor gaúcho Mário Beck esclarece que essa marcha era feita em quatro escalas ou paradas: a primeira em Posadas, na Argentina; a segunda em Encarnación (Paraguai); a terceira em São Joaquim, divisor das águas do Paraná e Paraguai; a quarta, em Ipeum (atual Paranhos), já em Mato Grosso do Sul. Durante a marcha, “crianças, cachorros e potrilhos iam nascendo”.

“Ali encontraram os nossos coestaduanos, topografias, climas, meios enfim, análogos aos de suas terras natais. Os mesmos horizontes largos das imensas campinas! A mesma sinuosa cadeia de coxilhas! Largas pastagens à criação do gado! E o chimarrão?

Sem ele o gaúcho não se aclimataria. Mas ali existem enormes ervais... E a cuia espumando num amargo, foi mais um atilho que prendeu a guasca ao chão da Nova Querência.”

Alguns gaúchos já estavam, porém, radicados na região antes da grande migração, que ficaram na região depois da desmobilização ocorrida no fim da Guerra do Paraguai, o que facilitou a acomodação dos chegantes, cuja maioria nunca mais regressou aos pagos, mas deixou-se ficar na nova querência onde havia pastagens para o gado e o mate para o chimarrão tradicional.

A região fronteira era como que um prolongamento dos pampas. Tudo isso colaborou para que os rio-grandenses se sentissem em casa.

Os gaúchos Felipe de Brum e Adão de Barros destacaram-se então como anjos tutelares em assistência às comitivas chegantes depois de caminharem por três ou mais meses pelos sertões da Argentina e do Paraguai, enfrentando toda sorte de perigos, além de assaltantes correntinos que infestavam aquelas paragens.

Trazendo para a região os seus usos e costumes, os migrantes gaúchos, de mentalidade mais arejada, exerceram grande influência nos meios reinantes na fronteira, onde vegetava uma escassa população semi-ignara, que se comunicava por meio de um linguajar mesclado de português, espanhol e guarani. Durante anos os gaúchos empenharam-se em luta contra o monopólio da Empresa Mate Laranjeira, que se julgava senhora de todos os ervais da região.

MARCA DE GADO

A prática de registrar a posse sobre algo relevante para o indivíduo ou o grupo assume extrema importância em relação ao gado. Inicialmente criados em campos indivisos, tornou-se imprescindível identificar os animais que ficavam misturados aos de outras pessoas ou de outros grupos.

A utilização das marcas ou sinais no gado pressupõe o reconhecimento público de sua propriedade por uma pessoa ou grupo. Utilizadas desde o início da colonização ibérica na América, o início de sua institucionalização se deu a partir do registro em órgãos, senão oficiais, reconhecidamente portadores de legitimação pública.

A esses registros seguiram-se as regulamentações que procuravam, além de oficializar a marcação em si, orientar a forma e o período a ser feita, discriminar a forma do registro, instituir valores a este, à construção dos ferros e à taxaçoão governamental.

A ferramenta é de metal, normalmente ferro, e é aquecida até que fique vermelha e prensada contra o objeto a gravar.

SEGURANÇA NACIONAL NA FRONTEIRA

A presença militar institucionalizada nos territórios correspondentes aos atuais estados de Mato Grosso, Mato Grosso do Sul e em parte de Rondônia remonta a meados do século XVIII, com a criação da capitania de Mato Grosso, que veio a atender as exigências defensivas das regiões mineradoras e aos projetos expansionistas do reino português na região do rio Paraguai, em prejuízo do reino espanhol, seu antagonista histórico da Península Ibérica.

Sob as ordens dos administradores militares, que passaram a ocupar o posto de governador-geral da capitania de Mato Grosso, os colonos luso-brasileiros ali radicados construíram, entre 1748 e 1800, o Real Forte Príncipe da Beira (concluído em 1783), o Forte de Nossa Senhora do Carmo de Coimbra (concluído em 1775), o Fortim de Miranda (concluído em 1797), e em 1778 a povoação de Albuquerque (posteriormente Corumbá).

Normalmente, essas edificações militares se faziam acompanhar do assentamento de povoados que, em tese, lhes dariam suporte logístico através da formação de lavouras e a produção de artesanato. Não foi por acaso que muitas fortificações erigidas Brasil afora deram origem a várias cidades. Note-se que todos aqueles empreendimentos eram localizados às margens do complexo fluvial Paraná-Paraguai ou de seus afluentes. Sem falar na fundação de Vila Bela da Santíssima Trindade, em 1752, nas franjas da floresta amazônica, no vale do rio Guaporé.

Vale lembrar que o Forte de Nossa Senhora dos Prazeres do Iguatemi (concluído em 1767), construído por ordem de Dom Luís Antônio de Souza (conhecido como Morgado de Mateus), então governador-geral da capitania de São Paulo, foi destruído pelos espanhóis ainda no século XVIII.

GUARDA NACIONAL

A Guarda Nacional foi criada num contexto após abdicação de D. Pedro I, onde ocorriam diversos choques entre nacionais e lusos e havia receio na sociedade que os militares tomassem alguma atitude restauradora, posicionando-se pela volta de D. Pedro I.

O exército tinha sua base formada basicamente de negros, mulatos, homens pobres, na maioria dos casos, sem nenhuma qualificação profissional, pouco considerados socialmente, já os altos postos de comando eram ocupados por estrangeiros, provocando uma falta de confiança do governo na fidelidade do Exército, considerado uma ameaça em potencial ao liberalismo da nova ordem instaurada com a Regência.

Os membros da Guarda eram recrutados entre os cidadãos eleitores e seus filhos, com renda anual superior a 200 mil réis nas grandes cidades, e 100 mil réis nas demais regiões, esses indivíduos não exerciam profissionalmente a atividade militar, mas, depois de qualificados como guardas nacionais, passavam a fazer parte do serviço ordinário ou da reserva da instituição. A Guarda Nacional tinha forte base municipal e altíssimo grau de politização.

A sua organização se baseava nas elites políticas locais, pois eram elas que formavam ou

dirigiam o Corpo de Guardas. Como uma instituição de caráter civil, a Guarda Nacional era subordinada aos Juizes de Paz, aos Juizes Criminais, aos presidentes de Província e ao Ministro da Justiça, sendo somente essas autoridades que podiam requisitar seus serviços. O único cenário em que os guardas nacionais passariam a fazer parte da estrutura militar de 1a linha era no caso dos corpos destacados para a guerra, quando deveriam de atuar como auxiliares do Exército.

Os guardas nacionais deveriam ser repartidos pelas Câmaras Municipais em unidades dentro dos distritos de cada município. A princípio, as unidades seriam da arma de infantaria, ficando a cargo do governo decidir sobre a criação de unidades de cavalaria e artilharia, cabia ao governo escolher os Coronéis e os Majores de Legião da Guarda Nacional. Os demais oficiais, inicialmente, eram escolhidos através de eleições em que votavam todos os guardas nacionais para exercerem um posto pelo prazo de quatro anos, porém tal fórmula foi modificada após a promulgação do Ato Adicional (1834), sendo substituída por nomeações provinciais, propostas das Câmaras Municipais e, mais tarde, por indicações dos comandantes dos corpos.

A Guarda Nacional foi perdendo espaço, com o advento da República, cuja instalação se deu

por conta do Exército, historicamente oposto à Guarda. Foi transferida em 1892 para o Ministério da Justiça e Negócios Interiores. Em 1918 passou a Guarda Nacional a ser subordinada ao Ministério de Guerra, através da organização do Exército Nacional de 2ª Linha, que constituiu de certo modo sua absorção pelo Exército. E desmobilizada em setembro de 1922.

Apesar de sua desmobilização, o Presidente da República, Artur Bernardes, continuou a emitir Cartas-patentes de oficiais da Guarda Nacional, temos casos de cidadãos que prestaram compromisso de lealdade à corporação em 6 de agosto de 1924, cumprindo a determinação da Carta-patente de 2 de janeiro de 1924, assinada pelo Presidente da República e o Secretário da Guerra, com o seu registro ocorrendo na Secretaria de Estado da Guerra, em 4 de fevereiro de 1924.

Diplomas estes, de elevado visual artístico, feitos mesmo para impressionar a quem a eles tivesse acesso, justificando a intenção de consolidar o poder do patenteado junto a sua comunidade.

EXÉRCITO BRASILEIRO

No Brasil, o Exército passou a ser estruturado e organizado de forma profissional a partir do conflito como Paraguai, momento em

que o Império se viu obrigado a aparelhar e criar condições favoráveis para uma batalha de defesa de seu território, assim, passou a haver um recrutamento obrigatório, seguido de uma formação da oficialidade.

Durante o conflito com Paraguai (1864-1870), ocorreu enorme mobilidade armamentista por parte do Império, quanto à organização de Batalhões e Companhias, além de acrescentar a Guarda Nacional como Forças de Linhas (BARROSO, 2000:23). Não havia no Império, sequer um Exército regular, e, portanto, uma falta de estrutura bélica para a tal guerra, e escassez de homens nas forças militares.

Assim, segundo Joaquim Francisco Mattos (1999) que apresenta o número de efetivo militar de 31/03/1864 da Diretoria Geral da Secretaria da Guerra, o total de homens era apenas de 18.320, com 38 do corpo eclesiástico e 1.016 da Guarda Nacional, entre oficiais e praças.

Diante desses dados é importante salientar que o Exército, naquele momento, não constituía a força oficial do Império, uma vez que esta era marginalizada, não tinha uma importância nacional, e se concentrava, em grande parte, no Sul do país, devido a Guerra da Cisplatina e conflitos nessa região.

Assim, esta instituição era formada por homens livres e não proprietários de terras ao

contrário da Guarda Nacional pertencendo seus oficiais à classe de latifundiários e aristocracia imperial.

Em dezembro de 1864, a Província de Mato Grosso foi invadida facilmente pelos paraguaios, fato que traduz a fragilidade militar da região fronteiriça que representava esta província. Nesse sentido, as autoridades provinciais por várias vezes, entre elas nos relatórios de província e mensagens de governadores, apresentavam e reclamavam a falta de estrutura bélica da região para o governo central no Rio de Janeiro, porém sem a devida resolução do problema.

PÓS-GUERRA DO PARAGUAY

Em 1º de março de 1870 termina oficialmente a Guerra do Paraguai. Os efeitos do pós-guerra para o Brasil foram de suma importância, uma vez que representa um marco histórico, pois através desse momento foi possível grandes transformações no cenário social, econômico e político do Brasil.

No decorrer da década de 1870, aquela grande unidade foi desmobilizada e boa parte dos seus efetivos foram repartidos entre as guarnições militares de Mato Grosso:

No início da República operou-se uma verdadeira refundação do Exército brasileiro. Em primeiro lugar, ocorreu um expurgo perpetrado pelas lideranças militares do golpe que pôs fim ao regime monárquico, fato que proporcionou uma renovação do quadro de oficiais do Exército do novo regime. Em seguida, deu-se a formação e instalação do Estado Maior do Exército (1896-1900) e a Guerra de Canudos (1896-1897), que proporcionaram, para a instituição, uma profunda inflexão.

A promulgação, em 4 de janeiro de 1908, da Lei nº 1.860, conhecida como Lei do Sorteio Militar, desfechou o conjunto de reformas que visavam modernizar a força terrestre brasileira.

Com o advento da República, a presença e intervenção estatal acentuaram-se. A extensão de linhas telegráficas ligando Mato Grosso à capital federal, e a construção da ferrovia Noroeste do Brasil (NOB) ocorreram a partir do final da última década do século XIX e nas duas primeiras décadas do século XX, respectivamente.

Por outro lado, a instauração do novo regime trouxe importantes alterações na composição e organização dos corpos do Exército no Estado.

Assim, o Comando das Armas da Província de Mato Grosso deu lugar ao 7º Distrito Militar (1891), que, em virtude de reformulações da disposição territorial da força terrestre

brasileira, teve sua denominação sucessivamente alterada para 13ª Região Militar (1908-1909), Circunscrição Militar de Mato Grosso (1915-1919), Primeira Circunscrição Militar (1919-1934) e, finalmente, 9ª Região Militar (a partir de 1934).

17º RC EM PONTA PORÃ

Em Ponta Porã, para onde estava prevista a instalação de uma nova unidade na década de 1910, o 17º Regimento de Cavalaria Independente, passava por sérias dificuldades no tocante ao recebimento não apenas de efetivos como também de numerários e recursos até para a construção do próprio aquartelamento.

O Exército da primeira década do século XX era uma força em frangalhos, após ter passado por quase uma década de envolvimento em guerras civis e dissensões internas.

Desde 1874 o recrutamento forçado para as forças de primeira linha tornou-se ilegal, em decorrência do estabelecimento da primeira Lei do Sorteio Militar outorgada no País. Posteriormente, em janeiro de 1908, a disposição dos dirigentes republicanos em fornecer levas anuais de recrutas para as forças armadas levou-os a restabelecer o serviço militar na modalidade obrigatória. Entretanto, repetiu-se a experiência dos tempos imperiais e as

autoridades militares brasileiras não conseguiram tornar essa disposição legal uma realidade.

O Exército continuou a depender, na prática, do voluntariado e quando o número dos voluntários genuínos se mostrava insuficiente, recorria-se ao expediente do recrutamento forçado.

Tanto as chamadas forças regulares (Exército, Marinha e Força Pública) quanto as “irregulares”, colocadas a serviço dos coronéis, sobretudo durante os conflitos armados também conhecidos como revoluções, eram parciais ou totalmente formadas, ao menos em sua base, por indivíduos de uma forma ou de outra coagidos. Aliás, nessa época, periódicos mato-grossenses de diferentes colorações partidárias estão repletos de queixas e acusações de parte a parte a respeito desse procedimento.

Há, inclusive, indícios de que oficiais do Exército, ao se envolverem nas questões políticas locais, procuravam aliciar seus subordinados fazendo uso das suas lealdades pessoais para cometer desmandos e desbaratar oposições, à base de truculência.

Em 1912, alguns oficiais que serviam em regimentos de cavalaria na fronteira com o Paraguai aliaram-se às lideranças políticas

locais em suas manifestações políticas e armadas, como o caudilho Bento Xavier.

Parece ter sido o caso do capitão Antonio Netto de Azambuja que liderou a sublevação de parte do 17º Regimento de Cavalaria, de Ponta Porã.

PARTE III – PERSONAGENS, PIONEIROS E MEMÓRIA SOCIAL

CORONEL VALENCIO DE BRUM

Natural do Rio Grande do Sul

Nasceu em 03/09/1876.

Filho de Propicio da Silva Brum.

Mafalda Machado de Brum

Veio para Mato Grosso em 15/01/1.905.

Fixou residência na região do Piquissiri, lado direito do Rio Amambai.

Tinha direito de posse de uma gleba muito grande onde acolheu muitas famílias que chegavam e não tinham onde morar.

Casado em primeiras núpcias com Jovina Correa de Brum, falecida em 26 de dezembro de 1935.

Em segunda núpcias com Alzira Moreira. c/ quem teve um filho: Propicio Moreira Brum.

VIDA PÚBLICA

Em 1913 foi nomeado delegado em Ponta Porã e participou da comissão que pediu uma reserva de terra para o povoado de Amambai.

Fez parte da Primeira Câmara de Vereadores de Ponta Porã. (1.913).

Em 1915 recebeu a Patente de Tenente Coronel, da guarda Nacional e passou a comandar a 28ª Região de cavalaria, sediada em Bela Vista.

Em 1930 foi eleito intendente em Ponta Porã, assumindo em 25 de outubro de 1930.

Sendo um dos primeiros atos como intendente foi a redução de impostos.

Em 1941 volta a ser Delegado do Distrito de paz de Patrimônio União.

Em 1947 foi nomeado Fiscal Estadual junto a Companhia Mate Laranjeira S.A.

Em 1949, foi eleito Prefeito Municipal de Amambai, conforme parágrafo único do artigo 1 Atos das Disposições Constitucionais Transitórias, com o final de mandato a coincidir com o do Presidente da República. Permaneceu no cargo de 18 de junho de 1949 a 22 de maio de 1950.

O Prefeito assumiu a Prefeitura com uma estrutura muito simples, sem recursos e com uma

arrecadação pequena para atender um município muito grande e com e com tudo a ser feito.

Iniciou seu trabalho em atender um déficit na área da educação em 24/06/1949 sancionou a primeira Lei municipal criando Três escolas em Amambai

Iniciou a organização da Prefeitura. Criou o Código Tributário Municipal, código que seguiu o de Ponta Porã, com as adaptações necessárias, trabalho que não foi muito difícil, por ser matéria de seu conhecimento, pois Ele foi vereador e Prefeito naquela cidade. Elaborou o orçamento para este Município

O cel. Valêncio foi eleito para um mandato de um ano e oito meses, que terminaria junto com o mandato do Governador e dos Deputados da AL. (de acordo com o Artigo n do ato das Disposição Constitucionais Transitória da Constituição Estadual de 11/07/1949).

Mesmo tendo sido eleito para um mandato de curta duração ele não concluiu o seu mandato, alegando problemas de saúde no dia 22 de maio de 1950 assinou sua carta de renúncia.

Como a Constituição não previa o cargo de Vice-prefeito que assumir em seu lugar foi o vereador Adolfo Raymundo do Amaral Presidente da Câmara.

HOMENAGENS

Dia 28/10/1924, recebeu menção honrosa do Comandante do Regimento De Cavalaria que consta no Boletim número 53 de 28-10-24, da unidade.

Em 1937, a Praça Central, do Patrimônio União, recebeu o seu nome, tendo sido construído um OBELISCO de alvenaria, no centro dela. Onde foram colocadas duas placas, de esmalte a fogo, com a inscrição “PRAÇA CORONEL VALENCIO DE BRUM”.

Em 1965, foi retirada a cerca de arame que fechava a praça, e construídas as calçadas. e feita a arborização da Praça, retirado o obelisco, e colocado o busto, do Coronel, com uma placa, com as seguintes palavras “UMA VIDA ÚTIL QUE SE IMORTALIZOU NA CONSCIÊNCIA DE NOSSO POVO”.

A lei Municipal 1805/03 criou a comenda de Mérito Coronel Valêncio De Brum.

O Cel. Valêncio de Brum um dos pioneiros e desbravador desta região, onde e exerceu muitos cargos importantes, sem remuneração, movido pelo desejo de servir.

Faleceu aos 79 anos, na data de 30/09/1955.

Deixando uma grande folha de serviços prestados à sociedade amambaiense.

PEDRO MANVAILER

Nascido em São Borja, no Rio Grande do Sul, em 20 de setembro de 1879.

Filho de alemães casou-se com 20 anos, na cidade de Concepcion, na Argentina, com Angelina Ratier.

O primeiro filho do casal, Luiz Felipe Manvailer, nasceu em terras argentinas.

Em seguida mudou-se para a então Vila União, hoje Amambai.

Incentivado pelo irmão, José Manvailer, mudou-se para a cidade de Ponta Porã, onde foi nomeado em 02 de janeiro de 1915 como tesoureiro da Intendência Municipal de Ponta Porã.

Mas por volta de 1917 retornou a Vila União como gerente de uma loja comercial, empresa que um ano mais tarde passaria a ser dono.

É nomeado novamente em 01 de janeiro de 1918 como tesoureiro e é exonerado a pedido em 01 de novembro de 1919.

Em 1936, retornou a Ponta Porã para concorrer ao cargo de prefeito, pelo Partido Evolucionista.

Ao encerrar seu primeiro mandato (1937 a 1940), Pedro Manvailer não precisou concorrer à reeleição.

Foi nomeado ao cargo pelo então presidente da republico, Getúlio Vargas.

Porém, o segundo mandato durou menos um ano. Em 13 de dezembro de 1941, Pedro Manvailer faleceu.

Sua dedicação a vida pública rendeu um elogio épico. Durante uma visita do presidente Getúlio Vargas a Ponta Porã, o prefeito ouviu a seguinte frase do presidente:

“Se todos os prefeitos fizessem como o senhor, o Brasil teria dado mais um grande passo para o futuro”.

A frase está registrada em seu simples túmulo, na cidade de Ponta Porã.

SIDNEY VARGAS BATISTA

Nascimento: 04 de janeiro 1.916 Amambai MT.

Falecimento 23 de julho de 2003. Cuiabá MT.

Mãe: Evangelina Vargas Batista

Pai: Ataliba Viriato Batista

Avós paternos: Marfisa Rosa Batista e José Viriato Batista

Avós maternos: Ana Nunes de Vargas e Rodrigues de Vargas filho

Esposa: Mariana de Almeida Batista.

Filhos: Maria Sidani, Ana Maria, Carlos Joel e Sidney Filho.

Formação: Escola de Contabilidade Osvaldo Cruz Campo Grande.

Em Amambaí exerceu a função: Contador e Representante do Banco do Brasil.

Depois de formado fixou residência em Amambai, depois de encerrar sua atuação na política passou a residir no Porto Morumbi (Eldorado) Ms.

Com idade avançada e problemas de saúde mudou-se para Cuiabá MT, onde faleceu aos 87 anos.

Um fato curioso ocorreu no seu registro de nascimento onde constou apenas o nome Sidney, depois de ter estudado e exercidos todos os cargos é que o seu registro foi corrigido, conforme averbação autorizada pelo MM Juiz de Direito Dr. José Carlos C. C. Alvim em 16 de julho de 1.974.

ATUAÇÃO POLÍTICA

Ingressou na política como membro do diretório do PSD e Presidente.

No dia 19/12/1948, reuniram se os Presidentes do PSD e PTB de Amambai e Ponta Porã e o presidente da UDN de Amambai, para INDICAREM

UM NOME A SER NOMEADO Prefeito Instalador do Município de Amambai recém-criado.

A escolha de seu nome para o cargo ocorreu na reunião presidida pelo Deputado Constituinte Dr. Licio P. Borralho em 19 de dezembro de 1948 com representantes do PSD/PTB de Ponta Porã e Amambai e do Presidente da UDN local, que atendendo orientação do Presidente do Estado teria que ser uma pessoa integrante do PSD.

O nome indicado foi o do Presidente do partido local, Sr Sidney Vargas Batista.

Sua nomeação foi publicada no Diário Oficial do MT de 28/12/1948 pag. 5.

Tomou posse no dia 1º de janeiro do ano seguinte, para um período restrito até a posse do Prefeito eleito.

Sua incumbência principal era instalar o Município.

Iniciou o cadastramento dos Imóveis Urbanos, chegou a expedir alguns Títulos de Propriedade que tiveram de ser cancelados, por falta da aprovação da Câmara.

Limpou várias ruas e consertou algumas pontes e pontilhões.

Com recursos que recebeu do Estado e sem a Câmara para dar respaldo legal a muitos dos seus atos, o Sr. Sidney Instalou a Prefeitura em uma casa na Av. Pedro Manvailer, com móveis

provenientes do extinto Território Federal de Ponta Porã. Com as ferramentas que foram do Território, começou a organizar a cidade.

Nomeou três funcionários: Inocêncio Rodrigues para Secretário; Hilton Pereira Vargas como Tesoureiro e Firmino Martins no cargo de Fiscal

Em 1961 retornou a política como candidato a vereador no pleito realizado em 30/04/1961, Presidente da Câmara de 17/06/61 a 20/06/62.

PADRE GENESIO TREVISAN.

Genésio João foi descendente de italianos, nasceu no Vilarejo de Faxinal do Soturno em 11 de agosto de 1925.

Seus pais foram Jacó Trevisan e Amábile da Ros. Tiveram 10 filhos sendo 06 homens e 04 mulheres, dos homens 04 se tornaram sacerdotes: Alberto, Barnardino, Sisto e Genésio.

Estudou o curso ginásial de 1938 a 1941. O curso ginásial era muito amplo e exigente, sendo seis anos de latim, vários anos de grego, italiano e de Frances. Geografia, história do mundo e do Brasil, matemática, geometria, exercícios de leitura, redação e locução.

Um momento importante ne sua educação foi a sua iniciação na vida comunitária palotina, de 1923 a 19368, o noviciado era feito em Vale

Veneto, mas, em 1938, passou a ser feito em São João do Polenise, e lá esteve até 1945, quando foi transferido para Cadeado, hoje Augusto Pestana RS.

Junto com os padres Caudino Magno, Achylle Alexio Rubin, Vergilio Costa Beber, Octavio Bortolozzi, foi ordenado sacerdote, na Paroquia de Nova Palma no dia 30 de dezembro de 1951, na Capela Sete.

Naquela época, os diáconos religiosos, que tivessem a idade de 25 anos e tivessem feito a profissão perpetua, podiam ser ordenados no fim do terceiro ano de teologia. Por isso, Padre Genésio foi ordenado no fim do terceiro ano de teologia, e concluiu o quarto ano já como sacerdote.

Nos anos de 1953-1954, trabalhou como professor no pré seminário São José, em Faxinal do Sournó e, durante esse tempo, foi também coadjutor na Paróquia de São Roque.

No ano de 1954 a Província Nossa Senhora Conquistadora entrou no sudoeste e no Sul do Mato Grosso. Sendo as primeiras casas missionárias em Amambai e São Pedro/Dourados.

Na Paróquia de Nossa Senhora Auxílio dos Cristãos, em Amambai, esteve até o fim de 1960.

Lançamento da pedra fundamental da Igreja. Da esquerda para a direita: Sidney Batista,

Fiscal do Estado, Pe Genesio, Pe José Stefanello, Hilton Vargas e Sgto.

A paróquia era muito extensa, pois vinha até à margem do Rio Paraná, e chegava perto de Ponta Porã. Além de muito extensa, era muito pobre e muito violenta, sem boas estradas e meio de transportes.

Em Amambai os padres nem conseguiam visitar anualmente todos os grupos da paróquia. Segundo ele, muitas vezes matavam a fome com uma espiga de milho ou uma raiz de mandioca.

Além de trabalhar na paróquia Padre Genésio trabalhou muito na educação.

Em 1956, fundou em Amambai a Escola Primária Três Vezes Mãe Admirável da qual foi diretor e professor.

Também em 1960, foi membro fundador e diretor do Ginásio Dom Aquino Correa e, naquele mesmo ano, manteve o primeiro curso de admissão ao ginásio.

No final de 1960, Padre Genésio voltou para o Rio Grande do Sul.

Na primeira metade de 1961, trabalho como capelão em Hospitais Lazaroto e Cristo Redentor, e como professor no Instituto Pallotti, em Porto Alegre, naquele mesmo ano foi diretor e professor no Pensionato em Faxinal do Soturno.

No lugar de seu irmão Sisto, que havia sido transferido para os Estados Unidos.

De 1962 a 1971, foi Diretor do Pré Seminário São José em Faxinal do Soturno e no ano de 1963 ingressou no magistério estadual, em 1965 foi Vice-diretor do Colégio Estadual D Antonio Reis e de 1967 a 1972, também seu diretor. Nos anos de 1965 a 1969 frequentou a Universidade Federal de Santa Maria e tornou-se bacharel em Geografia. Voltou a ser Vice-diretor do Colégio D Antonio Reis, quando se aposentou.

Ao cessar o magistério, dedicou-se ao trabalho pastoral, sem renunciar ao seu salário e experiência de educador. De 1986 a 1988, trabalhou como pároco na Paroquia São Roque e Faxinal do Soturno.

Em 1988 retorna ao Mato Grosso do Sul e trabalha como coadjutor na Paroquia Rainha dos Apóstolos e, de 1989 a 1997, como pároco e, 1998 a 2000 como coadjutor.

No fim de 1999, decide voltar ao Rio Grande do Sul, pois começou a sentir a limitação de suas forças, e a necessidade de cuidados médicos.

Em 2000, esteve como ecônomo no Colégio Maximo Palotino em Santa Maria, de 2001 a 2006 como coadjutor na Paroquia Santa Cecilia, em Humaitá Rs.

Nos últimos anos, sofreu a perda de uma vista, muitas vezes foi internado.

Retornou a Faxinal do Soturno e em abril de 2013 transferiu-se para a Comunidade Caetano Pagliuca.

Nas últimas semanas de 2013, ao sentir dores na barriga, foi levado ao Hospital sendo submetido a uma cirurgia de apendicite já perfurado. Sofreu forte pneumonia, ainda ouvia, mas não falava, e no dia 27 de outubro, sofreu entubação e teve coma induzido, falecendo nas primeiras horas do dia 28 de outubro de 2.013.

DUAS MENSAGENS DO PADRE GENÉSIO

Deixou no Jornal Integração de 11-17 de abril de 2.008:

“A gente deve olhar sempre o caminho do presente para o futuro. O passado deve servir de experiência, mas sempre no sentido de procurar desenvolver os dons que Deus colocou em nossa vida em qualquer campo que estejamos trabalhamos e procurando servir a Deus os nossos dons, partilhando e sabendo que a vitória do povo e de uma comunidade, é o interesse de cada um. Cada qual fazendo sua parte que lhe toca. De modo especial na sociedade de hoje devemos pensar que o pouco que nós podemos contribuir é aquilo que vai construir o muito no de amanhã para todos.”

Várias vezes disse ao Pe Ronaldo Kubnen:

“Eu gostaria de viver, mas se Deus achar que chegou a minha hora de viajar, estou com a mala pronta. Já vivi bastante, não carrego mágoas de ninguém, por isso vou tranquilo.”

JOÃO PANTALEÃO DOURISBOURE "PANTITA"

Nascido em 24/08/1893 em Catalão Uruguai, Filho de Pierre Armand Dourisboure (Pedro Frances) e Maria Joaquina Candal Dourisboure. Batizado em Riveira Argentina sendo seus Padrinhos: Francisco Chilts e Rozalina Tambola.

Pantita como era conhecido teve sua formação cultural pelo seu esforço próprio, Pois Tendo professor por apenas dois meses, aprendeu a ler, escrever e fazer contas, com um esforço inigualável, pois quando os amigos de seus pais chegavam a sua casa, ele pedia uma explicação sobre certos assuntos que tinha dúvidas. Uma explicação hoje, outra amanhã, assim foi formando sua bagagem de conhecimento. Adquiriu condições de exercer o magistério com eficiência e muita dedicação.

Em 1912 dirigiu-se a Capital do Paraguai para cuidar de sua saúde, onde se converte ao cristianismo, de volta ao Patrimônio União frequenta a Igreja Batista.

Casou-se em 29 de janeiro de 1929 em Amambai com Alba Xavier da Costa.

Teve os filhos: Esther Dourisboure, Dinorah Dourisboure, João Pantaleão Dourisboure Filho, Elenir Dourisboure Marques, Maria Joaquina Dourisboure Azevedo, Armando Dourisboure, Dalcy Dourisboure Fernandes, Dirce Amaral De Ávila, Elpidio Renato Dourisboure e Alice Dourisboure.

Foi contador do comercio de Antonio Nunes Pimentel.

A primeira moto do Patrimônio União pertencia a ele.

Iniciou no magistério e teve sua primeira nomeação para o cargo em 1936 pelo Prefeito Municipal de Ponta Porã.

Em 1952 foi confirmado pelo Depto de Educação e Cultura do Estado de Mato Grosso, através do certificado de habilitação.

Faleceu aos 71 anos de idade em 16 de setembro de 1964.

Sua vida é uma página de grande valor na História de nosso município.

JERONIMO DE OLIVEIRA BELMONTE

Nascimento: 1882 Rio Grande do Sul.

Falecimento: 28 de Out de 1944 - Amambai -

MT

Casado em primeiro matrimonio com Ercília Vieira Belmonte:

Teve 06 filhos:

Horizontalina Vieira Belmonte, Otília Vieira Belmonte, Leonora, Herotildes, Maria Luiza Vieira Belmonte, e Euclides.

Segunda Esposa: Lidia Holsbach Flores Belmonte - 10 Filhos:

Otacílio Belmonte, Alcides Flores Belmonte, Mario, Waldemar, Manoel, Amour, Isaura Flores Romeiro, Dalila Pacheco, Darcila, Heiney

Também o filho Ramão Ramires Belmonte em um intervalo entre um casamento e outro.

Interessante ressaltar que o primeiro casamento realizado no cartório do distrito de paz de Nhu verá (patrimônio união - Amambahy) foi dele com Lídia Holsbach flores.

Durante o período da revolução constitucionalista foi nomeado em 08 de novembro de 1932, chefe da milícia municipal composta por 25 homens.

Prefeito nomeado em Ponta Porã no período de 30 de julho de 1934 a 21 de dezembro de 1934.

ODIR VIDAL

Nascido em 08 de março de 1930, na cidade de Rio Brilhante, Odir Vidal era filho de

Francisco Vidal, natural de Avaré, e Jeronima de Souza, que vieram se estabelecer no município de Rio Brilhante. Antigamente as famílias eram numerosas; tiveram três filhas mulheres e três homens, sendo Odir o primogênito.

Viveu uma infância simples, pois naquela época se vivia com menos, a casa de madeira, a alimentação era composta do que se produzia na horta e pequenas criações.

Na infância foi acometido de poliomielite, tendo feito tratamento em um hospital fora do estado, em São Paulo, onde permaneceu por alguns meses, tendo feito cirurgias.

Anos depois, volta a São Paulo. Lá trabalhou como funcionário público e fez o curso de direito na PUC, onde se formou em 1961, quando retorna ao estado para advogar.

Na cidade de São Paulo conheceu sua esposa Áurea Machado Vidal, com quem se casou em 1954 e com quem teve um filho e duas filhas.

Odir amava a leitura e lia tudo o que podia, razão pela qual tornou-se um grande orador e posteriormente um renomado tribuno no Tribunal do Júri. Deixou muitas histórias que ainda são contadas e lembradas por colegas.

Era inteligente, dotado de uma cultura humanística invejável e um senso de humor agudo; era respeitado pelos advogados e juízes.

Na década de 70 abriu escritório de advocacia em Amambai. Foi na época da ditadura em nosso país, onde os prefeitos de cidades fronteiriças não eram eleitos, e sim nomeados pelos governadores.

Em 31 de Janeiro de 1970 o Dr Odir Vidal foi nomeado por Pedro Pedrossian, porém por um breve mandato, até o dia 28 de setembro daquele ano.

Exerceu ainda o magistério lecionando direito Administrativo e Tributário, na antiga FUCMAT, hoje UCDB.

Odir Vidal faleceu jovem ainda, vítima de uma embolia pulmonar fulminante em 21.01.78, antes de completar 48 anos.

WALMIR DA ROSA PEIXOTO

Nascido em 11 de junho de 1923.

Filho de Floriano Gonçalves Peixoto e Garibaldina da Rosa Peixoto.

Casou-se com ONELLY FERRAZ PEIXOTO

Quando do casamento o então Deputado Federal Rachid Saldanha Derzi, escreve pedindo desculpas pelo não comparecimento ao enlace.

Estudante do Ginásio Osvaldo Cruz em Campo Grande. Formando em 1942.

Oficial da Reserva, em 12 de outubro de 1944

Walmir se formou Técnico em Agrimensura pela Escola Técnica IDOPP RJ em 1959 e era professor habilitado nas disciplinas de Desenho e Matemática e graduado em Ciências Econômicas e Direito.

Inicia-se como membro da Sociedade Teosófica, em 1949 por intermédio de José Amélio Angelline e cria o Departamento em Amambai.

Prefeito eleito de Amambai como sua posse em 03/05/1953 e sua saída 28/05/1954, renunciando para residir em São Lourenço a convite do Professor J.H.S.

Fundando como o VI Castro o Departamento de Campo Grande.

Entretanto foi nesse período que iniciou a batalha para implantação da energia elétrica em Amambai.

Walmir fez parte do primeiro quadro de professores da Escola Dom Aquino Correa, sendo diretor dela.

Também foi vereador, sendo eleito para o mandato de junho de 1961 a junho de 1965. membro fundador da Loja Maçônica Pedro Manvailer.

Retorna como prefeito de Amambai entre o periodo de 17/06/1967 a 31/01/1970 tendo como vice-prefeito o Senhor Donevil Pereira dos Santos.

Entre suas ações como prefeito as que se destacam foram a conclusão do prédio da Prefeitura de Amambai e o início do projeto de abastecimento de água para a cidade, construindo a Caixa D' água.

Participando de várias reuniões a nível nacional com prefeitos da região.

Faleceu no dia 04 de novembro de 2.011 aos 88 anos de idade. Ainda em pleno exercício da advocacia.

JOSÉ RAHAL NETO

O Sr José Rahal Neto, barbeiro do 17º Regimento de Cavalaria, mais conhecido como "Seu Zé", completou no dia 19 de maio de 2020, 71 anos de bons serviços prestados naquela organização militar.

Nascido em 19 de maio de 1939, na cidade de Pirassununga/SP, filho do Sr. João José Rahal e da Sra Renjos Badra Rahal,

Sua profissão teve início em 1949, com apenas 10 anos de idade quando começou a engraxar coturnos no então 17º Regimento de Cavalaria, naquela época, sediado em Pirassununga/SP.

Com a da transferência do Regimento para cidade de Amambai no ano de 1967, o "Seu Zé" chegou nesta cidade, com o Esquadrão Precursor,

após longo percurso de trem até Ponta Porã (MS), uma verdadeira epopéia há 51 anos.

Sendo o primeiro barbeiro do regimento em Amambai, foi presença constante no desenvolvimento da cidade e do Regimento. Tendo convivido com vários comandantes e centenas de oficiais e praças lotados no 17 RCmec de Amambai.

Casado com Sra. Cleide, com quem teve seus cinco filhos já formados e com suas famílias.

Voluntário participou e ainda participa das ações sociais do Exército nas vilas e aldeias do Município de Amambai.

Foi presidente do Rotary Club de Amambai no período de 2.004 a 2005.

MISSIONÁRIA ANNA MAE LOUISE WOLLERMAN

Nasceu em 13 de dezembro de 1910 em Pine Bluff, Arkansas, EUA, filha de August e de Minnie Wollerman. Quando menina, sentiu o desafio missionário Ana cursou Belas Artes, custeando seus estudos com o próprio trabalho.

Obteve o grau de Mestre em Educação Religiosa pelo South-western BaptistTheological Seminary, Fort Worth, Texas.

Após a obtenção do grau de mestre, sentiu uma chamada ardente no coração de que Deus a queria no Brasil, mas “não pode” ser missionária

pela junta de Richmond por já ter ultrapassado a idade e ser solteira.

Todavia, entre os anos de 1945 e 1947, ela conheceu o pastor Gui Iherme Hankins, que havia ido aos EUA falar sobre Missões e sobre o Estado de Mato Grosso, do qual Ana Wollerman ouvira falar pela primeira vez e que veio a ser o maior amor de sua vida.

O casal Hankins, que era sustentado por igrejas, foi o instrumento usado e por Deus para sua vinda ao Mato Grosso. Ofereceram-se para ajuda-lá a chegar ao Brasil e particularmente ao Mato Grosso, o grande desafio.

Os alunos da Universidade promoveram um jogo amistoso entre professores e alunos e a lhe ofereceram o resultado cobrança dos ingressos para sua viagem. Foi o suficiente para pagar sua passagem em navio cargueiro.

Ela saiu de sua cidade natal Pine Bluff, no dia 1º de março de 1947. Viajou dos Estados Unidos acompanhando o casal Guilherme e Nina Hankins e os filhos Nona e Bill.

Aportou pela primeira vez em solo brasileiro, no Rio de Janeiro, Bahia da Guanabara em 21 de março de 1947. Quando aqui chegou deu um beijo na terra que considerava seu novo país.

Do Rio de Janeiro, foram até São Paulo. De Lins, cidade paulista foram de trem para Campo Grande, viagem que demorou mais 5 dias e depois para Ponta Porã.

Ficou morando sozinha numa pensão e por seis meses estudou e aprendeu a Língua com Rafael Giogia Martins, que mais tarde tornou-se conhecido nacionalmente como evangélico, político e poeta.

Inciciu seu trabalho missionário indo para Vila União, hoje Amambai e em março de 1948, fundou, dirigiu e dava aulas na Escola Primária Batista.

Durante três anos nada lhe faltou, pois os alunos da Universidade lhe mandavam ofertas mensais e outros irmãos particulares.

Nada pediu, jamais, senão a Deus. Depois de três anos, a Junta de Richmond, tomando conhecimento de seu trabalho veio a nomeá-la sua missionária.

De Amambai saiu em 1954, portanto depois de 7 anos, deixando uma escola e uma igreja.

MARIA OROZINA DE OLIVEIRA MARTINS

Maria Orozina de Oliveira Martins nasceu em 16/12/1912 em Santo Ângelo, Rio Grande do Sul. Filha de Almerinda Dornelles de Oliveira e José Calixtro Alves de Oliveira.

O casal José Calixto e Almerinda, teve 9 filhos:

Maria Orozina casada com João Damasceno Martins (Janguito),

Vespasiano,

Setembrino,

Adília (faleceu criança),

Nair (faleceu criança),

Decio, José (faleceu criança),

Ivory e Getúlio.

Os avós paternos da Maria Orozina foram Calixto Alves Teixeira (1861, filho de Policarpo Alves Teixeira e Joaquina Francisca Alves) e Clara Cardoso de Oliveira (1869) (filha de José Cardoso de Oliveira e Felisbina Baptista Dornelles, irmã de Pacífico Baptista Dornelles). Seus avós maternos foram: Pacífico Corrêa Dornelles (n.10/10/1863) e Arminda Corbiniana Damasceno Martins (da Silva.) (n. 08/09/1872)

No dia que nasceu foi pedida em casamento por seu primo, João Damasceno Martins (Janguito), com quem se casou aos 16 anos em 1929. Tiveram uma filha que recebeu o nome de Adi de Oliveira Martins, nascida em 1930 e falecida com 4 meses de idade.

O casal veio para o estado do Mato Grosso a procura do irmão dele, Deoclydes Dornelles

Martins, que havia saído de Santo Ângelo para tentar a sorte.

Quando ele recebeu notícias que o irmão estava no estado do Mato Grosso vendeu todos seus bens e partiu juntamente com sua esposa para a nova terra. João era agricultor e Orozina iniciou suas atividades profissionais como Professora-Primária em Amambai.

No período de 1946 a 1949 foi diretora da Escola Estadual Cel. Felipe de Brum.

Documentos que evidenciam a presença do casal naquele estado são seus títulos eleitorais. O de João Damasceno é de Amambai de 1958 e o da Maria Orozina, de Ponta Porã, de 1962.

Há um cartão de identidade funcional de escrevente datilógrafo pertencente a Maria Orozina do Ministério da Agricultura, DFA - MT de 1966.

Orozina adoeceu em novembro de 1968. O casal juntamente com a família, decidiu que era melhor eles voltarem para o Sul, Santo Ângelo.

Mais tarde foram morar em Cruz Alta aonde ela veio a falecer, com 73 anos em 1985.

JOAO DE ALMEIDA

Natural de Amambai MS

Data nascimento: 1928

Data falecimento: 1967

Casado com Carmelina Nunes de Almeida com o qual teve dois filhos: Neris Nunes de Almeida e Cleuza Nunes de Almeida.

E os netos:

Kassia D'Angelis Almeida Oliveira

Rita D' Kassia Almeida Oliveira

Igor Henrique Almeida Oliveira

Nathalia Nuñez de Almeida

Matheus Nuñez de Almeida

Guilherme Nuñez de Almeida

Iniciou suas atividades trabalhando como vaqueiro (peão) em fazendas da região, e através de muito trabalho árduo, comprando e vendendo bovinos, conseguiu comprar um pequeno pedaço de terra, no ano de 1960 comprou uma casa na cidade, pois seus filhos estavam na idade de frequentar a escola.

Sempre muito trabalhador e cumprindo todos seus compromissos, foi convidado pelos amigos pecuaristas, (o qual tinha grande relacionamento de negócios na compra e venda de bovinos), para ser candidato a vereador pela UDN, sendo eleito

com a segunda maior votação, lembrando que na época o vereador não tinha remuneração.

WILSONIR GOMES VASCONCELOS

Nascido na fazenda Curussuambá (cruz alta). Em 04 de agosto de 1945, Filho de Benigno Nardys Vasconcelos e Laudelina Cardoso Gomes.

Foi um dos primeiros alunos no novo Colégio Dom Aquino Correa ainda em 1959 até 1963.

Mudou para Campo Grande a fim de iniciar o Científico no ano de 1964

Em 1966 vai para Ribeirão Preto a fim de concluir o curso científico no Colégio São José.

Com amigos em RIbeirão Preto SP.

A fim de frequentar o Curso de medicina é aceito na Universidade de Coimbra em 1967.

No ano de 1971, transfere seu curso de medicina para Escola de Medicina da Santa Casa de Misericórdia de Vitória ES.

Após a formação em medicina retorna a cidade natal dois anos depois, entretanto com a intenção de se especializar em homeopatia e medicina do trabalho, retorna ao Espírito Santo.

Retorna a Amambai em 2001.

Infelizmente falece no dia 03 de julho de 2021 e no dia 05 também falece sua esposa Heloír de Oliveira Holsbach Vasconcelos.

BENJAMIN MARTINS E JOANA BATISTA AZEVEDO MARTINS

Se conheceram em Campanário por volta de 1939. Ele natural de Guanambi - BA e migrou para Mato Grosso na grande seca de 1926. Ele e sua família vieram morar em Bela Vista. Com 18 anos saiu de casa vindo morar na Fazenda Campanário e conseguiu emprego porque sabia dirigir automóvel. Teve 3 irmãos (2 mulheres e 1 homem). Somente uma irmã sua que ficou morando na região de Nioaque-MS. E seus descendentes permanecem lá até os dias de hoje.

Joana Batista é filha de Ângelo Azevedo e Laudelina Alves Azevedo. O casal teve 8 filhos (3 mulheres e 5 homens) ele era o responsável pelo silo de erva mate de Campanário e ela cozinheira da casa do então proprietário da fazenda.

Benjamim e Joana Batista se casaram em 09 de setembro de 1952. Tiveram 4 filhos (1 homem e 3 mulheres). Desses filhos dois faleceram bebês. Ficaram Vera Jane e Luz Marina.

O casal mudou para Amambai e iniciou suas atividades em cinema, oficina mecânica e mais

tarde abriu posto de gasolina com mais dois sócios. Depois de um tempo ficou sozinho até vender o seu único posto de gasolina em Amambai em 1981. O posto de gasolina teve grande importância a cidade porque ali concentrava muitas atividades econômicas exercida pelos moradores. O movimento de final de semana em espécie tinha que ser depositado no Banco Financial para ele ter recurso para garantir o saque dos clientes e não ter que solicitar a Ponta Porã.

Joana Batista no período da segunda guerra mundial teve a oportunidade de frequentar cursos de enfermagem e técnicas de parto. Ela fez a prática com a Dona Josefina uma parteira mais antiga de Amambai.

Trabalhou em consultório médico, atendendo pacientes, auxiliando o médico em alguns procedimentos. No Posto de Saúde Pública como funcionária da Saúde, atendia pacientes, aplicando medicamentos conforme prescrição médica. Atendia nas residências as gestantes em trabalho de parto, nas casas dos moradores e doentes que necessitava de sua ajuda diária, além de curativos e aplicação de medicamentos, conversava e ajudava ao que fosse necessário para a melhora física e psicológica dos pacientes, inclusive com a comunidade indígena.

Em paralelo minha cuidava de sua família e fazia bolos de aniversário, casamento, salgados e docinhos.

Aos 42 anos Joana Batista veio a falecer em São Paulo vítima de um câncer. Foi no dia 01 de abril de 1971.

Aos 69 anos Benjamim Martins faleceu em Amambai vítima de enfarte fulminante. Dia 28 de dezembro de 1986.

Luiz Carlos Saldanha Rodrigues - "JABUCA"

Luiz Carlos Saldanha Rodrigues nasceu em Ponta Porã em 1 de agosto de 1944, cresceu em Amambai, onde cursou o primário e ginásio, e onde namorou, noivou e se casou em 1967 com Delma do Amaral.

Filho de Clímaco da Silva Rodrigues e Deidamia Saldanha Rodrigues

Trabalhou na prefeitura municipal de Amambai e conhecedor das leis também exerceu atividades no cartório de registro civil e no fórum da comarca como escrivão nomeado. Nessa mesma época, logo após completar o ensino médio na capital fluminense e em plena ditadura militar, chegou a servir à Câmara Municipal de Amambai como vereador.

O primeiro ato como advogado ad hoc foi na tentativa de libertar seu amigo Agamenon Lhopis, conforme relatado em seu "causo": HISTÓRIA DE

CASAMENTO. Banda Os Filhos do Sol de Amambai, Anos dourados em Amambai. (<https://amambaipatrimoniouniao.blogspot.com/2015/08/historia-de-casamento.html>)

Devido seu interesse pelo Direito, mudou-se em 1968 para Campo Grande, e começou trabalhando como escrivão no fórum com o Juiz Athayde Nery de Freitas, nesse período, especializou-se em habeas-corpus, praticamente custeando o curso superior com a produção desse instrumento. Foi um Habeas-corpus de sua autoria que inaugurou o Tribunal de Justiça do Mato Grosso do Sul recém-instalado.

Mas foi cursando Direito na FUCMT que se apaixonou pelo Direito Penal e formado em 1975, exerceu fervorosamente a advocacia na área criminal, especializando-se no Júri. Centenas de casos foram objeto de sua atuação, chegando a receber o título de "homem de visão policial", justa homenagem por seus préstimos para a corporações militares e polícia civil entre 1977 e 1982.

O caso mais impactante em sua carreira, porém, foi a atuação na defesa de um dos acusados no caso "Ludinho".

Em 1983 prestou concurso e tomou posse na magistratura servindo em diversas comarcas: Bataguáçu, Nova Andradina, Fátima do Sul, Amambai, Ivinhema, Sidrolândia, Corumbá, Ponta

Porã, aposentando-se em Campo Grande em 1992 onde voltou a advogar em 1993 junto com os filhos.

Luiz Carlos Saldanha Rodrigues teve uma atuação vertiginosa, sendo um dos fundadores do 2º Juizado Criminal na Capital. Foi Presidente do Tribunal de Justiça Desportiva do MS, foi Professor e membro da Diretoria da Associação dos Magistrados de Mato Grosso do Sul (Amamsul).

Homenageado pela Câmara Municipal de Vereadores de Campo Grande no dia 03 de fevereiro de 2.022, nominando praça de esportes no Jardim Noroeste.

NESTOR SILVESTRE TAGLIARI

Nasceu em Getúlio Vargas - RS no dia 31/12/1942.

Chegou em Amambai dia 20 de setembro de 1971.

Sócio fundador do CTG e Club Milionários.

Em 02 de Maio de 1972 assume como Secretário Geral do Município, permanecendo até o dia 31 de janeiro de 1976.

No dia 05 de maio de 1972, assume na Secretaria de Educação do Mato Grosso como professor, lecionando nas Escolas Felipe de Brum e Fernando Correa da Costa.

Em 1976 é eleito vereador. Em 1979 foi eleito presidente da Câmara.

Em 04 de julho de 1979 assume como prefeito, nomeado pelo Governador do Estado, governando até dia 08 de abril de 1985.

Eleito presidente da Assomasul para o Biênio 1984/1985.

Falece em Santa Catarina no dia 28 de novembro de 2.010.

AÇÕES NO PERÍODO

1. Equipamentos do Parque Rodoviário;
2. Asfaltamento da cidade com galerias;
3. Iluminação das Av. Pedro Manvailer e Nhu Verá com super postes;
4. Investimentos básicos na saúde, educação e deporto e lazer.
5. Recuperação da Praça Valencio de Brum;
6. Construção da Praça São José;
7. Construção Mercado Municipal.
8. Campanha sistemática na divulgação de Amambai à nível de Brasil.

OBRAS DO ESTADO NO PERÍODO:

1. Telefone;
2. Água;
3. Conjunto poliesportivo;
4. Abertura rodovia Amambai/Tacuru com asfaltamento
5. Asfaltamento da rodovia Amambai / Ponta Porã.*
6. Instalação do Dersul;
7. Instalação da Agência Regional de Educação;
8. Implantação 2º Grau na Escola Felipe de Brum

*A estrada Amambai / Ponta Porã, foi asfaltada pelo Governo do Estado através do governador: Wilson Barbosa Martins, obra iniciada em 1985 na gestão do Prefeito Dejacyr Cespedes. Sendo uma escolha do PMDB local, entre Amambai/ Ponta Porã ou Amambai/Caarapó.

Importante ressaltar que a maioria das benfeitorias e das conquistas alcançadas sob a gestão do Nestor, tiveram a ajuda do Deputado Zenóbio Neves dos Santos e dos Governadores Marcelo Miranda e Pedro Pedrossian.

SEGUNDO MANDATO

Em 03 de outubro de 1992 foi eleito para prefeito municipal de Amambai para o segundo mandato que seria de 01 de janeiro de 1993 a 31 de dezembro de 1996, com uma diferença de 91 votos do segundo colocado, Dr Geraldo Felipe Correa

Porém, em 20 de outubro de 1995 é afastado das funções, reassumindo em 16 de janeiro de 1996.

Novamente afastado em 16 de fevereiro de 1996, reassumindo em 30 de março de 1996, cumprindo o mandato até o dia 31 de dezembro.

PRIORIDADES NO PERÍODO:

Educação e Saúde;

Conclusão rodoviária;

Construção Escola Felinto Muller;

Construção da rede de esgoto sanitário com estação de tratamento;

Asfaltos;

Conjunto habitacional Alcindo Franco Machado;

Incentivo a implantação de indústrias;

Investimentos em área social e valorização e qualificação.

Implantação de Programas Municipais de atendimento a criança e adolescente através da Implementação do Conselho Tutelar

Obras do Estado no período:

Ampliação da rebaixadora de energia elétrica;

Instalação e construção da Faculdade;

Asfaltamento Amambai/Cel Sapucaia.

Início asfaltamento Amambai/Caarapó.

HILTON PEREIRA VARGAS

Nascido em 18 de dezembro de 1926. Em Sacaron, hoje Iguatemi.

Filho de ERCILIO NUNES VARGAS e AURORA PEREIRA VARGAS

Iniciou seus estudos regulares em 14 de março de 1941 no Colégio Dom Bosco em Ponta Porã MT. Sendo interno deste colégio.

Em 1943 foi residir em Campo Grande para ser Interno do Colégio Oswaldo Cruz.

Em março de 1945 foi matriculado na Escola de Instrução Militar EIM 623.

Em 1947 foi estudar em Curitiba Pr, permanecendo até outubro de 1948.

De retorno a Patrimônio União, foi designado secretário Ad Hoc para a Instalação do Município de Amambai em 01 de janeiro de 1949.

Sendo posteriormente designado como Tesoureiro da Prefeitura, permanecendo até 18 de junho de 1949.

Em 18 de fevereiro de 1952, contraiu matrimônio com Elça Peixoto da Rosa.

Foi proprietário do Loteamento Vila Vargas lançado em 1952 por Sidney Vargas Batista seu Primo.

Em novembro de 1952 foi admitido no Rotary Club de Amambai, onde exerceu cargos de Secretário e presidente.

Em 21 de abril de 1953 nasce seu único filho Jorge Luiz.

Foi eleito presente do Club Social de Amambai e do Club de Futebol União.

Foi Presidente do PTB.

Presidente da Câmara de Vereadores.

Foi nomeado como Coletor Estadual de Amambai em abril de 1959

Foi Secretário de Escola Dom Aquino em 1961. Sendo também professor de História e OSPB.

Em 1965 foi nomeado novamente Coletor.

Formou-se em Direito em 1976 pela FUCMAT com 50 anos de idade, um exemplo de persistência nos estudos.

Participou como VOLUNTÁRIO no PROJETO RONDON no Ceará.

Em 1981 foi designado para a Agência de Educação de Amambai

Logo após foi nomeado como Defensor Público da Comarca de Amambai.

Se Aposentou do serviço público em 04 de fevereiro de 1984 após 36 longos anos de dedicação profissional.

Em 2009 lançou o livro FAMILIA VARGAS

Faleceu dia 31 de dezembro de 2015. Em Campo Grande.

Frase que postou em site de relacionamento:

“Esqueçam o eu e lembrem em nós, e seremos felizes.”

SERVILIANO DOURISBOURE

Nascido em Libres na Argentina em 20 de abril de 1895.

Filho de Pedro Dourisboure e Maria Joaquina Dourisboure.

Chegou aos 06 anos de idade em Nhu Verá.

Em 03 de julho de 1931 requereu 150 hectares de terras na região da Sanga Morotyn.

Porém, em 03 de abril de 1932 foi assassinado por uma patrulha de revoltosos de Sindulfo Garcia, sendo sepultado no cemitério de Cerro Peron no dia 04 de abril.

Seus restos mortais foram trasladados para o cemitério do hoje município de Coronel Sapucaia.

O título provisório da área foi expedido oito dias após o falecimento dele.

O processo de titulação da área requerida ficou então para sua mãe Maria Joaquina Dourisboure, tendo em vista que ele era solteiro e a mãe era viúva de Pedro Dourisboure.

Sendo o título provisório e o processo estando na capital federal do rio de janeiro, foram requeridos novos documentos em 1943, sendo que a mãe Maria Joaquina também já havia falecido.

HERON DA ROSA BRUM

Nascimento 18 de janeiro de 1.921 – Amambaí
MT

Falecimento 13 de julho de 1.997 - Campo Grande MS.

Progenitores: Mãe Adalgiza da Rosa Brum e
Pai Laurindo da Silva Brum

Avós-paternos: João Antonio Brum - (Avô do
Coronel Valêncio de Brum) e Virginia da Silva
Brum. casaram-se em 10 maio 1877 em São Borja,
RS.

Avós-maternos: Maria Aldina Lorentz da Rosa
e José Garibalde Pereira da Rosa.

Pai de: Otalicio, Elpidio, Adalgisa,
Oldenira, Garibaldina, Bento, Pedro, Izidro,
Nedi e Anita

VIDA PROFISSIONAL

Trabalhou numa balsa em Morumbi.

Exator, cargo em que se aposentou.

VIDA POLÍTICA

Eleito Vereador em 28 de abril de 1953.

Dia 28/08/1954, o Prefeito renunciou ao
mandato.

O presidente da Câmara renunciou à
presidência da Casa.

O Vice assumiu a Presidência e convocou
eleição para Presidente. A escolha recaiu sobre
seu nome.

O Vice-presidente na Direção dos trabalhos informou ao Presidente recém-eleito que o cargo de Prefeito estava vago. E cabia a Ele assumir a Prefeitura

Durante seu mandato procurou manter as estradas e pontes em condições de tráfego.

Entregou o mandato no dia 25/05/1.957 para Ernesto Vargas Batista.

Eleito prefeito Municipal para o Mandado de 17/06/1.961 a 17/06/1.965. Vice-Prefeito José Garcia Arantes.

Sua administração foi marcada pela abertura uma estrada ligando Iguatemi a Morumbi, na costa do rio Paraná.

Construiu o Matadouro Municipal, regulamentando o abate de gado para o consumo.

O abate de animais para o consumo passou a ser feito no matadouro, depois de examinados por um veterinário.

A licença para o funcionamento dos açougues só era liberada para aqueles que atendessem as normas de higiene com mesas revestidas de azulejo ou material galvanizado. Paredes internas azulejadas no mínimo até a altura de dois metros.

Remodelou a Praça central da cidade e construiu meio fio nas ruas.

Foi durante o seu mandato que Iguatemi foi emancipado levando aproximadamente 40% da área e parte da arrecadação do Município.

Elaborou o projeto da sede da Prefeitura

SILVIO BERRI

Silvio Berri nasceu no dia 15 de novembro de 1926, no alto do Vale do Itajaí em um vilarejo na época chamado Picada do Taió, município de Blumenau. Filho de Albino Berri e Domenica Valentini Berri, filho primogênito de mais oito irmãos.

O pai era agricultor de diversos tipos de vegetais e vivia basicamente da agricultura e subsistência de suas criações de animais de fazenda, dando principal atenção para a plantação de arroz irrigado, tendo sido pioneiro nas plantações de arroz no sul do país.

Silvio, desde muito cedo, se dedicava a ajudar o pai na lida da lavoura, e frequentava o colégio da colônia, a primeira escola aberta pelo estado para os imigrantes italianos e alemães, onde apenas um dos estudantes tinha nome português.

A partir dos 11 anos passou a trabalhar para indústria de laticínios, fazendo nata e outros produtos, carregando latões de leite de produção dos colonos até a indústria, deixando aí a

educação formal para se tornar autodidata e se educar com todo o tipo de informação enciclopédica e casual a que tivesse acesso.

Em 1939 houve uma grande mudança entre os costumes da família Berri, com o início da segunda guerra a escassez de alimentos e a queda da economia fez com que o governo, em contenção de gastos, disponibilizasse apenas quatro quilos de açúcar por mês para famílias de cerca de onze pessoas, os tecidos desenvolvidos eram de baixa qualidade e grande parte da mercadoria comprada era cotada e dividida, para que não acabassem os produtos provenientes de outros estados.

Na época passou a se popularizar a venda dos produtos mais variados “a troco”, uma prática popular de permuta, opção alternativa devido à economia deficiente no país.

Em 1944, com a morte da mãe, Silvio se deparou com a exigência de cuidar dos irmãos, muitos deles pequenos, mas possuía o sonho de desenvolver uma profissão, por isso, logo seguiu para o município de Rodeio para aprender a profissão de alfaiate com o primo do pai.

Ofício aprendido seguiu para o município de José Boiteus onde começou a trabalhar como alfaiate, mas devido ao pós-guerra precisou voltar para Taió. Foi quando Silvio foi convidado para trabalhar no Paraná, em Arapongas, para onde foi no final de 1949, lá

permaneceu apenas três meses e foi para Alto Paraná, cidade recém-fundada, mas que lhe trouxe um panorama diferente, e finalmente foi possível que abrisse sua primeira alfaiataria, fazendo também trabalho de corretor de lotes de terra em seu tempo livre.

Com o dinheiro arrecadado arrendou o primeiro cinema da cidade de Alto Paraná, trazendo cultura e informação para a pequena cidade. No terceiro mês o cinema incendiou e não sobrou nada, apenas a roupa do corpo e muita coragem para Silvio Berri.

Voltou a trabalhar de alfaiate com uma máquina emprestada e começou a melhorar sua vida novamente.

Em 1953, já com dois funcionários em sua alfaiataria, houve uma grande geada que acabou com as plantações dos arredores no Paraná o que quebrou sua clientela e se tornou impossível continuar trabalhando lá.

Foi quando decidiu se mudar e trabalhar de alfaiate no promissor estado do Mato Grosso, chegou a Dourados em 15 de janeiro 1954. Imediatamente lhe foi apresentado um alfaiate de Campo Grande e Silvio já começou a trabalhar, logo conseguiu abrir a sua alfaiataria e um ano e meio depois foi convidado a ensinar a profissão ao aprendiz Luiz Pala, em Ponta Porã, assim morou na cidade de fronteira durante seis meses. Em

janeiro de 1956, terminando o contrato com o aprendiz em Ponta Porã.

Decidiu em Aquidauana encontrar um velho amigo e os dois seguiram para a Bolívia onde ficaram pouco mais de um mês. Silvio então resolveu voltar para Ponta Porã.

Em 1956, Silvio ansiava ir para Curitiba e procurou passagem de avião, mas estaria disponível apenas quinze dias depois, nesse meio tempo, Silvio resolveu conhecer a cidade de Amambai, onde logo fez amigos e resolveu ficar.

De prontidão alugou uma sala comercial e com máquina emprestada abriu o seu negócio. Precisava apenas voltar a Ponta Porã para pegar seus pertences pessoais e assim o fez, no retorno para Amambai conheceu Laicy, que viria a ser sua esposa.

Na mesma semana no parque de diversões se reencontraram e em um passeio da roda gigante já começaram a namorar.

O casamento aconteceu no dia 22 de setembro de 1956, Silvio com 29 anos e Laicy com 16 anos.

Silvio já estava estabelecido com a alfaiataria, e no começo da vida se mudaram seis vezes até começarem a construir a casa própria na Rua Marechal Floriano com a Avenida Pedro Manvailer, em frente à praça central do município de Amambai.

No mesmo lugar funcionava a alfaiataria, onde Laicy também trabalhava como costureira.

O princípio de sua vida política se deu a partir da alfaiataria, quando foi convidado a assumir o cargo de guarda fiscal e se tornou responsável pela entrada e saída de mercadorias da cidade de Amambai, atuando com o fiscal de renda Vinicius Soares do Nascimento.

No dia 24 de setembro de 1964 três desembargadores de Cuiabá chegaram à cidade de Amambai para instalar a comarca, que havia sido projeto de lei no mandato de deputado estadual de Vinicius Soares do Nascimento.

A comarca foi inaugurada em 1965 e no dia 2 de janeiro, Silvio, que havia passado em um concurso para o cargo de porteiro, foi o primeiro a assinar o termo de compromisso de assunção ao cargo.

Seguida a nomeação de porteiro Silvio acumulou mais cinco cargos: distribuidor, contador, partidor, depositário e avaliador.

No início a Comarca não havia juiz, mas a medida do tempo os cargos foram designados e Silvio tinha jornada tripla, pois logo depois de exercer trabalho na comarca ainda trabalhava em casa como alfaiate.

VIDA POLÍTICA

Nas eleições para prefeito e vereadores do ano de 1961, Silvio assumiu mandato de vereador do município de Amambai, ingressando em sua carreira política.

Logo depois na segunda eleição, Silvio foi reeleito, adquirindo muito mais votos do que em seu primeiro mandato.

Na terceira eleição, entrou na cotação dos mais votados do Brasil em proporção de candidatos, entre 1822 eleitores foram obtidos 630 votos.

Com a ditadura militar o prefeito Valmir da Rosa Peixoto termina seu mandato e assume o Advogado Odyl Vidal e logo após o presidente da Câmara: Deair Pereira Vargas, como prefeito nomeado pelo governo.

Sendo eleito presidente da câmara, recebeu um telegrama dizendo que o prefeito designado havia sido exonerado e ele deveria assumir a prefeitura.

Silvio assume em 13 de maio de 1971, até 4 de dezembro de 1972, quando passou a prefeitura para Orlando Viol, que havia sido nomeado.

Em 1976, foi eleito novamente vereador, seguiu um mandato de seis anos e foi eleito novamente como presidente da Câmara, onde além

de já ter sido presidente havia sido secretário três vezes em outras ocasiões.

Em 1984, após largar a presidência da Câmara, se tornou chefe de gabinete do deputado Zenóbio dos Santos, com a licença do tribunal de justiça assumiu o cargo e após dois anos voltou as suas funções no fórum da comarca de Amambai.

Em 1994 foi concedida sua aposentadoria, Silvio continuou residindo em Amambai até 2004, então se juntou a sua família em Campo Grande.

Durante sua trajetória política foi eleito um dos dez melhores prefeitos dos principais Estados do Brasil, ganhou título de cidadão amambaiense pela câmara municipal e honra ao mérito por serviços prestados à justiça, por todos os trabalhos prestados ao município de Amambai durante sua trajetória política.

Como vereador, moveu ação popular contra aumento do salário do prefeito (subsídios e representação), fazendo com que o prefeito devolvesse a diferença do aumento durante todo o tempo em que recebeu, enfrentando a corrupção já no começo de sua trajetória, saindo vitorioso.

Como prefeito, no ano de 1971, com a notícia do iminente fechamento da comarca de Amambai construiu o fórum e realizou melhorias para que a comarca não fosse extinta e eventuais

problemas burocráticos da população do município pudessem ser resolvidos lá mesmo.

Diligenciou a estrada para Sapucaia, nomeou professora para o colégio de alunos de área rural do município para que aquela parcela da comunidade não ficasse sem educação.

Pleiteou o início da construção de linhas de energia elétrica no município, e contemplou logo que largou o último mandato da prefeitura a obtenção de energia elétrica também pela cidade de Amambai.

Iniciou grande reforma e ampliação do colégio Felipe de Brum, com criação de novas alas e cozinha para alimentação de merenda dos alunos do colégio estadual.

Foi responsável pela salvação do colégio estadual do distrito de Sapucaia, que se encontrava sem condições de receber alunos, tomado por mato e animais como bois, galinhas e até cobras. Silvio transferiu o colégio para as dependências de um salão recém-construído na rua principal da cidade de Sapucaia, onde voltou a funcionar trabalhando intensamente e a suprir as necessidades da população local.

Além disso, completou diversas obras de infraestrutura municipal, bem como pontes e manutenção de estradas.

Promulgou a Lei 664 de 21 de novembro de 1972, onde criou 04 bolsas de estudos para os cursos de Medicina, Engenharia, Direito e Economia.

VIDA PÚBLICA

Em 1994, logo depois de sua aposentadoria, foi eleito presidente da APAE.

A instituição, na época, enfrentava diversos cortes e problemas monetários, tendo que garantir renda com a venda de doces e comidas para a obtenção de suprimentos para a casa. Em 1995, para aumentar as doações e arrecadações da APAE, Silvio Berri trouxe para Amambai, o evento catarinense “Festa da polenta”, uma festa de tradições italianas que contou com a participação de 20 jovens que trouxeram ao Mato Grosso do Sul uma bela apresentação da dança “tarantela”, o coral de músicas típicas italianas e costumes locais, bem como o tacho gigante de polenta servida na festa, que comemorou com muita cultura e alegria a arrecadação de 6.500 reais para a instituição, suficiente para trocar a Kombi de locomoção dos membros e alunos, além de implementar diversos reparos na APAE e fornece todo o suporte necessário para seus internos.

Tempo depois, a família Bonamigo ofereceu a Silvio uma casa ampla e com área para construir,

a doação foi concretizada para a presidente seguinte e até hoje lá se encontra a instituição.

VIDA PESSOAL

Atualmente Silvio Berri mora em Campo Grande, com sua esposa Laicy da Cunha Berri e sua filha Maria Denise Berri de Oliveira, caçula de três filhos: Silvio Berri Júnior, o primogênito e Alceste Berri Sobrinho, que reside ainda na cidade de Amambai.

Católico, descontraído e dado a amizades, Silvio ainda recebe amigos das épocas de tenra idade, preserva alianças do passado e está sempre pronto a falar sobre Amambai.

Silvio completará em 2020, 94 anos e até hoje visita à cidade, mas diariamente lembra com muito amor de Amambai e diz que a cidade e seus moradores lhe ofereceram muito mais do que ele jamais mereceu.

ESTHER GOMES ERGAS

Esther Gomes Ergas nasceu no dia 4 de julho de 1930 em Caxambu (MG), de onde seus pais Moises Ergas e Ivone Gomes Ergas saíram para morar no Rio de Janeiro.

A mãe teve cinco filhos, sendo quatro meninas e um menino, sendo ela a segunda filha.

“O pai sendo judeu tinha preocupação de ensinar os princípios da Palavra de Deus, falando da vida dos grandes homens do Velho Testamento, como Moises, Abraão, Jacó etc. Frequentava a sinagoga e levava com ele os filhos”.

CONVERSÃO

Quando Esther estava com 10 anos, sua família mudou-se perto de uma família metodista muito crente, que conseguia levar os vizinhos para a igreja.

Após alguns anos de convivência e de evangelização, a mãe de Esther se converteu. Foi uma daquelas conversões marcantes, impressionantes.

Aos 13 anos, morando em outro bairro próximo à Igreja Batista, dirigida pelo pastor Ricardo Pitrovisky, Esther também se converteu e passou a ter um desejo fortíssimo de que Deus salvasse seu pai.

“Ele não ia a nenhuma igreja evangélica, mas não impedia a família de ir”, relatava a missionária.

A essa altura Esther Ergas orava muito pela conversão do pai e pedia a todo mundo que orasse por isso. Ela era muito insistente com Deus, não aceitava que ele permanecesse sem Jesus.

Esther tinha 15 anos, quando seu pai adoeceu e seu clamor era constante e intenso.

Quando o senhor Moises Ergas estava à morte, ele falou para sua esposa: “Hoje, reconheci Jesus como Salvador e Senhor, como o Messias”.

OS ESTUDOS

Esther Ergas antes de completar 15 anos foi estudar no Seminário Betel, onde cursou o 2º grau e matérias Bíblicas.

Aos 19 anos, Esther concluiu o curso de Educação Religiosa. Precisava trabalhar e estudar para ser auxiliar de enfermagem. Conseguiu cursar e concluir o curso, estagiando em vários hospitais. “Gostei muito da enfermagem.

Aos 22 anos de idade desejava servir exclusivamente a Deus.

CHAMADO

“O chamado aconteceu de forma natural, sem nenhuma experiência marcante. Uma inclinação, uma vocação para trabalhar para Deus. Evangelizava muito, em todo lugar, a todas as pessoas. Nos hospitais onde estagiava, tive muita oportunidade de falar aos enfermos.

Em julho de 1952, Esther Ergas veio para Mato Grosso. “Pastor Gleen Bridges foi à sua casa e falou que em Amambai havia uma Escola Batista dirigida pela missionária americana Ana Wollerman e que essa missionária precisava muito de moças na escola e para ajudá-la na igreja”,

Ela aceitou a proposta e se encontrou com Ana em Ponta Porã, “de onde foram para Amambai, onde estava a escola que Ana dirigia. Antes desse encontro com Ana Wollerman em Ponta Porã, viajou do Rio de Janeiro com a família Bridges para Campo Grande”.

Em Amambai Esher se preparou muito para lecionar. Dava aulas o dia todo e a noite ocorria alfabetização de adultos.

Havia também evangelização na aldeia dos índios, evangelização na cidade, evangelização nas casas, ponto de pregação.

Esther Ergas assumiu a direção da Escola Batista quando Ana Wollerman veio para Campo Grande para ser a secretária executiva da Junta Estadual.

TRABALHO ÁRDUO

Após cinco anos atuando em Amambai, Esther Ergas seguiu para Jaciara, onde Ana Wollerman havia aberto uma Escola Batista e havia construído um templo.

A cidade estava sendo construída. A missionária permaneceu em Jaciara cinco anos e de lá seguiu para Rondonópolis, onde ficou mais cinco anos dirigindo a escola batista local.

Nesse mesmo ritmo, a pedido do pastor Charles Compton, a missionária foi para Rio Verde abrir a escola batista.

O trabalho de Esther Ergas prosseguiu em Dourados, em companhia da missionária Ana Wollerman.

Foi homenageada em Dourados com o nome do Centro de Educação Infantil.

MARLENE VILARINHO ALBUQUERQUE

Marlene Vilarinho Albuquerque nasceu em Italva - Estado do Rio de Janeiro, no dia 04 de abril do ano de 1934.

Mudou-se para Amambai, com a idade de 09 anos acompanhada de seus pais o Pastor Waldir Gomes Vilarinho e Maria Cândida Rodrigues Vilarinho e do irmão Arnaldo Rodrigues Vilarinho.

Em 15 de janeiro de 1954, casou-se com o Pastor Lourino Jesus de Albuquerque e deste casamento nasceram os filhos:

Lourimar Vilarinho Albuquerque;

Tércio Waldir Albuquerque;

Marilena Vilarinho Albuquerque;

Paulo de Tarso Albuquerque; e

Denise Vilarinho Albuquerque.

Permaneceu em Amambai até o ano de 1998, concluiu o curso “normal” e ministrou aulas de português, inglês, história, literatura e música, nas escolas.

Exerceu a função de professora nas escolas:

Prof^o Gióia Martins;

Batista;

Dom Aquino Corrêa;

Dr. Fernando Corrêa da Costa; e

Terra Mater.

Formou-se em Direito pela UCDB - Universidade Católica Dom Bosco, no município de Campo Grande - MS, tendo exercido a função de advocacia por muitos anos em Amambai.

Poetisa, historiadora, compositora, grande incentivadora da cultura, do resgate das raízes de Amambai, terra que considerava sua, como podemos observar pelas inúmeras poesias que escreveu referindo-se ao nosso município, além de ser a compositora do Hino de Amambai.

Nos últimos anos de vida residiu na cidade de Porto Velho - RO, onde realizou um de seus

maiores sonhos, concluir o curso de piano clássico, o que se realizou em dezembro de 2001.

Faleceu no dia 13 de março de 2002, em Campo Grande - Mato Grosso do Sul.

JOÃO RODRIGUES

Nascido no Rio Grande do Sul, em 05 de julho de 1905, Tenente da guarnição e Fronteira de Santana do Livramento (RS), Aderiu ao movimento tenentismo e a Coluna Prestes.

Após Percorrer Mato Grosso, adentrando pelo Paraguay, a Coluna Prestes passou por Amambai, Ponta Porã e Chegando a Três Lagoas em março de 1926.

Após Intensa luta nas barrancas do Rio Paraná, vários soldados desertam da Coluna Prestes, entre eles João Rodrigues.

Permanece em Três Lagoas, por um longo período.

Depois de ouvir sobre minas de garimpo na região de Lageado MT, próximo a Cuiabá, muda-se para lá. Permanecendo até o ano de 1940.

Após sua passagem por Amambai com a Coluna Prestes, resolve aqui fixar residência.

Adquiriu terras na região do Ibicuy, próximo a Paranhos.

Falece assassinado no dia 15 de maio de 1967.

Foi Homenageado pelo Prefeito Alcindo Franco Machado com o Nome de Escola através da Lei Municipal nº 814 de 26 de setembro de 1977

ZENÓBIO NEVES DOS SANTOS

Filho de Orestes e de Orasilvia, Zenóbio, nasceu na zona rural, mais precisamente no local denominado Nova Esperança, Amambai. Ainda na adolescência, mudou-se para a cidade (Amambai) com seus pais. Após concluir mais uma etapa dos seus estudos, ingressou no Ginásio Estadual Dom Aquino Correa, com destaque especial em matemática, tendo como professor Walmir da Rosa Peixoto, competente professor, porém, temido por todos os alunos.

Na sequência, fez o curso de contador.

Sempre se destacou em tudo que se atrevia a fazer, inclusive em música. Foi um excelente sanfoneiro.

Em Amambai, exerceu, com destaque, além do cargo de Vereador por três mandatos, o de secretário do ginásio estadual Dom Aquino Correa, o de professor e o de cartorário.

Na eleição realizada em 31/11/69 FOI ELEITO VEREADOR para a legislatura de 31/01/70 a 31/01/1973.

Na eleição realizada em 1972, foi reeleito para a legislatura de 31/01/73 a 01/02/77

Reeleito novamente Vereador em 15/11/1. 976 para a Legislatura de 01/02/77, a 31/01/81.

Quando o Vereador Zenóbio se desligou da Câmara para concorrer a uma vaga na Assembleia Constituinte do Estado. Sua vaga foi preenchida pelo Dr. Macedônio.

Durante a movimentação para a criação do Sindicato Rural de Amambai, foi contratado como secretário do Escritório da recém-criada Instituição.

Prestando serviços de assistência contábil aos produtores rurais, e logo após a criação do FUNRURAL, auxiliando na obtenção de Serviços Médicos e Odontológicos o nosso jovem colaborador exerceu seus atributos de político e conquistou muitos amigos e seguidores.

As eleições eram para eleger um Senador, um Deputado Federal e um Deputado Estadual, e o voto era vinculado. Os eleitores deveriam votar na chapa completa, em candidatos do mesmo Partido, sob pena de anular o voto.

Convidado a compor a Chapa do PDS - Partido Democrático Social (Ala Independente), com o candidato ao Senado era Pedro Pedrossian e para a Câmara Federal o Ubaldo Barem.

Assim o Zenóbio chegou a ser Deputado Estadual Constituinte. eleito em 15 de novembro de 1978 com 6.199 votos.

No dia 1º de janeiro de 1979, foram empossados 18 deputados constituintes: Alberto Cubel, Ary Rigo, Cecílio Gaeta, Getúlio Gideão, Horácio Cerzósimo, Londres Machado, Odilon Nacasato, Onevan de Matos, Osvaldo Dutra, Paulo Saldanha, Ramez Tebet, Roberto Orro, Rudel Trindade, Sérgio Cruz, Sultan Rasslan, Valdomiro Gonçalves, Walter Carneiro e Zenóbio dos Santos.

Na 1ª LEGISLATURA - de 1º de janeiro de 1979 a 31 de janeiro de 1983, deputados Alberto Cubel Brull - Arena, Ary Rigo - Arena, Cecílio de Jesus Gaeta - MDB, Getúlio Gideão Bauermeister - Arena, Horácio Cerzósimo de Souza - Arena, Londres Machado - Arena , Odilon Massahisti Nacasato - MDB, Onevan José de Matos - MDB, Osvaldo Dutra - Arena , Paulo Saldanha - Arena, Ramez Tebet - MDB, Roberto Orro - MDB, Rudel Trindade - Arena , Sérgio Cruz - MDB, Sultan Rasslan - MDB, Waldomiro Gonçalves - Arena, Walter Benedito Carneiro - Arena e Zenóbio Neves dos Santos - Arena.

Coube a Zenóbio e aos demais deputados constituintes, em curtíssimo tempo, a difícil e árdua responsabilidade de elaborar a Constituição Estadual e, concomitantemente, as

demais leis que iriam reger o novo estado, o que o fizeram com muita competência.

Pela sua coerência, liderança e sabedoria, conquistou a admiração dos demais colegas e, inclusive, o apelido de “Filósofo”, segundo o dep. Londres Machado, seu colega constituinte.

A frente da Assembleia Legislativa, ao longo dos seus 2 mandatos, o deputado Zenóbio, com a peculiar visão de estadista e de homem público, exerceu, com singular competência, funções de destaques, como, por exemplo, a presidência da Comissão de Constituição e Justiça e a titularidade de Primeiro Secretário, além da já acima citada.

Em seu mandato iniciou-se a construção da Residência do DERSUL-Departamento de Estradas de Rodagens do MS, Regional de Amambaí, e foi aprovado o Mapa das Rodovias MS do Cone Sul.

Máquinas e Equipamentos chegaram para iniciar a abertura e construção das Rodovias. Amambaí recebeu também a Agência Regional da Educação e da Fazenda.

Releito para a 2ª LEGISLATURA de 1º de fevereiro de 1983 a 31 de janeiro de 1987, em 15 de novembro de 1982 com 13.693 votos, sendo que em Amambaí recebeu 3.499 votos, onde também foram eleitos os deputados Aires Marques - PMDB, Akira Otsubo - PMDB, Anis Faker - PMDB, Armando Anache - PDS, Arthur Jorge do Amaral - PDS, Ary

Rigo - PDS, Benedito Leal de Oliveira - PMDB, Cecílio de Jesus Gaeta - PMDB, Daladier Agi - PDS, Gandi Jamil Georges - PDS, Ivo Cersósimo - PMDB, João Leite Schimidt - PMDB, Jonatan Pereira Barbosa - PMDB, Londres Machado - PDS, Manfredo Alves Corrêa - PDS, Nelson Buainain - PMDB, Nelson Trad - PDS, Onevan José de Matos - PMDB, Roberto Djalma Barros - PDS, Roberto Orro - PMDB, Waldir Pires Cardoso - PDS, Valter Pereira de Oliveira - PMDB, Walter Benedito Carneiro - PDS e Zenóbio Neves dos Santos - PDS. Suplentes que assumiram durante a Legislatura: Massal Futigami - PMDB e Laucídio Pereira Cunha - PMDB.

Justíssimo foi o título de cidadão campo-grandense que lhe foi conferido pela Câmara Municipal local, de iniciativa do vereador e hoje Deputado Estadual Lídio Nogueira Lopes, fora outros vários que lhe foram concedidos por outros municípios do Estado, em reconhecimento ao seu trabalho em prol da sociedade sul-mato-grossense. Exemplo que deve ser seguido.

Faleceu em 12 de maio de 2.011

Pela Lei Municipal 2349/2013 Fica denominada a Poliesportiva de "GINÁSIO ZENÓBIO NEVES DOS SANTOS"

BENIGNO DE VASCONCELOS

Recebi hoje, tardiamente aliás, a contristadora notícia do falecimento do meu prezado amigo Benigno, a qual me deixou profundamente abalado.

Em que pesassem os seus oitenta e cinco (85) anos de idade, a morte de Benigno pode ser considerada, embora pareça um paradoxo, como prematura.

O seu espírito lúcido, jovial, alegre e brincalhão ocultava toda aquela idade que os seus alvíssimos cabelos debaldemente teimavam em externá-la.

Benigno Nardis de Vasconcelos, egresso de terras gaúchas, aportou no sul do Estado de Mato Grosso, lá pelos idos de 1910, fixando-se posterior e definitivamente na longínqua e esquecida Amambai (usando sua própria expressão), onde constituiu numerosíssima família. Vinte e seis (26) é o número exato de filhos que gerou. Cada um destes seguiu um destino diferente. Até na legendaria Universidade de Coimbra, em Portugal, o velho Benigno tinha um filho que cursa atualmente a Faculdade de Medicina.

A vida de Benigno foi inteiramente dedicada ao bem comum, pelo que conquistou a estima, o

respeito e a simpatia de toda uma comunidade que jamais o olvidara.

Inicialmente dedicou-se ao magistério primário, exercendo essa nobilitante missão na campanha, onde deixou uma verdadeira legião de homens e mulheres alfabetizados. Posteriormente explorou o ramo de farmácia. O explorou aqui vai entre aspas porque tem sentido meramente figurado, pois, a rigor, ele e quem foi explorado nesse ramo de negócio.

Sua pequena botica, ao longo de toda aquela existência, nunca cresceu, contrastando com várias outras que ali proliferaram e se expandiram rapidamente.

Mas isso tem explicação no fato de ele exercer aquela atividade sem a ganância e malícia comum em qualquer ramo de comércio. Daí a razão de sua drogaria não haver acompanhado o mesmo ritmo de "Crescimento de suas congêneres.

Presenciei por mais de uma vez, alguém chegar na farmácia com receita fornecida pelo médico do Posto de Saúde e o velho Benigno pacientemente despachar o remédio com aquela delicadeza que lhe era peculiar, sem ao menos anotar a quantia correspondente. Percebendo o meu espanto, ele explicava que aquele freguês jamais teria condições de lhe pagar tal dívida, portanto não adiantava gastar papel e tinta com anotações inúteis.

Várias vezes representou o povo amambaiense na Câmara Municipal de Amambai, eleito pela gente humilde e anônima que ao sufragar o seu nome expressava toda sua gratidão pelos inúmeros benefícios recebidos.

Sua legenda partidária era o extinto PTB, Partido a que pertenceu até 1954, quando abandonou a política em face do trágico desaparecimento do ex Presidente Getúlio Vargas.

Amambai perde, assim, uma de suas grandes figuras e o povo humilde um de seus maiores benfeitores.

Estou certo, porém, de que o nome de Benigno jamais será esquecido, portanto ele implantou no seio da coletividade um marco indelével.

Bauru, abril de 1970

Nilo Luiz de Oliveira

Jornal o Progresso Dourados MT - Ano XX nº
1134 25 de abril de 1970 - CDR - UFGD

HUMBERTO PUIGGARI COUTINHO

Humberto Puiggari Coutinho, Nascido em 1878, na cidade de Xiririca atualmente município de Eldorado Paulista (SP) e exerceu atividades comerciais, principalmente farmacêutica em várias regiões do estado, onde anotou com muita

sensibilidade as “conversas de balcão” que escutava.

Foi delegado de Polícia em Três Lagoas MT e Promotor de justiça de Campo Grande MT.

Vivenciou fatos históricos como a participação de Mato Grosso na revolução de 1932.

Amigo de Vespasiano Barbosa Martins, Puiggari soube registrar magistralmente o dia a dia da terra-de-ninguém mato-grossense. O Livro Nas fronteiras de Matto Grosso. Terra abandonada (Ed. Mayença, 1933).

Um livro de raro acesso pelo fato de ter sido publicado em pequena tiragem, tem seus originais manuscritos no cofre de segurança do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul, doado pelo ex-governador do estado, Wilson Barbosa Martins.

O livro é composto de vinte e três textos que descrevem a fronteira entre o Brasil e o Paraguai a partir de relatos orais recolhidos na região, denunciando as injustiças cometidas por muitas pessoas influentes na região.

Na contracapa observa-se um mapa, que representa os lugares retratados pelo autor/narrador: Bela Vista, Campo Grande, Nioaque e Ponta Porã. Abaixo dessa imagem há

outra que representa alguns migrantes de Mato Grosso.

A partir dessas informações iniciais, podemos perceber que a intenção principal da obra é descrever a difícil vida na fronteira Brasil - Paraguai através de narrativas conhecidas e contadas pelas pessoas simples que viveram e trabalharam na região, porém, o escritor [brasileiro] se habitou a produzir para públicos simpáticos, mas restritos, e a contar com a aprovação dos grupos dirigentes, igualmente reduzidos. Ora, esta circunstância, ligada à esmagadora maioria de iletrados que ainda hoje caracteriza o país, nunca lhes permitiu diálogo efetivo com a massa, ou com um público de leitores suficiente.

Sua assinatura utilizada em seus manuscritos era “H. Puiggari Coutinho”, utilizando para escrever seu livro verso de papel timbrado da “Pharmacia Brasil de O. Jorge. Rua João Pessoa, 432. Telephone 3”.

Apesar de permanecer “exilado” em terras paraguais depois no Paraná, os registros de Puiggari constituíram-se em verdadeiros resgates da memória coletiva da fronteira e permitiram (parafraseando a belíssima criação explicativa do escritor Abílio Leite de Barros) a “permanência” de fatos significativos da história fronteiriça que, não fossem os

historiadores, fatalmente seriam varridos pelos ventos do esquecimento.

Foi através de Puiggari que se perpetuaram figuras marcantes do cotidiano fronteiriço, como a vida elegante do bandido Sismório, a tragédia nos ervais e a vida dura dos ervateiros, e ainda o terrorismo e o medo implantados por grupos de bandoleiros como os Bochincheros e a Turma Sinistra. Isso tudo acrescido do envolvimento do sul do estado na revolução de 1932 e da incrível história dos levantes de João Christiano Ortt, posseiro que combateu as forças da Matte Larangeira (grafia antiga), e foi violentamente reprimido como agitador comunista. Aliás, João Ortt nem sabia o que era isso.

Não podia deixar de citar as ações de Silvino Jacques e dos Baianinhos.

Humberto Puiggari Coutinho fundou em 1934 o primeiro jornal de Londrina, denominado de Paraná Norte e que circulou até 1953.

Um dos primeiros fundadores da Santa Casa de Londrina.

Agradecimento especial a seu filho: CESÁREO PUIGGARI.

JOAO IGNACIO

João Ignácio dos Santos, nascido em 24 de janeiro de 1870, fez um longo percurso, saindo

de Santa Maria, no Rio Grande do Sul, passando pela Argentina até chegar à região de Amambai, tendo como meio de locomoção uma carreta de boi, na qual transportava seus mantimentos e sua família.

"Eles vieram pela Argentina, viajaram um bom tempo a pé, de cavalo e carreta de boi, acampavam e cultivavam plantas para poder sobreviverem e quando essas plantas produziam, eles colhiam e seguiam em frente; assim foi a viagem até que chegaram aqui e começaram a habitar a região", conta Almeriy Flores dos Santos, neto de João Ignácio.

Almeri ainda conta que o maior atrativo que os avós tiveram para permanecerem em Amambai foi o fato de as terras serem boas para a agricultura e terem campos próprios para a criação de gado, como a fazenda Onda Verde. "Meu pai, Bernardino, tinha apenas dois anos quando saíram de Santa Maria e no caminho nasceram mais dois tios meus, isso mostra o quão longo foi o percurso", lembra Almeri.

O trajeto até Amambai não foi fácil, a viagem que durou anos debaixo de chuva e sol para chegar a uma terra desconhecida, levou João a fazer uma promessa: caso chegasse bem com sua família, mudaria seu nome. E assim o fez, assim que chegou aqui, João Ignácio, que antes se

chamava José Ignácio Fernandes dos Santos, trocou seu nome.

Joao Ignacio era filiado ao PRMG - Partido Republicano Mato Grossense.

Passado certo período, a esposa do desbravador Senhora HERMINIA FLORES DOS SANTOS veio a falecer. Ele por sua vez, decidiu vender suas terras na região e seguir sua viagem que findou na região de Três Lagoas, local onde faleceu no dia 15 de outubro de 1942.

João Ignácio deixou seu legado em Amambai como grande desbravador e de espírito aventureiro, atuando em um vasto território que compreende nossa região, sendo homenageado com um monumento na praça da vila Doriane, na década de 90.

ANTONIO MARTINS DUTRA

Nascido em Santo Ângelo - Rio Grande do Sul aos 29 dias de julho de 1905.

Acompanhando seus pais: MANOEL JOAQUIM MARTINS e JOAQUINA DUTRA MARTINS chegou em Amambai com 17 anos de idade.

Amambai ainda Patrimônio União possuía pouco mais de 10 casas, indo residir na zona rural.

As compras de primeiras necessidades eram realizadas em Ponta Porã, através de cavalo e carreta de boi. Amambai possuía apenas a loja do S Juquinha e a farmácia do Senhor Benigno Vasconcelos.

Casou-se aos 25 anos com Enedina Otano (filha de Nicolau Otano) e tiveram 06 filhos.

Sócio ervateiro da Cooperativa de erva mate de Patrimônio União. Entretanto sua profissão principal era a arte de couro.

Fabricação de apero de cavalos (arreio), além da fabricação de chinelos, bolsas entre outros.

A matéria prima utilizada ele mesmo preparava, após a utilizar de casca de curupai do cerrado, onde o couro ficava de molho na água por 30 dias para curtir, depois era estendido e cortado conforme as necessidades.

Seus trabalhos eram tratados e carimbados por peças que desenhavam flores e outras imagens além de sua marca.

Seus instrumentos de trabalho estão no Museu José Alves Cavalheiro em Amambai a disposição dos visitantes.

LÍCIO BORRALHO

Natural do Rio Grande do Sul (Uruguaiana), nascido em 18 de abril de 1902.

Filho de Lício de Campos Borralho e Laura Proença Borralho.

Frequentou curso primário dos ginásios de Pelotas e Anchieta, de Porto Alegre.

Engenheiro agrônomo formado pela Escola de engenharia de Porto Alegre em dezembro de 1923.

Foi prefeito de Ponta Porã de 1931 a 1933 e 1935 a 1936;

Foi um dos organizadores da Aliança Liberal em Mato Grosso.

Participou ativamente na revolução de 1932, organizando em Ponta Porã a única força que combateu ao lado de Getúlio Vargas.

Foi membro da aliança liberal mato-grossense e do partido evolucionista.

Foi um dos fundadores do Petebista no Mato Grosso, partido por qual foi eleito Deputado Estadual.

Vice-presidente da Assembleia Legislativa nos anos de 1947 a 1949.

Líder da banca trabalhista durante toda a legislatura.

Foi neste mandato que apresentou PROJETO DE EMANCIPAÇÃO dos municípios de AMAMBAI E BONITO.

Membro do diretório estadual do Partido Trabalhista Brasileiro.

Ainda em 1935 foi nomeado delegado regional de valorização da fronteira sudoeste, organização que visava à captação de recursos para as prefeituras da fronteira entre o antigo Mato Grosso, Rio Grande do Sul e Paraná.

O principal feito do Dr. Lício Borralho teria como palco a disputa de Ponta Porã e Maracaju para ser sede do Território Federal brasileiro que foi criado em 13 de setembro de 1943, conforme o Decreto-lei n.º 5 812, do Governo de Getúlio Vargas. Tudo estava certo para ser Ponta Porã a sede oficial do território Federal através do Decreto-lei n.º 5 812, que criava o Território Federal de Ponta Porã, estabelecia que o mesmo fosse formado pelo município de Ponta Porã (onde foi instalada a capital) e mais seis outros sendo eles: Porto Murtinho, Bela Vista, Dourados, Miranda, Nioaque e Maracaju, mas com articulações políticas a capital foi transferida para Maracaju (Decreto-lei n.º 6 550), e novamente voltando a Ponta Porã, nesse período articulações e interesses fizeram com que prevalecesse a força da fronteira, o grande articulador deste feito fora Dr. Lício Proença Borralho.

Eleito em outubro de 1950 deputado federal pelo mesmo estado, o mais votado, sempre na legenda do PTB, deixou a Assembleia estadual em janeiro de 1951 e, no exercício do novo mandato, iniciado no mês seguinte, foi líder de seu partido na Câmara Federal, na qual permaneceu até janeiro de 1955. Ainda nessa legislatura, ocupou o cargo de segundo-secretário da Câmara e, por curtos períodos, a presidência desta casa.

Com o movimento político militar de abril de 1964, foi acusado de pertencer ao Grupo dos Onze, movimento criado em 1963 por Leonel Brizola, composto por grupos formados por 11 membros, que tinham como objetivo a luta pela implementação das chamadas reformas de base (agrária, educacional, bancária etc.).

Borralho foi afastado do cargo de delegado regional de valorização da fronteira sudoeste e esteve preso por 17 dias, tendo sido posteriormente julgado inocente e libertado.

Candidato a deputado federal em 1966

Faleceu em Ponta Porã no dia 26 de agosto de 1993.

Agradecimentos a: Jackson Campos Borralho e Yhulds Giovani Pereira Bueno

PADRE BONFILHO MÂNPIO

Filho de Valentim Mânpio e Josefina Pegoraro Mânpio.

É o primeiro filho do casal no total de 13.

Nascido em 22 de maio de 1927, na comunidade de Linha Base, pertencente ao município de Nova Palma, no Rio Grande do Sul.

Padre Bonfilho despertou sua vocação sacerdotal e entrou para o seminário em 1943, iniciada em uma pequena vila chamada de Vale Vêneto.

Em 1958 recebeu as Ordens Sagradas Sacerdotais dentro da Congregação Palotina, exercendo o ministério e o magistério no seminário onde foi ordenado em Santa Maria RS.

Em 1961 chega a Amambai. Além de se dedicar ao sacerdócio foi diretor da Escola Normal de Amambai.

Foi o pioneiro na região das reuniões de PLC.

No ano de 1987 foi transferido para a Paróquia Nossa Senhora de Fátima em Fátima do Sul, continuando os trabalhos de Evangelização e do magistério, como Pároco e Professor.

Em maio de 2.014 retorna para Santa Maria RS para morar na Comunidade Padre Caetano Pagliuca, retiro dos padres palotinos.

Faleceu no dia 31 de julho de 2.020 Em Santa Maria RS.

PADRE AMADO GASTÃO DECLEENE

Nasceu em Bierne França no dia 20/05/1892

Faleceu em Cuiabá - Mato Grosso no dia 28/05/1974

Aos concluir seus estudos, já com 20 anos, segue para Melles na Bélgica a fim de matricular-se no Instituto São Paulo, pois seus pais o queriam vê-lo sacerdote.

Um ano após teve que abandonar os estudos e engajar-se no exército, onde permaneceu durante sete anos, participando de duas guerras: a de Marrocos e a primeira guerra mundial de 1914.

Sua caderneta militar em tantos anos de carreira, não apresentava nenhuma repreensão.

Após o término da guerra, volta ao seminário com um documento assinado por seu comandante como o soldado seminarista.

No seminário é julgado incapaz por seus superiores e abandona o seminário. E viaja para Turim na Itália.

Em um encontro com o Padre Hermenegildo Carrá, após a apresentação de um padre, é convidado para vir para a Inspeção Salesiana de Mato Grosso.

O Seminarista soldado não hesitou. Dias depois sem avisar seus parentes e amigos embarca para o Brasil.

Em terras brasileiras segue para a cidade de Lavrinhas São Paulo, onde reinicia o noviciado, e em 1924 conclui com a profissão religiosa.

Parte para a Colônia Indígena do Sangradouro no Mato Grosso, acima de Cuiabá, onde permaneceu por 10 anos, educando os filhos dos índios bororos.

Foi conferido por Dom Francisco de Aquino Correa no dia 17 de março de 1929 o título de sacerdócio após concluir teologia. Padre com 37 anos de idade.

Chegou em Ponta Porã em 1935, com a finalidade de dirigir duas grandes paróquias: a de Ponta Porã e de Maracaju, ambas abrangendo uma grande extensão.

Maracaju, Bela Vista, Nioaque, Vista Alegre, Ponta Porã, Sanga Puita, Campanário, Caarapã, Santa Luzia (Juti), Patrimônio União (Amambai) Nhu Verá (Cel Sapucaia), Colonia Penzo, Ipheju (Paranhos).

Em carta ao seu superior declarou: “tive que percorrer a cavalo milhares de quilômetros, ora em sol escaldante, oram debaixo de chuva torrencial.”

No final de 1936 em visita ao patrimônio de Caarapó, na residência do Sr. Francisco Serejo (Pai do escritor Hélio Serejo), chegou extremamente esgotado, com suas roupas em farrapos, não gozando de boa saúde. As faces de uma palidez cadavérica, comia pouco, somente tomava água, passou a sofrer de dores intestinais e tonturas.

Após um mês de repouso absoluto estava completamente recuperado.

Em 1940, após longos anos de caminhada nas paróquias de Ponta Porã e Maracaju, parte para a paróquia de Guiratinga, Alto Araguaia e Araguaiana no Mato Grosso.

Em 1968 é nomeado chanceler da Cúria Metropolitana de Cuiabá MT.

Livro Pelas Orilhas da Fronteira - Hélio Serejo, Ed o Formigueiro.
http://sangiovannibosco.net/attiCG/Atti_1975_280.ACS.pdf Pg 65.

HELIO AMARAL - AUTOBIOGRAFIA

Resisti muito em escrever esta autobiografia, primeiro porque desde o final de minha adolescência aprendi que filosoficamente e espiritualmente se deve evitar voltar-se por demais para o ego, essa parte do ser humano que é responsável por muita coisa boa, mas também

desde os menores até os maiores equívocos e até as guerras, porque é ele que representa a vaidade excessiva, a ganância desmedida, a defesa extrema do eu mesmo que em detrimento do nós. Enfim fui renitente em falar de mim mesmo, até que conversando com meu primo José Carlos Robaldo (que também escreveu uma autobiografia) me disse ele que e iria escrever uma autobiografia e que eu também deveria fazê-lo. Argumentei o que não me sentia bem falando de mim mesmo, ao que retrucou (não no truço que ele jogamos também mas no sentido de replicar - apenas uma brincadeira) que deveria fazer pois nossas histórias de vida poderiam ser úteis a alguém de gerações futuras, já que nem a dele nem a minha foram fáceis.

Outro motivo que me impediu de escrever autobiografia é que na minha história de existência houve fatos muito pouco engraçados e que me marcaram e, se for para omitir fatos preferia não escrever, não relatar. Drama ou comédia, devo ser fiel à história, ainda que tenha, pela contundência da franqueza, pedir escusas a familiares vivos ou que já estejam em outra dimensão, o que já fica aqui feito.

Mas enfim, superados os obstáculos de ordem subjetiva, resolvi contar a história de minha história. E decidi fazer isso justamente por ocasião da cerimônia de instalação da Academia amambaiense de Letras, em Amambai, Mato Grosso

do Sul, no dia 26 de setembro de 2018, pois vendo meus conterrâneos tomando posse em uma magnífica cerimônia, percebi que ali também estavam personalizadas ricas histórias de vida com momentos de glórias e vicissitudes tanto quanto a minha. Que também um dia havia deixado o ninho e, tal como a águia, voado alto em busca de maior luz saíram e retornavam, com uma visão e uma compreensão diferenciadas sobre o homem e o mundo nos qual estão inseridos, atributos próprios daquele que só e sem o ninho voam bem alto mesmo com os riscos de caírem.

Tentarei fazer um relato sucinto e objetivo, mas procurando não ser omissos, salvo por conta da memória, pois a história transcorre há 65 anos. Fiquem livres e a vontade para acreditar ou não, mas falarei a verdade.

A pretensão é singela. Apenas registrar os fatos e torcer para que sirva como história que possa ser aproveitada como inspiração talvez, para algum jovem que sinta o desejo ardente de saber, de compreender, de conhecer além de seu “mundinho” e que talvez não tenha recursos materiais e outros incentivos e iniciativas para prosseguir e avançar vida a fora, como ocorreu comigo.

Só bem depois que compreendi o sentido dos dizeres bíblicos:

“Pedi, e dar-se-vos-á; buscai, e encontrareis; batei, e abrir-se-vos-á. “Porque, aquele que pede, recebe; e, o que busca, encontra; e, ao que bate, abrir-se-lhe-á”.

E compreendi também que o “pedir”, “buscar”, “bater” não é algo que seja necessariamente atendido na passividade e na inércia; ao contrário, muitas vezes exige muita ação e coragem extraordinária. Talvez para demonstra a confiança que se tem na própria Vida.

Para descer a alguns detalhes a mais, diga-se que nasci literalmente e efetivamente em um galpão de engenho de cana de açúcar. Nesse galpão, onde estavam os recipientes que acondicionavam a guarapa, o melado e rapadura que eram ali preparados, e foi dividido tendo um compartimento ficado para “residência” de meus pais. Foi nesse local que nasci no dia 02 de abril de 1953.

Segundo contam quase não subsisti porque nasci com o cordão umbilical enrolado no pescoço. Mas (também segundo contam) com muita reza, promessa e com o elevado saber empírico da vovó Amada (a parteira que fez o parto), sobrevivi e aqui estou a relatar a história de minha história.

Tendo a honra de atender à solicitação do Preclaro Professor e Amigo Albertino Fachin, e mesmo achando difícil sintetizar a autobiografia

deste amambaiense nato, passo a expor o que a inspiração e a memória me dita neste momento.

1 - Nasci em 1953 no distrito de Antônio João (hoje Coronel Sapucaia), município de Amambai/MS, mais precisamente na Fazenda Boa Vista, de meu avô paterno José Rufino do Amaral, o Juca Melo, que a todo sudeste limitava com a República do Paraguai.

Por volta de 1969/70, com a morte de meu avô e venda da fazenda, mudamos para a “vila” de Antônio João (Coronel Sapucaia), onde exerci várias atividades profissionais/ laborativas, inicialmente auxiliar de carpinteiro e pedreiro, depois ajudante de caminhão de serrarias, motorista de caminhão, proprietário de carro taxi (jeep).

A tal de ansiedade e compulsão interior para conhecer o mundo, outro “universo” além daquele em que me encontrava no Sul do meu glorioso então estado do Mato Grosso, só aumentava.

Meu pai acima. Meus avós paternos à esquerda e minha tia Nena (mulher do Nicanor Amaral) e um outro tio a esquerda

Em 1972 fui prestar o serviço militar (em pleno e intenso regime militar), no 17 Regimento de Cavalaria.

Quando “dei baixa” trabalhei uma época como tratorista em uma fazenda. Em seguida montei um

pequeno comercio, bar e mercearia, que toquei até final de 1974.

Conquanto tenha nascido e passado a infância e parte da juventude no ambiente absolutamente rural e rústico, sempre experimentei uma ansiedade e vontade descomunal de conhecer algo (imaginava eu) que deveria existir além daquele “mundinho” em que escolhi para nascer.

Nunca passamos necessidades básicas, tais como alimento e vestuário. Mas só. Parece que a aquisição de saber não era o forte, posto que desde bem cedo, aí pelos sete, oito anos já pedia para “ir estudar em Amambai” onde morava o irmão mais velho de meu pai, o tio Nicanor Amaral.

Na época (anos de 1970) o fluxo de madeireiras e pessoas que as circundavam era enorme e avançavam a todo vapor em nosso Estado, vindas sobretudo do Paraná (as serrarias, porque as pessoas por elas atraídas vinham de todos os quadrantes do País).

Numa dessas levas de gente e madeireiras, aportou em Coronel Sapucaia um mecânico (japonês) e sua oficina. Nas férias escolares vinha de Curitiba/PR onde estudava engenharia química, um irmão desse aludido mecânico a visitá-lo e, como “nada” havia para laser, naquela época, em Coronel Sapucaia, esse irmão, que hoje vive e trabalha na cidade de

Paranavaí/PR, ancorava no meu bar, a noite, a tomar cerveja e jogar snooker.

Horas passando, ruas escuras (não havia iluminação pública), o já meu amigo, passava a comigo conversar. Contava-me muita coisa do “mundo civilizado”, da capital Paranaense, da Faculdade (estudava na UFPR) e o mais “grave”, repetidas vezes me dizia, durante as conversas: “Mato Grosso (assim me chamava) você não nasceu para isto aqui.

Vejo você no seu bureau (a primeira vez que ouvi essa palavra e nem sabia o que significava), com uma placa de doutor. Você tem de ir estudar. Eu te levo”.

Eu argumentava que não tinha condições nem financeira nem pessoais de sair de lá, mas ele era inconsequentemente persuasivo.

Em resumo, em um mês ele me convenceu (claro aliado a imensurável compulsão que eu sentia para estudar e conhecer outros universos) e lá estávamos, no centro de Curitiba, em dezembro de 1974.

Não é necessário dizer que, para um roceiro do sul do Mato Grosso, fronteira com Paraguai, ali nascido e criado, no sertão e que a época a maior cidade que conhecia (1974) era Dourados, e por momentos ainda, pois estava de carona com um caminhoneiro, estava estarecido de ver aqueles arranha-céus em quantidade incontáveis.

Mas estava disposto a enfrentar e palmilhar a senda que Deus, o Criador me reservou, e assim o fiz e, em marco de 1979 entrava pela porta da frente na Universidade Federal do Paraná, subindo os degraus da portaria que dão acesso à Praça Santos Andrade, por ter passado no vestibular para Direito, e muito bem classificado.

Em tempo e não querendo dramatizar, mas o “japonês que me levou” para Curitiba, em chegando lá procurou um colégio (eu só tinha o terceiro ano primário cursado, os primeiros dois, na escola da Fazenda Boa Vista e o último ano na Escola de Coronel Sapucaia), fez minha matrícula e só fui avistá-lo novamente vários anos depois. Sumiu. E tive que “me virar” naquela cidade grande e desconhecida.

2 - Entre os anos 1968 e 1971 tive a oportunidade de estar várias vezes à Cidade de Amambai. Lembro que uma dessas vezes fui com meu primo que fazia muita troça e zombaria com meu jeito ingênuo e matuto, mas tudo de brincadeira.

As quermesses, ah as quermesses! jogos, namorisco etc. tudo isso vivi nas festas paroquiais.

Os passeios na praça sempre hão de ser lembrados, imagina naquele tempo, um adolescente vindo do sertão! E nesses passeios sempre chegava na Casa Alô Amambai, do meu tio, para

comprar geleia de mocotó que não faltava no “bolicho” (minimercado).

Pela minha idade, claro que aqueles amores impossíveis que surgiam por meninas nas festinhas, é motivo de nostalgia. Os mais intenso desses sentimentos, ocorreram quando frequentava festas, além de Amambai, em fazendas de parentes no local chamado Mangay há uns trinta ou quarenta quilômetros da cidade de Amambai.

Quando eu tinha taxi (um jeep azul, em Coronel Sapucaia - fui o primeiro proprietário de carro taxi naquela cidade/distrito) fiz várias viagens para Amambai, a serviço, a passeio, a festas, visitas aos locais muito festejados para os então jovens, hoje frequentadores do grupo de watts app CAV. Na região da AV claro muito frequentei levando passageiros e....também indo simplesmente me divertir.

Lembro de uma ocasião em que uns PMs simplesmente me abordaram, na região da AV, pediram meus documentos e não devolveram (lembre-se que estávamos sob regime ditatorial, o que a “otoridade” fizesse, estava feito e pronto). Coube-me socorrer de meu tio que era delegado para resgatar meus documentos. Fiquei com pena, na época, do esculacho levado pelos PMs autoritários.

Posteriormente servi ao Exército, (17 RC, em Amambai) 1972, quando tomávamos banho no Panduí e subíamos a Av Pedro Manvailer correndo em instrução militar, todo o esquadrão, atravessando a cidade de Amambai em um areão que poucos conseguiam chegar ao final do trecho, ficavam escornados pela beira da estrada (rua).

Eu sempre me mantive na média do esquadrão. Caboclo desde tenra idade acostumado com a vida severa do labor da roça e do campo....

Nessa época e depois, quando namorei uma Pimentel, lembro que tomávamos banho perto (ou lá mesmo) de um local que hoje passa a rodovia que vai a Cel Sapucaia.

Já por volta de 1973/74 por várias vezes fizemos os “encontrões jovens” da igreja católica, cabendo destacar que em um período de quatro dias ficamos enclausurados numa paróquia de Ponta Porã e, em outro período fomos, todos os “jovens” de Amambai (GRUJOCA se não me engano), em um grande Encontro em Corumbá, de trem, dentre outros eventos do gênero que participei na igreja da cidade de Amambai.

Essa para Corumbá, de trem desde Ponta Porã, foi uma viagem marcante, memorável, passando por Campo Grande, onde assistimos uma missa a noite e seguimos viagem, pantanal a dentro, até a Cidade Branca. (Grujoca acho que foi o Grupo

Jovem da Catedral, já em Curitiba. Não recordo o exato nome do Grupo de Amambai)

3 - Percebo Amambai como uma “Cidade Luz” apesar de seu cognome ser Cidade Crepúsculo. Vejo-a como uma Cidade de alvorecer, tendo recebido numeroso povo vindo do Sul (como digo, em sua segunda leva, pois, a primeira foi no final do século XIX e sobretudo começo do XX) e se estabelecendo com grande garra, trazendo mais progresso e desenvolvimento regional. Frise-se que a primeira leva de sulistas a aportar no Sul do antigo Mato Grosso, era bem mais preservacionista do meio ambiente, da ecologia, que a segunda.

Aos arredores de Amambai, tal como Coronel Sapucaia, Colônia Dutra, Aral Moreira, Ponta Porã, Sanga Puitã, já me evocam sentimento de nostalgia. Minha infância e juventude naqueles locais não foi fácil e sou testemunha presencial de muitas vidas perdidas por aquelas bandas.

Na atualidade Amambai representa um polo cultural e de progresso em quase todos os sentidos. Cidade linda e acolhedora, de pessoas belas e civilizadas. Cidade pujante, sem dúvida.

4 - Amambai representa minha história que entendi por civilizada, onde sonhei estar estudando desde tenra idade. Para mim Amambai significa o passo seguinte rumo a um universo que eu sabia existir e não o conhecia. Aquela

Cidade em que recebi a última serenata da namorada, quando pernoitava na casa de uma prima, a partir no outro dia para Curitiba. Coisa de adolescente.

Amambai é minha cidade natal, a parte deste Planeta onde escolhi para nascer e me criar. E assim foi até meus vinte e um anos de idade. Creio que aí está o que existe de mais forte e marcante para um ser humano.

5 - Hoje tenho filha, enteados, netos, genro em Curitiba. Casei-me com mulher curitibana, mas que também gosta de Coronel Sapucaia e Amambai. Daí dividir minha morada entre Campo Grande e Curitiba, atualmente.

Sempre que posso ou sou convidado, gosto de retornar a visitar Amambai. Sem dúvida alguma, atividade útil e consistente me faria retornar a Amambai.

Vale ressaltar que quando fiz o concurso para Delegado de Polícia Federal, fui bem classificado na Academia (ANP/DF) em Brasília e poderia pedir minha lotação para vários outros locais dentro do País. No entanto pedi a Superintendência/SR/DPF/MS única e exclusivamente para voltar ao meu Estado natal, sendo a melhor vaga que aqui se apresentava.

ANTONIO FUJIWARA - DEPOIMENTOS DE JANE E IVANILDE FUJIWARA

Genzo Fujiwara, nascido em 28 de janeiro de 1928, na cidade de Kumamoto Japão, filho de Tsuneu Fujiwara e Umeno Fujiwara.

Conhecido como seu Antônio japonês, ou seu Antônio da Serraria casado com dona Epifania, foram personagens muito importantes para o desenvolvimento social e econômico de Amambai.

Chegaram em Amambai entre os anos de 56 a 57 e proveniente de São Paulo, mas antes passou pela região de Sidrolândia.

Além da Serraria, que em um tempo era a única, empregava muitas famílias.

Meus pais eram muito católicos, ajudaram na arrecadação, levantaram fundos através das famosas quermesses.

Havia um enorme envolvimento com a comunidade.

Os padres Bom Filho e Antônio Segato, eram referências para as famílias que buscando apoios espirituais. Não se falava em ajuda psicóloga sem o envolvimento deles, davam conta do recado.

Padre Antônio era parceiro do seu Antônio japonês e do seu Antônio da máquina de arroz. (Pai do saudoso Airton, que namorou a Marlene)

que casal lindo. Viviam caçando e pescando juntos.

Lembro uma ocasião eu que minha mãe estava fazendo uma novena as 6 horas da manhã já estava na igreja pra missa. Padre Antônio tinha um compromisso com meu pai pra irem pescar e celebrou a missa em 15 minutos. Mamãe ficou muito brava e cobrou dele. Ele riu e já foi tirando a batina e para surpresa, já estava com as roupas de pesca, até a botina.

Padre Antônio era como um segundo pai pra nós. Quando ficávamos doente, ele sempre ia lá benzer. E, puxava nossas orelhas e deixava de castigo.

Aquele tempo em que ele levava uma de nós para a cidade vizinha quando ia celebrar a missa. Como eu era muito danada, vivia comendo hóstia.

Fomos nas ocasiões de batismo, primeira eucaristia, crisma, anjos. Que anjos.

Mais pais Antônio e Epifania, sempre presentes em encontros de jovens, de casais, buscando crescimento espiritual.

O que escrevi não mensura a gratidão e privilégio que tivemos em tê-los como pais. Foram exemplos.

Tiveram 4 filhos biológicos Luís Carlos, Marlene Aparecida, Marilene e eu, Jane.

Tivemos a honra em ter como irmãos Ivanilde e Antônio Carlos, filhos do primeiro casamento do papai, Lourdes, Jânio, irmãos, filhos de uma sobrinha que havia falecido. Justino, Silverio e Marcos, filhos da tia Eugênia que não tinha condições de cria-los por problemas de saúde.

Perdemos o Marcos em 2020 para o COVID. O restante, estão bem. A maioria mora em Rio Branco no Acre, Porto Velho RO, Campo Grande MS, eu sou ciclo turista nômade. Totalizamos 11 irmãos.

Meus pais já ganharam espaço no céu. Cumpriram dignamente suas missões na terra.

Algumas vezes meus pais resolviam levar a gente pra viajar. Lotavam a rural de comida, colchões e criança por todos os lados, onde cabia, a gente ficava.

Outra situação esperada era a época da guavira. Papai usava um caminhão de carregar toras, sem carroceria, só com tábuas que dava pra ver os pneus e o chão nos sentávamos nesse espaço e segurava, mas com força.

Passávamos o dia inteiro catando e comendo guavira. Não tinha nada além disso pra comer, água. Só guavira. Somos heróis e creiam, nos fortalecemos e nos tornamos do bem, sobrevivemos sem nenhum arranhão. Algumas coisas superamos com o tempo e aprendizados.

Acredito que muitos que presenciaram o padre Bom Filho cruzar as brasas incandescentes descalço na fogueira de São João, supunha que ele era um santo de tanta fé. Tinha alguns que achavam que tinha essa "fé", mas logo desistiram de tentar passar andando não brasas.

E assim, creio obtemos a resposta dessa magia em ter Amambai em nós.

Quem participou das quermesses, dos teatros, dos desfiles de 7 de setembro, do cine primavera, da convivência com o pessoal do quartel, principalmente jogando vôlei, dos banhos no rio Panduí, das festas nas aldeias indígenas, aonde uma partida de futebol durava o dia inteiro.

Aaah... As escolas. Que privilégio estudar no coronel Felipe de Brum, Dom Aquino Correia... Os professores muito respeitados.

Ser de Amambai foi superação, aprendizagem, levamos muito amor e muita cumplicidade de um tempo encantado...

Deve ser por isso que conseguimos ser essa expressão de magia chamada Amambai.

Imensamente e eternamente gratos aos meus pais Genzo Fujiwara e Epifania por essa oportunidade.

Saudades imensas.

Mas guardamos no coração essa linda história que será registrada para que no futuro as pessoas entendam um pouco o porquê desse amor.

TEODORO LOPEZ DINIZ

Ser médico sempre foi uma tarefa árdua. Não se importando com o tempo e as circunstâncias sociais envolvidas, exigiu do indivíduo que teve pretensão de exercer o ofício de médico um olhar social diferenciado.

Classificados como intermediários entre os homens e os deuses, dando a origem do conceito da medicina ser um sacerdócio. Entretanto é colocado a seus ombros um papel de depositário das soluções para vencer as doenças a fim de evitar o maior, último e derradeiro confronto da humanidade: a morte.

Medicina é e sempre será sentimento e arte. Sentimento este que nasce do indissociável compromisso de solidariedade com o homem. Arte que vem da sensação de que o conhecimento científico não encerra em si toda a natureza do nosso ofício. A Medicina é um sonho de transformação.

Ser médico não é tarefa fácil. Seus atos não são e nunca serão vistos e avaliados em

igualdade de condições com as demais profissões. De quem se espera mais, se cobra mais.

Assim era meu amigo há mais de 30 anos.

Pernambucano da cidade de Floresta, filho primogênito de 12 irmãos, escolheu Amambai, com um clima totalmente diferente de sua terra natal. Nesse clima sempre estava acompanhado de seu cachecol. E eu questionando:

Dr. Está calor! -

-Alberrrtino! Sim com o r arrastado q me chamava. - Esse frio ataca minha garganta.

Assim vai mais um herói em Amambai, deixando sua marca, amambaienses que nasceram em suas mãos. Amambaienses que agradecem a cura, ou mesmo o alívio das dores.

PERSONAGENS DE AMAMBAI

Podemos definir as lendas urbana como aquelas histórias imaginadas que envolvem os indivíduos em situações banais no cotidiano diário de uma sociedade, mas que carregam especificidades e/ou excentricidades que despertam curiosidade, espanto, dúvida, medo e até mesmo sátiras e ironias.

É importante destacar que lendas urbanas e boatos são faces de uma mesma moeda, assim podemos dizer que “um boato ou uma lenda urbana

é um enunciado ou uma narrativa breve, de criação anônima, que apresenta múltiplas variantes, de conteúdo surpreendente, contada como sendo verdadeira e recente em um meio social que exprime, simbolicamente, medos e aspirações.” (RENARD, 2007, p. 98)

As lendas urbanas são lembranças coletivas com versões de verdade e de apelo à autoridade dos que fizeram parte do conhecimento popular e da cultura informal. Pelas lembranças armazenadas na memória, é permitido ao sujeito imaginar, sonhar, lembrar, interpretando o que foi vivenciado de acordo com estímulos peculiares.

Amambai também tem suas lendas urbanas, que com o tempo estão se perdendo, seja em função das novas tecnologias de comunicação ou informação, seja porque as atuais gerações não valorizam a história de seus antepassados.

Almiro Pinto Sobrinho relata a história do Professor João Propicio Brum, que utilizava um método diferenciado para ensinar seus alunos. O professor levava seus alunos para fora de sala de aula onde ensinava sobre a fauna e flora, o peculiar era que as aulas aconteciam embaixo de árvores e beira de rios. Relatos não oficiais dão conta que certo dia o professor comprou um lote de ovelhas e saiu em direção a Ponta Porã, e nunca mais ninguém teve notícias dele.

Outro personagem relatado pelo senhor Almiro, seria a de um senhor de cor negra que devido a sua cor foi apelidado de Bola Sete, que vivia perambulando pelas ruas do então Patrimônio União, recebendo donativos de famílias, realizando pequenos serviços, porém sem uma casa para morar. Em certo dia foi encontrado morto dentro de um buraco com água, buraco este que foram feitos para fixação de pés direitos para a construção da Cooperativa de erva mate na década de 40. Ninguém sabia seu nome e nem mesmo de esse personagem viera. A incógnita permanece até os dias atuais.

Havia também o Genésio Lobisomem, apelidado por este nome porque vivia perambulando pelas ruas da cidade no período noturno, sem, contudo, molestar ou importunar os moradores. Era comum ele chegar nas rodas de conversas que havia em bares e principalmente em uma ramada de plantas que ficava em frente ao cine Primavera, e após tomar ciência do assunto que era discutido naquele momento, ele repassava o assunto para outro local de concentração, fazendo com que a população se mantivesse informada sobre diversos assuntos do cotidiano. Assim ele colocava em prática a mais velha mídia do mundo, o boato que circulava e atualizava as pessoas sobre os acontecimentos sociais.

Com o crescimento da cidade, o aumento no número de habitantes, o surgimento de novos

comércios e espaços sociais, as rodas de conversa tão comum no passado deixaram de existir. Com isso, Genésio Lobisomem se isolou em sua residência, falecendo com aproximadamente 80 anos de idade.

Entre a criançada na década de 70 a 80 havia alguns personagens singulares.

Muito interessante era o Cid Panela. Magrelo, roupas sujas e amarrotadas, com um só dente na gengiva de cima, o pobre coitado vivia de mendicância pelos arredores da Igreja Matriz e do prédio da Câmara Municipal, localizados ambos na área central da cidade, o porquê do apelido nunca nos foi explicado, mas sabíamos que ele o odiava. Passava uma turma de garotos por ele e começavam a gritar: panela, panela, Cid Panela!

O pobre homem não se aguentava e saía em perseguição aos guris, tacando pedradas e proferindo xingamentos de toda ordem e espécie, estes se espalhavam, cada um corria para um lado em desabalada carreira, pois guri nessa idade corre mais que vento de agosto.

Cansado do esforço perseguidor, Cid voltava para seus cobertores e lá vinha de novo a catrefa de capetinhas a repetir, panela, panela...Terminava o dia o Cid estava mais morto do que vivo, cansado, pois tantos moleques passavam por ele, tantos o incitavam, tanto ele

corria atrás, xingava e jogava pedras e o pior que o quadro se repetia várias vezes ao dia, eram várias as turmas, uns indo pra escola, uns voltando desta, indo jogar bola, tudo era motivo para desviar o percurso, passar em frente à Câmara e mexer com o coitado do Cidanela!

Havia também o seu relacionamento com outras pessoas, tanto que ele frequentava a Secretaria Municipal de Educação tinha sua sede ao lado da Câmara Municipal, para ganhar seu copo de café diário, e em um sábado em que havia curso de capacitação para professores na SEMED, ele adentrou na cozinha e não sendo percebido sua presença, após a conclusão do curso ele ficou trancafiado e somente com a presença da copeira no outro dia para limpar as dependências para o expediente da segunda feira é que foi encontrado, dormindo sossegado.

Belo dia, não mais que de repente sumiu o Cidanela. Lá se foi ele para Campo Grande fazer tratamento - diziam uns, outros afirmava que os parentes o levaram para morar com eles no interior de São Paulo e ainda havia quem garantisse que havia passado desta para melhor. O fato é que ficou um vazio naquele território tão dele, um espaço tão Cidanela, entre a Câmara e a Igreja. Só depois que de seu desaparecimento é que foi percebido pelos envolvidos no seu dia a dia a real importância que o Cid tinha para todos.

Cid Panela está lá em cada lembrança da infância daqueles que um dia cruzaram com ele e escutaram seus improperios.

Outro personagem conhecido desta época e alvo de nossas zombarias era o 'Chimite'. Este apelido ele o tinha por que a qualquer questionamento, sobre sua pessoa, sobre o tempo ou sobre o preço do gado, respondia com o gesto da mão indicando positivo. Anão, de um metro e meio mais ou menos, tinha ele, um leve retardo mental, visto que era picolezeiro e sabia dar troco e tudo mais, ou seja, fazia cálculos.

Mas coitado dele quando atravessasse o caminho da molecada. Pois quando estava com um carrinho de picolé uma turma o distraía e a outra lhe assaltava os geladinhos. Que traquinagem!

Quando era encontrado solitário pelas ruas da cidade, crianças lhe provocava com xingamentos, ficando enfurecido a ponto de ele tentar avançar contra as crianças.

Já quando aposentado seu hobby era frequentar a praça no período noturnos visitando os vendedores de lanches e espetinhos, mas ainda era motivo de chacota de brincadeiras com crianças.

Um fato comentado também é de que teria salvado a uma pessoa política que estava desmaiada com o rosto em uma poça d'água.

O acervo de nossas memórias faz com que cada um de nós seja o que é, com que sejamos, cada um, um indivíduo, um ser para o qual não existe outro idêntico.

PARTE IV – SAUDADE, AFETO E HOMENAGENS

MEU AMIGO MEIRE!

Você deixará saudades, saudades dos momentos compartilhados das conquistas, das aventuras, das suas palavras de conforto em momentos de tristeza, palavras de conselhos.

Momentos de trabalho nas madrugadas no Hospital Regional, revisando prontuários médicos para atender as demandas burocráticas.

Sua ética, sua prontidão, as broncas no serviço era para que todo o andamento do trabalho atendesse padrão qualidade.

Tinha muito a agradecer a você por confiar em mim, trazendo para sua terra natal Amambai há 18 anos.

Com certeza que você deixará uma herança em suas filhas e netos de sua ilibada conduta.

TERTULIANA FREITAS DE SOUZA - TUTA

Tertúlia, do espanhol tertulia, “reunião de pessoas”.

TERTULIANA: aquela que participa da reunião

Quando temos amigos para se reunir, seja no trabalho, seja nos momentos de lazer, sorrir.

Assim era minha amiga TERTULIANA FREITAS DE SOUZA ou simplesmente “TUTA”. Sempre com um sorriso no rosto, não havia momentos de tristezas.

Em nossa vida temos relacionamentos pessoais com diversas pessoas. Alguns temos certeza de que irão fazer parte de nossa vida inteiro, assim imaginamos que será.

Nossos compromissos diários, nossas mudanças de estilo e até de cidade. Os encontros diminuem, quando acontece.

Dizer a todos amigos que cada um teve seu papel em minha vida. Suas lembranças e amizades são guardadas no coração, mas na mente que surgem os momentos de alegria, das palavras de animo, carinho.

Nós conhecemos em um ambiente de trabalho e assim nossa amizade se solidificou, nos afastamos, sem notícias.

Entretanto recebi a triste notícia que nos deixou a algum tempo,

Mas tenha a certeza de que deixou marcas de amizade.

Nesse momento sinto um vazio que se alastra se expandindo a saudade que tanto me completa.

DANIEL ESCOBAR

Em outras campinas
Foi montar
Para curar e marcar
Mas principalmente laçar

Assim Daniel Escobar
Deixa saudades
De um esporte
Que parou por conta da idade

Foi lá no Bila na parada
Início da laçada
Que aprendeu na infância
Mas quem o laçou foi a namorada

Sentindo a maciez do couro
Da sela e do laço
Montou caravanas com esforço
Para percorrer o Estado

Assim foi Daniel Escobar
Deixou de herança o carinho
E o gosto para os netos
Além dos filhos Tuti, Sergio e Daniel

Mas esperamos em Deus
Que no leito de Dor
Se recupere o filho Evandro
Para relembrar do pai as laçadas

A esposa Idee
Deixou com orgulho
Seu amor para sempre...

WILSONIR GOMES VASCONCELOS

Wilsonir Amigo
Filho de Laudelina e Benigno
Encerra um sorriso

Nascido Curussuambá
foi ao mundo estudar
medicina para curar
para tanto cruzou o mar.

Voltou a Amambai
Buscou da adolescência o amor
Heloir é a flor

Atendeu seus pacientes
com medicamentos pela homeopatia
mas como herói
sucumbiu pela pandemia

Dos amigos e parentes
deixa uma lacuna de saudades
de voluntário e bom dançarino...

TRISTEZAS DA SAUDADE

Já começa a bater a SAUDADE de minha amiga Helena Aparecida ou simplesmente Dona Cida.

Aos 72 anos de idade, jovem no espírito, sorriso no rosto.

Assim recordarei de minha vizinha, das conversas na roda de tereré ou mesmo de chimarrão.

Das suas saídas pela cidade de bicicleta.

De suas brigas com seus animais de estimação.

Tinha no corpo a força do sobrenome ROCHA.

Fico na lembrança o seu largo SORRISO.

ÁGUAS PARADAS NÃO MOVEM MOINHOS...

Pai!!

Águas paradas não movem moinhos...

Mas o vento que soprou no Oceano Atlântico trouxe o navio que aportou em Santos em 08 de janeiro de 1954.

Do sonho de uma terra desconhecida, tornou realidade e colheu uma linda flor em maio de 57.

Os resultados surgiram.

Seus ideais, seus conselhos, sua vida e principalmente sua fé moveu montanhas.

Montanhas talvez intransponíveis, mas com coragem e oração ganhou mundo.

Sua coragem, seu amor ainda que não presente, movem nossos corações, borbulhando em nossos pensamentos.

Sua vida inspira e ainda moverá os seus, apesar da SAUDADE...

TE AMAMOS.

SAUDADES!!! PROFESSORA VIVIANE

Professora!!!

Como foi compensador fazer parte do grupo de alunos a quem você propôs partilhar seus conhecimentos, sempre com sua fala mansa, ensinando com carinho.

Certas pessoas marcam a nossa vida e você foi uma delas: com suas mensagens conseguiu marcar-nos e, com certeza, são mensagens e ensinamentos que irão permanecer em nossos pensamentos e.... mais do que isso nos darão a possibilidade de transmiti-los porque você, Prof^a Viviane, com sua alegria, entusiasmo, determinação e grande competência nos capacitou para isso.

Tivemos o privilégio de aprender, além dos conhecimentos da área de história, sobre amizade, ética e humildade.

Entre tantos professores, você foi uma das mais marcantes em minha formação.

Obrigado por sua dedicação e por seu trabalho, pois como seu aluno tenho a certeza de que por meio de suas palavras de incentivo, eu e meus colegas, teremos a possibilidade de alcançar nossos sonhos.

Obrigado por tudo!

Obrigado pelo privilégio de ser seu aluno!!!!!!

AMIZADES

Amizade (do latim amicus; amigo, que possivelmente se derivou de amore; amar, ainda que se diga também que a palavra provém do grego) é uma relação afetiva, a princípio, sem características romântico-sexuais, entre duas pessoas. Em sentido amplo, é um relacionamento humano que envolve o conhecimento mútuo e a afeição, além de lealdade ao ponto do altruísmo. Neste aspecto, pode-se dizer que uma relação entre pais e filhos, entre irmãos, demais familiares, cônjuges ou namorados, pode ser também uma relação de amizade, embora não necessariamente.

A amizade pode ter como origem um instinto de sobrevivência da espécie, com a necessidade de proteger e ser protegido por outros seres.

Alguns amigos se denominam "melhores amigos". Os melhores amigos muitas vezes se conhecem mais que os próprios familiares e cônjuge, funcionando como um confidente. Para atingir esse grau de amizade, muita confiança e fidelidade são depositadas.

Muitas vezes os interesses dos amigos são parecidos e demonstram um senso de cooperação. Mas também há pessoas que não necessariamente se interessam pelo mesmo tema, mas gostam de partilhar momentos juntos, pela companhia e amizade do outro, mesmo que a atividade não seja a de sua preferência.

A amizade é uma das mais comuns relações interpessoais que a maioria dos seres humanos tem na vida. Em caso de perda da amizade, sugere-se a reconciliação e o perdão. Carl Rogers diz que a amizade "é a aceitação de cada um como realmente ele é".

O Dia do Amigo (também conhecido como "Dia da Amizade") é comemorado em 20 de julho.

A amizade tem sido considerada pela religião e cultura popular, como uma experiência humana de vital importância, inclusive tendo sido santificada por várias religiões. No Poema de Gilgamesh, se relata a amizade entre Gilgamesh e Enkidu. Os greco-romanos tinham, entre outros vários exemplos, a amizade entre Orestes e Pílades.

Na Bíblia, cita-se no livro de 1 Samuel, a amizade entre Davi (que depois se tornaria rei em Israel) e Jonatas (filho do Rei Saul). Os evangelhos canônicos falam a respeito de uma declaração de Jesus, "Nenhum amor pode ser maior que este, o de sacrificar a própria vida por seus amigos."

Salomão escreveu a sabedoria da Amizade em seus Provérbios: "Em todo o tempo ama o amigo, e na angústia se faz o irmão".

AMIZADES II

Bela relação afetiva
Relacionamento humano
Envolve conhecimento
Amor e Lealdade
Relação entre pais e filhos,
Entre irmãos, ou namorados,
Instinto de proteger e ser protegido
Segredo para um confidente.
Partilham momentos juntos
Senso de cooperação.
Santificada pela religião
Experiência vital importância.
Do doce reencontro
Lembranças para sempre
Para isso componho
As dores e os sonhos

PARTE V – POESIA, ORALIDADE E CULTURA POPULAR

AS JARDINEIRAS E OS SONHOS

Para as nossas crianças de hoje é difícil para elas imaginarem que havia um ônibus com um bagageiro em cima e as malas vinham amarradas e as vezes traziam até animais, mais esse antigo meio de transporte além de transportar as pessoas, transportavam também sonhos em uma região que começava a se desenvolver.

Cada viagem era um ato inesquecível, poeira entrava porta adentro, pois eram sem janelas, outras vezes a lama que, desafiando os que teimavam passar pelas estreitas estradas que rumavam para Ponta Porã ou para Sacaron (Iguatemi).

As jardineiras eram o único meio de contato com o resto do Brasil, traziam cartas de parentes assim como encomendas.

Jardineiras de Silo Vargas, os ônibus do Darci Salgueiro, homens que desafiavam todos os tipos de obstáculos para transportarem, sonhos e do

A cada pedaço de estrada um verdadeiro desafio, que ao final era até festejado depois de sair de um atoleiro por exemplo.

A dificuldade no trajeto era tanta que a pequena viagem de 90 quilômetros para Ponta Porã, hoje dura-se 1 hora, anos atrás em dia de sol, demorava-se no mínimo 6 horas, com a velocidade máxima de 40 km por hora e aos dias chuvosos sem previsão de chegada.

Depois de anos em estradas empoeiradas, pedras, pontes de madeira, eis que surge a rodovia Guaira Porã, cortando o Cone Sul, e assim também veio a modernidades dos ônibus que nos dias de hoje são confortáveis e aquela jardineira com bagageiro em cima é coisa de causos, histórias e lembranças, por sinal belas lembranças dos tempos dourados, onde as paradas para o cafezinho seja no Ponto Alto, no Tagí ou mesmo no Bulicho Seco se tornavam pontos de encontros.

A ARTE DE AMAR NO NASCIMENTO

Estavam nas almas de mães e avós,
Muitas vezes pelos ranchos e estâncias
Percorrendo trechos a sós
Por sua função na serventia.

Com providencias divina
Por rumos distantes,

Embaixo de sóis escaldantes,
Com cuidado de amiga.

Uma arte milenar
Mulheres com grande valia
Com o ofício de partejar
Confiança transmitia

Chás, unguentos e ervas
Panos limpos e água quente
Muitas vezes era urgente
Para chegada das crianças

Dos nascidos rebentos
Para agradecer o dom recebido
Recebiam como afilhados

A mãe feliz recebia
A chegada dos herdeiros
Com conforto e garantia

Suas ferramentas eram
Tesoura para cortar o umbigo
e ajeitar a posição
As divinas mãos.

para atender sem dias e horas
Assim essa homenagem vai as parteiras,
Marica, Senhorinha, Inácia,
Josefina, Quita, Cívica entres outras tantas.

ANOTAÇÕES DA VÓ CORNÉLIA

Anotações são memórias
De um tempo de outrora
Pequenos papéis várias histórias
Lidas por pessoas do agora

Cornélia com belas letras
Começa um longo apontamento
Anotadas pela luz das estrelas
Lembranças do passado e de momentos

Pedro Armand seu pai o Vasco Francês
Maria Joaquina sua mãe que era Vieira
Casaram-se com festa sem doces
Pois o Sul era revolução até na fronteira

Filhos gerados na vinda ao Mato Grosso
João Pantaleão Nascido no Uruguai
Serviliano ferido por homens perigosos
Cornélia batizada em igreja no Paraguai

Prudêncio nascido em Nhú Verá
Morte por disparo acidental
Casada com Osório Sofia era
Já com Osório irmão o crupe foi fatal

Filhos e netos lembranças têm
Tempo dos sobrinhos e afilhados
Ao passado as anotações remetem
Os filhos do exército foram soldados

Vacina para febre amarela
Remédio para bicha
Para alívio o azeite
Vacina para febre amarela

Da morte da Noelina e da Deolinda
Ao nascimento do marido José Silveira
Já idosa a letra tremida
Só não há cura para frieira.

DESFILES

7 de setembro lembrança de menino
Memórias saudosas do passado
Arquivo no fundo do coração
Pensamento mergulhado e profundo

Levantando cedo ao clarear da lua
Enfileirados com os amigos
Passos marcial
Pelas poeiras da rua

Calça azul, camisa branca
Com o sol a pino
Sonho antigo
Ao som cadenciado da fanfarra

Estudei sobre Dom Pedro a proclamar
Sonho de infância

Para o povo ao seu redor aplaudir e concordar.
Desfile pela independência

Entretanto agora adulto
Olhando os mastros
Vejo toda a carência
Que nos trouxe a independência.

DÁ-SE A LUZ

O sol vai descendo
Amambai anoitecendo
Tudo escurecendo
Lamparinas acendendo

A luz esvaecendo
Com o vento batendo
Na disputa com vagalumes
Nada os aborrece

Nas aulas de educação
Nas mãos do cirurgião
Na igreja a religião
Todos com Lampião

De um engenheiro
Como uma candeia
Surge uma ideia
Construir uma usina

Surge de um visionário
Com a união de um povo
Sem dar trégua
Usar do rio a água

Hidrelétrica Pandui
No papel um croqui
No chão o concreto
Ao lado um angico preto

Construindo com disciplina
Instala-se a turbina
Novos desafios
Postes de madeira com fios

Nada que seja desanimador
A não ser o transformador
Na chuva subir a escada
Para ligar fúsil era enrascada

Pequena era a energia
Nova opção surgia
Motor estacionário
Funcionou a beira rio

Nova opção para a escuridão
Do rio Paraná
Usina Urubupungá
Acabou a sofridão

APELIDOS

A nossa cultura é muito rica. Basta que procuremos os meios para pesquisar e divulgar para conhecimento da população.

Dentre muitas raridades quero trazer a baila a importância dos apelidos. Muitos são os indivíduos que os que carregam consigo a vida inteira sem que muitos não saibam ou não souberam os nomes verdadeiros.

Podemos até arriscar algumas rimas com nomes de pessoas que nasceram ou viveram em Amambai MS.

Seu Juquinha com dona Toquinha;

Pole, com dona Calé e Caburé;

Colá com Tamanduá;

Xote com Minguote;

Tiri com Cachi e Capí;

Acrescentamos outras raridades:

Pancho

Pequeno,

Colhante,

Pilincho,

Napo,

Beijo,

Tuda,

Gringo,
Sinfó,
Maria Pinguela,
Tia Civica,
Xirua,
Cafurim,
Bafum,
Nieco,
Chimite,
Copeu,
Cheroso,
Leca,
Taitacho,
Quixó;
Jabuca;
Finca;
Cemitério;
Galize;
Cuequinha;
Quebra ovo;
João bagunça;
Ratão;
Tiche;

Bagre;

Patrola;

Perereca;

Além dos chicos que não são Francisco.

“No meu caso, eu até arrisco,

Porque o Osvaldo que está no registro,

Parece-me que é um sonho.

Conquanto o apelido COCONHO,

É com o qual me identifico”.

APELIDOS II

No curso de nossas vidas nomeamos e somos nomeados das mais diversas maneiras, prenomes e sobrenomes, apelidos, pseudônimos, entre outros tipos de antropônimos são resultados das quais somos identificados e identificamos nos diferentes espaços sociais.

Os apelidos existem porque circulam de boca em boca, fazendo parte de processos de identificação. Eles cunham identidades em simples atos de nomeação, ajudando à construção de identidades relacionais.

Há apelidos que ocorrem por circunstâncias acidentais. Ao assumirem, atribuírem e, sobretudo, ao fazerem circular os apelidos, os jovens constroem laços de identidade pela forma

como se nomeiam entre si e como entre si se reconhecem através dos atos de nomeação. Entretanto alguns apelidos não são reconhecidos ou aceitos pelos nomeados.

Os apelidos são formas que identificam e qualificam um indivíduo socialmente, através de características físicas ou morais (qualidades e defeitos), nomes de profissão ou cargo, nomes étnico-geográficos e ainda nomes resultantes de algum episódio da vida do indivíduo, fornecendo-nos informações linguístico-culturais da sociedade.

Nas conversas diárias é normal alguém dizer:

Vou levar meu carro no fininho para fazer um conserto elétrico.

Vou tomar uma cerveja no Miltinho.

Tenho de levar o meu carro lá no Limusine.

O Cascudo é filho do Cascudo pai.

O Copeu trabalha na farmácia.

O Kiba é contabilista.

Dona Calica, a mãe do Tidinho.

Será que tem vaga na lavagem do Ferrugem?

O Nilo é médico!

O Deja já foi prefeito, etc.

CONCLUSÃO

Chegar ao final desta obra é como retornar lentamente de uma longa viagem pelas lembranças de Amambai e de seu povo. Cada texto aqui reunido representa fragmentos de vidas, histórias, sentimentos e experiências que ajudam a compor a identidade cultural desta região de fronteira. São memórias simples, mas profundamente significativas, que resistem ao tempo e permanecem vivas na alma daqueles que carregam consigo o orgulho de pertencer a esta terra.

Ao revisitar o passado, percebemos que Amambai foi construída muito além de suas ruas, casas e instituições. Sua verdadeira formação está nas relações humanas, nos vínculos familiares, nas amizades, nos costumes, nas tradições e na força de trabalho de homens e mulheres que enfrentaram dificuldades para transformar o antigo Patrimônio União em um importante município do sul de Mato Grosso do Sul.

As narrativas presentes neste livro revelam uma sociedade marcada pela convivência comunitária, pela solidariedade e pelo contato direto com a natureza. Os rios, córregos, matas e ervais não eram apenas elementos da paisagem, mas parte integrante da vida cotidiana. Neles se

trabalhava, se pescava, se brincava e se construíam memórias que ainda hoje permanecem no imaginário coletivo.

Também fica evidente a forte influência cultural da fronteira. A convivência entre brasileiros, paraguaios e indígenas produziu uma identidade regional singular, expressa na linguagem, nos costumes, na culinária, nas crenças, nos apelidos, nas músicas e nas formas de convivência social. Essa diversidade cultural é uma das maiores riquezas de Amambai e merece ser constantemente valorizada e preservada.

Ao longo destas páginas, muitos personagens foram lembrados. Alguns tiveram destaque na política, na religião, na educação ou na economia regional. Outros permaneceram conhecidos apenas no círculo das amizades e da comunidade local. Porém todos, independentemente de posição social ou reconhecimento público, possuem importância dentro da construção da memória coletiva amambaiense.

Vivemos atualmente um tempo de rápidas transformações tecnológicas e sociais. Muitas práticas antigas desapareceram ou foram substituídas por novos hábitos. As brincadeiras de rua, os encontros nas varandas, os antigos armazéns, as rodas de chimarrão, os desfiles cívicos e tantas outras experiências passaram a existir apenas na lembrança de quem viveu esses

momentos. Por isso, preservar a memória tornou-se um ato de resistência cultural.

Este livro não pretende encerrar a história de Amambai. Pelo contrário. Ele busca incentivar novas pesquisas, novos registros e novas iniciativas voltadas à preservação da memória regional. Ainda existem inúmeras histórias guardadas nas casas, nos álbuns de fotografias, nas conversas familiares e no coração dos moradores mais antigos.

A memória de um povo não pode ser esquecida ou abandonada. Quando uma fotografia se perde, quando um documento desaparece ou quando uma história deixa de ser contada, parte da identidade coletiva também se perde. Registrar essas experiências é uma forma de homenagear aqueles que vieram antes de nós e contribuíram para que esta cidade existisse.

Espero sinceramente que esta obra desperte nos leitores o desejo de valorizar ainda mais a cultura regional, de ouvir os mais velhos, de preservar fotografias, documentos e lembranças, além de compreender a importância histórica e humana do antigo Patrimônio União.

Que as futuras gerações possam conhecer não apenas a cidade moderna que Amambai se tornou, mas também os caminhos percorridos por aqueles que construíram sua história com trabalho, esperança, coragem e simplicidade.

Porque enquanto houver alguém disposto a recordar, contar e preservar essas histórias, a memória de Amambai continuará viva.

SOBRE O AUTOR

Albertino Fachin Dias é licenciado em História pela Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS), Unidade Universitária de Amambai. Atua como pesquisador e memorialista dedicado ao registro da história regional de Amambai e da fronteira Brasil-Paraguai. É presidente do Instituto Histórico e Geográfico de Amambai (IHGA) e do Instituto de Planejamento Econômico e Social (IPES), colaborador voluntário do Instituto Eduardo Dutra Lescano, membro fundador da Academia Amambaiense de Letras e integrante do grupo de voluntários Payasonrisa. Por meio de pesquisas, documentos, fotografias e relatos orais, desenvolve importante trabalho de preservação da memória social, cultural e histórica do antigo Patrimônio União e da região sul-mato-grossense.

Entre memórias, fotografias, personagens históricos e narrativas do cotidiano, *Amambai: Patrimônio da União de um Povo empreende uma busca por fragmentos da formação social, cultural e afetiva de uma das mais importantes regiões de fronteira do sul de Mato Grosso do Sul. A obra reúne crônicas, poesias, relatos memorialísticos, registros históricos e homenagens que revelam a riqueza humana do antigo Patrimônio União, atual Amambai. Rios, ervais, carretas, desfiles, brincadeiras de infância, pioneiros e tradições populares compõem um mosaico de lembranças que preserva a identidade regional e valoriza a memória coletiva de um povo marcado pela diversidade cultural da fronteira Brasil-Paraguai.*